

**CARLOS ROBERTO DE MELO ALMEIDA**

**A GRANDE GUERRA (1914-1918) E OS BOLETINS SEMANAIS DE  
JÚLIO MESQUITA**

**ASSIS**

**2017**

**CARLOS ROBERTO DE MELO ALMEIDA**

**A GRANDE GUERRA (1914-1918) E OS BOLETINS SEMANAIS DE  
JÚLIO MESQUITA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientador(a): **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tania Regina de Luca**

Bolsista: FAPESP/Processo 2014/17.512-7

ASSIS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

A447g Almeida, Carlos Roberto de Melo  
A Grande Guerra (1914-1918) e os boletins semanais de  
Júlio Mesquita / Carlos Roberto de Melo Almeida. Assis,  
2017.  
117 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientador: Dr<sup>a</sup> Tania Regina de Luca

1. Guerra Mundial - 1914-1918. 2. Imprensa brasileira. 3.  
Mesquita, Júlio, 1862-1927. 4. O Estado de São Paulo (Jornal).  
I. Título.

CDD 070

Carlos Roberto de Melo Almeida

**A GRANDE GUERRA (1914-1918) E OS BOLETINS  
SEMANAIS DE JÚLIO MESQUITA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

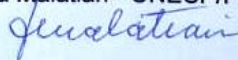
Data da Aprovação: 25/09/2017

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Profa. Dra. Tânia Regina de Luca - UNESP/ASSIS

Membros: Profa. Dra. Teresa Maria Malatian - UNESP/FRANCA



Profa. Dra. Ana Luiza Martins Camargo de Oliveira - CONDEPHAAT/SÃO PAULO



Aos meus pais, Leda e Carlos

## AGRADECIMENTOS

A trajetória encerrada na conclusão desta pesquisa teve seu início em 2009, em minha mudança para a cidade de Assis com o objetivo de cursar a Faculdade de História da UNESP. Desde então, amigos, professores, alunos e funcionários têm feito parte do caminho que agora chega ao fim de mais um ciclo.

Dessa forma, gostaria de agradecer em primeiro lugar aos meus pais, Carlos e Leda, pelo apoio sempre presente. Um agradecimento especial não poderia faltar, igualmente, à minha irmã, Caroline, pelos intermináveis diálogos sobre História, profissões e carreira acadêmica. À professora Tania Regina de Luca, orientadora desde a Graduação, um agradecimento todo especial pela paciência, cuidado e orientação precisa, sem os quais esta pesquisa não teria sido levada a cabo.

Agradeço às professoras que compuseram a Banca de Qualificação, Ana Luiza Martins e Teresa Malatian, pelas correções e apontamentos para a continuação da pesquisa. Agradeço, igualmente, ao professor Stéphane Audoin-Rouzeau, que se dispôs a orientar meus estudos em Paris, e aos funcionários da Bibliothèque Nationale de France, os quais foram sempre solícitos em todas as minhas questões, além da atenção inigualável às minhas dificuldades com o francês.

Agradeço, também, aos meus amigos da Graduação que agora trilham seus próprios caminhos na vida acadêmica: Dirceu, Mateus, Raphael, Victor, e tantos outros que guardo com carinho. Sou grato, igualmente, aos amigos conhecidos durante as disciplinas do Mestrado e o início da pesquisa, que tanto contribuíram na revisão de textos, opiniões e conselhos: Mírian, Camila, e, em especial, Giselle.

Agradeço, também, ao professor William e à Dayane, que tanto me auxiliaram com o francês e aos meus amigos durante o Estágio de Pesquisa na França: guardarei na memória a gentileza e a simpatia da Elodie, por meio de quem conheci a Alsácia, região tão significativa para uma pesquisa que toma como pano de fundo a Primeira Guerra Mundial, e as longas conversas com o Mark a respeito da História do seu país, os Estados Unidos, e do valor do conhecimento histórico.

Da mesma forma, devo agradecer aos funcionários da UNESP-Assis, sobretudo aos da Graduação, da Pós-Graduação, da Biblioteca e do Departamento de História, sem os quais o andamento da pesquisa não teria sido possível. Agradeço, de forma muito carinhosa, aos meus alunos do Colégio Cristo Rei, de Presidente Prudente, com os quais aprendo a cada dia a arte de ensinar.

Finalmente, agradeço à FAPESP (Processo 2014/17512-7) pelo apoio financeiro à pesquisa durante 24 meses, o qual possibilitou minha dedicação exclusiva e a realização do Estágio no Exterior, o que permitiu o acesso a novos documentos e a ampliação do meu horizonte intelectual, linguístico e pessoal.

ALMEIDA, Carlos Roberto de Melo. **A Grande Guerra (1914-1918) e os Boletins Semanais de Júlio Mesquita**. 2017. 120 f. (Dissertação em História). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.

## RESUMO

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) não mobilizou apenas as nações beligerantes nos campos de batalha, mas também foi travada no ar e nos mares. A utilização de novas tecnologias para vencer o inimigo foi um marco da Grande Guerra. No entanto, é necessário destacar que, além da indústria, o conflito mobilizou também a imprensa, constituindo-se como momento propício para que os periódicos tomassem posições e adentrassem no combate, em defesa de grupos e ideais. No Brasil, mesmo antes do fim da neutralidade, que só ocorreu três anos após o início das hostilidades, o campo dos Aliados já havia sido escolhido. O jornal, *O Estado de S. Paulo*, não ficou ausente dos debates e das ideologias mobilizadas em torno da guerra e pela pena do seu diretor, Júlio Mesquita, forneceu aos seus leitores interpretações do conflito. Os artigos do diretor do matutino, publicados sob o título “Boletim Semanal da Guerra”, acompanharam semanalmente os quatro anos do conflito, que se estendeu muito além do que esperavam os contemporâneos e acabou por envolver nações distantes do continente europeu. A presente pesquisa visou analisar, de forma sistemática, todos os Boletins escritos por Júlio Mesquita, com o objetivo de verificar de que maneira seus textos, produzidos no decorrer dos acontecimentos, construíram uma dada leitura da guerra, ao sabor das transformações em curso no movimentado cenário internacional do período. Para tanto, tratou-se de identificar as questões e as interpretações trabalhadas pelo diretor do matutino, de modo a mapear as representações publicadas sobre a Primeira Guerra Mundial, bem como analisar a relação entre a escrita de Júlio Mesquita e suas fontes.

Palavras-chave: Guerra Mundial - 1914-1918. Mesquita, Júlio - 1862-1927. O Estado de S. Paulo (jornal). Imprensa brasileira

ALMEIDA, Carlos Roberto de Melo. **The Great War (1914-1918) and the Weekly Reports of Júlio Mesquita**. 2017. 120 p. Dissertation (Masters in History). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2017.

#### ABSTRACT

The First World War (1914-1918) not only mobilized the belligerent nations in the battlefields, but also took place on air and at seas. The use of new technology to conquer the enemy was a mark of the First World War. However, it is important to emphasize that, apart from the industry, this conflict mobilized the press and made it a propitious moment for the newspapers to take a stand and engage in the combat in defense of groups and ideals. In Brazil, even before the end of neutrality, a clear statement arised only three years after lead-off hostilities, when the Allie's fields had already been chosen. The daily, *O Estado de S. Paulo*, wasn't absent of debates and ideologies on the War, and with Júlio Mesquita's feather, its director, the journal provided its readers with interpretations on conflicts. The morning pages, headlined ""Boletim Semanal da Guerra" [Weekly War Reports], weekly described four years of battle broadened beyond to what contemporaries expected, among distant nations in European continent. Withal, this system-oriented approach assays all Júlio Mesquita's writings. Indeed, it aims to check how his texts, written along the war events, brings forth a subjective view on the First World War, with the flavor of ongoing transformations in this active international scenario. Therefore, this work regards interpretations outlined by the morning journal director, concerning to map representations published on the First World War, as well as affinities between Júlio Mesquita's writings and its sources.

**KEYWORDS:** World War - 1914-1918. Mesquita, Júlio - 1862-1927. *O Estado de S. Paulo* (newspaper). Brazilian press.



Há três anos que a grande guerra é o tema que se pensa, se diz e se escreve em todas as línguas; há três anos que dela nos falam o livro e o jornal; há três anos que dela se fala, desde a mais modesta roda de palestra sem pretensões até ao parlamento mais eminente e à academia mais ilustre, e, entretanto, o que de tudo isto se apura, o que dela se pode afirmar com certeza e sem contestação, em poucas e simples palavras se resume: em Agosto de 1917, a grande guerra está onde, em Agosto de 1914, ninguém sequer imaginava que ela estivesse.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra, *O Estado de S. Paulo*, 06 de Agosto de 1917.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	3
Capítulo 1 .....	11
A guerra e <i>O Estado de S. Paulo</i> .....	11
1.1 A Primeira Guerra e a historiografia.....	12
1.2 O Boletim Semanal: estrutura e suporte .....	17
Capítulo 2 .....	25
A cultura de guerra e <i>O Estado de S. Paulo</i> .....	25
2.1 A Alemanha bárbara .....	26
2.2 Da guerra europeia ao conflito mundial: militarismo x democracia .....	45
Capítulo 3 .....	65
A imprensa francesa e <i>O Estado de S. Paulo</i> .....	65
3.1 A França sob a censura.....	66
3.2 Júlio Mesquita e a imprensa francesa: aproximações e distanciamentos .....	74
3.3 O período otimista (abril/1917-outubro/1918) .....	88
CONCLUSÃO.....	105
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	108
ANEXOS .....	113

## INTRODUÇÃO

O período imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi caracterizado como um período dos mais prósperos nos continentes europeu e americano, marcado pelo otimismo em relação ao progresso material. A chamada *Belle Époque* colocou em evidência a urbanização, a indústria, o avanço dos transportes e das novas formas de comunicação, que moldaram um mundo geograficamente menor e possibilitou alterações na vida cotidiana.<sup>2</sup>

Contudo, no cenário internacional, os nacionalismos e a corrida imperialista por novos mercados promoveram a distribuição dos territórios da Ásia e da África entre as potências europeias, com destaque para Inglaterra, França e Bélgica. A disputa provocada pelo novo colonialismo e a tensão entre a França e o então recém formado Império Alemão em torno das áreas convertidas em territórios germânicos com a unificação, foram fatores fundamentais para a deflagração da Primeira Guerra Mundial, conflito que esteve na raiz do declínio da Europa, que perdeu a centralidade desfrutada nos oitocentos.<sup>3</sup>

A “Grande Guerra”, termo cunhado por aqueles que vivenciaram o evento, irrompeu em agosto de 1914, tendo por estopim o conflito diplomático que envolveu a Áustria-Hungria e a Sérvia. Otimistamente, os envolvidos consideravam que até o Natal daquele mesmo ano a disputa, que mobilizou os avanços tecnológicos no campo dos armamentos, estaria solucionada. Contraditoriamente, a capacidade destrutiva propiciada pela indústria terminou nas trincheiras, com avanços irrelevantes em termos de conquista de território. O impasse prolongou a guerra de forma inesperada e acabou por envolver diversas nações: Turquia (1914), Itália (1915), Portugal (1916), o Brasil e os Estados Unidos (1917).<sup>4</sup>

O impasse das trincheiras foi o grande desafio da Primeira Guerra Mundial:<sup>5</sup> A guerra submarina, a utilização de gases venenosos e líquidos inflamáveis, bem como as alterações na política interna dos países – como o estabelecimento da obrigatoriedade do serviço militar – foram os meios utilizados para tentar mudar o

---

<sup>2</sup> SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord. geral); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida privada no Brasil*: república. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 513-619; TUCHMAN, Barbara W. *A Torre do Orgulho*: um retrato do mundo antes da Grande Guerra, 1890-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

<sup>3</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 38.

<sup>4</sup> Para acompanhar o início da Guerra e o impasse gerado pela industrialização das batalhas, ver TUCHMAN, Barbara W. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

<sup>5</sup> BERTONHA, João Fábio. *A Primeira Guerra Mundial*: o conflito que mudou o mundo (1914-1918). Maringá: Eduem, 2011. p. 40-9.

curso dos acontecimentos e finalmente vencer o inimigo.<sup>6</sup> Nessa perspectiva, as consequências da Primeira Guerra Mundial abrangem tanto a ruptura no padrão de violência quanto profundas alterações no campo geopolítico, do que resultou um novo mapa europeu e de suas áreas de influência.<sup>7</sup>

No Brasil, o conflito ocorreu num período marcado pela busca da sempre sonhada modernização e inserção do país no ritmo da sociedade industrial. É certo que houve avanços em termos da estrutura de transportes e portuária, ainda que a abrangência geográfica estivesse restrita às áreas que produziam para o mercado internacional. A urbanização e incipiente industrialização teve consequências importantes para a imprensa, que também conheceu avanços, marcados pela modernização do maquinário dos jornais e a difusão das imagens, sobretudo a partir da incorporação direta das fotografias aos periódicos. As notícias da Europa, trazidas pelos cabos submarinos desde o final dos oitocentos, possibilitaram a nossa inserção nos debates e projetos das elites tidas como modelos para o progresso nacional.<sup>8</sup>

Ao lado do progresso material, a imprensa registrou e participou ativamente das transformações pelas quais passou a sociedade brasileira e a Primeira Guerra Mundial foi intensamente debatida: as páginas dos cotidianos forneciam informação sobre o que se passava nos campos de batalha e assumiam posições diante dos grupos beligerantes. “Se não fossem os jornais brasileiros”, afirma Garambone, “a

---

<sup>6</sup> Ver HORNE, John (Dir.). *Vers la guerre totale. Le tournant de 1914-1915*. Paris: Tallandier, 2010 (coll. Contemporaine). Os autores tratam do “*tournant*” provocado pela Primeira Guerra Mundial no recrudescimento inaudito da violência no campo de batalha, contra os prisioneiros de Guerra e contra os próprios civis dos países inimigos. A partir de setembro de 1915 – e durante todo o primeiro semestre do ano de 1916 – as notícias e os telegramas publicados pelo jornal *O Estado de S. Paulo* trataram do debate sobre a obrigatoriedade do serviço militar na Inglaterra. Júlio Mesquita, em seus comentários sobre a Guerra, compreendeu a mudança na política inglesa como um sacrifício em prol da paz e da vitória contra o militarismo. A cobertura do debate no Parlamento inglês foi acompanhada por notícias, na mesma página dos Boletins, a respeito da campanha então iniciada por Olavo Bilac sobre o mesmo tema no Brasil.

<sup>7</sup> Sobre as consequências da Grande Guerra, ver BECKER, Jean-Jacques. *O Tratado de Versalhes*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. O autor insere o Tratado de Paz, assinado em Versalhes, na problemática específica do período do pós-Guerra, no qual os ressentimentos e revanchismos determinaram o seu fracasso como garantia da paz internacional.

<sup>8</sup> “Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. (...) [Essa transição] está naturalmente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação na imprensa é um dos aspectos desse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte.” SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 275. Nesse mesmo sentido, ver ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

população estaria alijada de toda a discussão sobre entrar ou não entrar na guerra”.<sup>9</sup> Apesar disso, são escassas as investigações sobre envolvimento de jornais e jornalistas brasileiros no conflito.<sup>10</sup>

Figurando entre os principais órgãos da imprensa brasileira na época, O *Estado de S. Paulo* publicou, no decorrer dos quatro anos da guerra, a cada semana, um conjunto escolhido de telegramas, acompanhados pelos comentários do diretor e proprietário da folha, Júlio César Ferreira de Mesquita (1862-1927), acerca do conflito que ocorria na Europa.

Tal cobertura, por sua vez, só foi possível graças à modernização ocorrida no período anterior. O jornal, fundado em janeiro de 1875 sob o título *A Província de São Paulo*, acompanhou o desenvolvimento da cidade na transição dos séculos XIX e XX: com 3.300 exemplares diários em 1885, o periódico elevou sua tiragem para 18.442 em 1897. Já durante os anos da Grande Guerra, estabelecido na Praça Antônio Prado, Palácio Martinico, quando imprimia entre 45.000 e 52.000 exemplares diários.<sup>11</sup>

Mesmo nas décadas anteriores à eclosão da guerra no Velho Continente, o jornal participou ativamente das batalhas políticas travadas no país. Assim, ainda no século XIX, defendeu a abolição do regime escravista e a República, e após assumir a direção do jornal em 1891, Júlio Mesquita empreendeu uma revolução editorial e evitou vínculos partidários explícitos, o que possibilitou à folha navegar no mar agitado da política e apresentar-se, quando conveniente, como órgão de oposição ao governo, destacando-se na defesa dos interesses da elite de São Paulo.<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> Vale destacar, inclusive, que o abandono da neutralidade inicial dos jornais ocorreu antes da postura governamental, o que pode indicar uma pressão, “direta ou indiretamente”, por parte da imprensa. “Entre 1914 e 1918, a imprensa brasileira passou entre a simpatia pela causa aliada e a simpatia pela tentativa alemã de redesenhar o mundo. E os jornais, depois de muito refletirem e discutirem os acontecimentos diariamente, aconteceram e, de forma incisiva, sugeriram como deveria ser esta entrada na guerra.” (GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 107-108).

<sup>10</sup> As pesquisas de Sidney Garambone, acima citadas, sobre a imprensa carioca são exemplos de caminhos de pesquisa sobre o tema.

<sup>11</sup> O sucesso da folha estava associado não apenas à sua atualização técnica, mas também à expansão crescente de São Paulo e da rede ferroviária que cortava a cidade e seguia em direção ao interior. Ver: *O Estado de S. Paulo*. Online: [http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat\\_periodicos/popup3/o\\_estado\\_de\\_sao\\_paulo.html](http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat_periodicos/popup3/o_estado_de_sao_paulo.html). Acesso: 26-07-2017. Ver também: BAHIA, Juarez. *Jornal, História e técnica: História da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009, vol. 1, p. 111-147.

<sup>12</sup> Ver CALDEIRA, Jorge. Julio Mesquita, o fundador do jornalismo moderno no Brasil. In: MESQUITA, J. *A Guerra*. São Paulo: Terceiro Nome, 2002. v. 1, p. 21-32. A relação entre o jornal e o poder estabelecido é, sem dúvida, cambiante. Na história recente do país houve momentos de alinhamento e oposição, de acordo com circunstâncias específicas. Tal relação permaneceu ao longo do século XX: na década de 1930, após a morte de Júlio Mesquita (1927), os representantes do jornal apoiaram

Não sem motivo, portanto, o *bravo matutino* foi objeto de várias pesquisas que evidenciaram suas potencialidades como fonte documental para a história do Brasil. O trabalho pioneiro de Maria Helena R. Capelato e Maria Lígia Prado, além de demonstrar o papel da imprensa como fonte de pesquisa para os historiadores, colocou em destaque as balizas liberais dos representantes do jornal em torno de um projeto político para o país, bem como a variabilidade do liberalismo defendido pelos seus representantes. Dessa forma, *O Estado de S. Paulo* apresenta-se como fonte fecunda para a escrita da história da imprensa brasileira, em função do lugar que ocupou na história do país.<sup>13</sup>

Nesse sentido, a pesquisa tomou como fonte e objeto de investigação a seção dedicada à Primeira Guerra Mundial, de autoria do então diretor e proprietário da folha, Júlio Mesquita. A seção, intitulada Boletim Semanal da Guerra, era publicada toda segunda-feira, fazendo as vezes de reportagem semanal do conflito, na qual era possível entrever as transformações ocorridas no palco europeu, segundo a articulação elaborada pelo diretor do *Estado*. No seu conjunto, esse material compõe um quadro geral que revela a interpretação que *O Estado de S. Paulo* conferiu à Primeira Guerra Mundial, ou seja, os Boletins de Júlio Mesquita constituem-se em fonte oportuna para a análise do desenvolvimento do conflito segundo a ótica de um importante nome da história do jornalismo brasileiro.

A pesquisa investigou como *O Estado de S. Paulo* se posicionou diante daquele momento histórico, tendo por objeto os escritos do seu diretor-proprietário. Não se trata, portanto, da Primeira Guerra Mundial em si, mas de averiguar o

---

Getúlio Vargas e, posteriormente, estiveram na liderança da Revolução Constitucionalista, o que levou Júlio Mesquita Filho, sucessor do pai na liderança do matutino, ao exílio. Para informações sobre o exílio de Júlio de Mesquita Filho, ver a obra organizado por Ruy Mesquita que reúne a correspondência entre ele e a sua esposa (ver FILHO, Ruy Mesquita (Org.). *Cartas do exílio*: a troca de correspondência entre Marina e Júlio de Mesquita Filho. São Paulo: Terceiro Nome, 2006). Para informações sobre a vida de Júlio Mesquita e a sua relação com *O Estado de S. Paulo*, ver: COSTA, Alexandre Andrade da. *Caleidoscópio político*: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo (1938-1945). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010; *Centenário de Júlio de Mesquita*. São Paulo: Anhambi, 1964; DUARTE, Paulo. *Júlio Mesquita*. São Paulo, Hucitec; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977 e as obras de Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado. Outra fonte de pesquisa é o próprio jornal, especialmente as reportagens acerca do falecimento de Júlio Mesquita: *O Estado de S. Paulo*, 16 de março de 1927, p. 01; e 18 de junho de 1927, p. 03.

<sup>13</sup> CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino. Imprensa e ideologia*: O Estado de S. Paulo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980; CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo*: a imprensa paulista (1920-1945). São Paulo: Brasiliense, 1989; CARDOSO, Irene. *A universidade da comunhão paulista*: o projeto de criação da Universidade de São Paulo. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1982; SALONE, Roberto. *Irredutivelmente liberal*: política e cultura na trajetória de Júlio de Mesquita Filho. São Paulo, Albatroz, 2009.

diálogo estabelecido pelo diretor do *Estado* com o conflito e as variações e adaptações exigidas pelas circunstâncias específicas de cada ano, visto que a guerra estendeu-se por quatro anos e envolveu nações fora da Europa.<sup>14</sup>

Vale destacar que a riqueza do material reside no amplo espaço dedicado pelo matutino ao tema, visto tratar-se de uma coluna semanal que atravessou os quatro anos do conflito.<sup>15</sup> Além disso, o lugar ocupado pelo jornal no início do século anterior confere aos seus artigos importância do ponto da história da imprensa no Brasil, o que convida a uma leitura mais atenta deste material, que também remete para o papel ativo da cultura e das representações compartilhadas durante o conflito.<sup>16</sup>

O conjunto dos Boletins publicados é abordado não apenas enquanto fonte, mas como o próprio objeto da investigação. Como se sabe, a realidade internacional entre agosto de 1914 e novembro de 1918 conheceu mudanças importantes, o que leva a perguntar sobre as alterações, ao nível do discurso, presentes nos textos publicados no matutino, ou seja, em que medida as mesmas se relacionavam com as mudanças operadas no cenário internacional e, tendo em vista que se trata de textos cuja autoria recai sobre um leitor distante, isto é, um jornalista brasileiro

---

<sup>14</sup> O conjunto dos Boletins referentes ao primeiro ano foi publicado na década de 1920. Com a publicação impedida na época pelo próprio Júlio Mesquita, o conjunto de todos os boletins veio a público em 2002 sob o título *A Guerra*, publicados pela editora Terceiro Nome em quatro volumes. A publicação do conjunto dos boletins foi celebrada na imprensa nacional e francesa. Ver "Um olhar globalizante sobre a 1.ª Guerra", *O Estado de S. Paulo*, 16 de fevereiro de 2003. Cada volume apresenta o resumo dos assuntos tratados por Mesquita em cada ano, fazendo uso, inclusive, de citações suas e de especialistas sobre a Primeira Guerra Mundial com a finalidade de confirmar as impressões do diretor do *Estado*. Mesquita é apresentado como observador atento dos acontecimentos políticos e militares da Guerra. Júlio Mesquita teria previsto, por exemplo, as consequências desastrosas do Tratado de Versalhes e da própria Revolução Russa. O resumo, na maioria das vezes de autoria de Fortunato Pastore, também procura apontar-lhe os erros, ao mesmo tempo em que apresenta as suas justificativas.

<sup>15</sup> O conjunto dos Boletins Semanais apresenta 21 ausências. Divididas por ano, notamos que não há nenhuma ausência nos meses de 1914, ao passo que são mais frequentes nos anos seguintes: ocorrem sete vezes em 1915: 04 de janeiro; 08, 15, 22 e 29 de novembro, seguidas nos dias 06 e 13 de dezembro; oito em 1916: 28 de fevereiro; 24 e 31 de julho, seguidas nos dias 07, 14, 21 e 28 de agosto e 04 de setembro; nenhuma em 1917; e seis em 1918: 25 de fevereiro; 04, 11, 18 e 25 de março e no dia 1º de abril. Como se vê, o número de ausências é maior em 1916. De acordo com Paulo Duarte, essas longas ausências ter-se-iam dado em razão do falecimento da esposa de Júlio Mesquita: "Só em setembro [de 1916] Júlio Mesquita retoma os seus comentários da guerra, interrompidos por motivo da morte de D. Lucila Cerqueira César Mesquita" (DUARTE, Paulo. *Júlio Mesquita*, São Paulo: HUCITEC, 1977, p. 98). Parece-nos, entretanto, que as perdas dos franceses em razão da Batalha de Verdun, iniciada em fevereiro, e do então recente embate no Somme (iniciado em julho daquele ano) igualmente entram como razões para a ausência dos Boletins Semanais durante tais semanas de 1916.

<sup>16</sup> Ver, por exemplo: NEVES, Lucia Maria Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. (orgs). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Faperj, 2006. Nesse sentido, foram tomadas como bases as conclusões de Roger Chartier acerca do papel ativo das representações e sua inserção no mundo político da sua origem.



escrevendo sobre um conflito no continente europeu, quais eram as suas fontes e como ele se apropriou das mesmas.

Tais indagações foram o ponto de partida da pesquisa e orientaram também a estrutura do trabalho. Tratou-se de mapear os Boletins, cujos resultados foram organizados numa tabela que procurou dar conta das grandes linhas de interpretação identificáveis nos artigos (ver Anexo 3). A sistematização dos dados indicou a existência de tendências discriminadas a seguir:

1) agosto/1914 – agosto/1915: período caracterizado pelo otimismo em relação à vitória da França e dos seus aliados e de esperanças quanto às batalhas futuras;

2) agosto/1915 – abril/1917: período que compreende uma fase de crescente pessimismo frente à possível vitória alemã; e

3) abril/1917 – outubro/1918: retorno ao otimismo sob outra roupagem, isto é, com destaque conferido ao papel desempenhado pelos Estados Unidos da América.<sup>17</sup>

A leitura e a interpretação do conflito, por parte do proprietário do jornal, estavam permeadas por valores coerentes com a linha editorial do matutino e se expressavam nas temáticas selecionadas em cada um dos momentos acima apresentados, entre as quais ganhou revelo o que se considerava como a barbárie alemã e o sacrifício francês – descrito frequentemente sob cores religiosas.

O primeiro capítulo, *A guerra e O Estado de S. Paulo*, subdivide-se em duas partes nas quais se apresentam as interpretações sobre a conflagração e o papel atribuído à imprensa nas produções historiográficas recentes. A seguir, tratou-se de descrever as características dos Boletins Semanais, enquanto suporte da escrita: localização na página, estrutura interna e estilo adotado.

O segundo capítulo, *A cultura de guerra e O Estado de S. Paulo*, também apresenta duas partes. Na primeira o objetivo foi analisar como Júlio Mesquita

---

<sup>17</sup> Essas dobras no discurso dos Boletins Semanais não são, evidentemente, estaques, mas devem ser lidas como tendências maiores ao longo dos textos. Existem, portanto, meses de transição nos quais é possível identificar elementos de duas “fases”: entre os meses de agosto de 1915 e janeiro de 1916, por exemplo, foi frequente a alternância de Boletins pessimistas e outros otimistas, caracterizando um período de transição entre duas tendências distintas. Por outro lado, Júlio Mesquita parece dialogar, principalmente, com a realidade internacional em seus textos, de modo que as alterações identificadas correspondem às mudanças significativas nos campos de batalha ou nas relações internacionais. A entrada da Itália em maio de 1915, por exemplo, conferiu espaço para o fomento do caráter otimista dos Boletins do período; ao passo que a realidade das trincheiras, a partir de novembro e dezembro de 1914, contribuiu para lançar um tom pessimista nos Boletins desses meses.

apreendeu a guerra em seu início e quais imagens construiu da Alemanha, ao que se segue uma tentativa de compreender suas motivações, em vista da conjuntura internacional.

O terceiro capítulo, *A imprensa francesa e O Estado de S. Paulo*, estrutura-se em três itens nos quais a personagem central é a França. O intento aqui é o de dar conta das relações que o jornalista estabelecia entre as fontes de que se valia para escrever os seus textos. Assim, tratou-se de analisar o período pessimista, com o objetivo de discernir quais as suas principais fontes e como delas fazia uso. A título de exemplo, destacou-se a batalha de Verdun, cujo espectro dominou todos os Boletins do primeiro semestre de 1916, dando margem a respostas diversas, conforme o andamento dos exércitos. Merece destaque o otimismo que toma conta dos textos a partir do segundo semestre de 1916, quando a confiança na vitória volta a dar o tom, que permaneceu até o final do conflito.

A pesquisa foi realizada com o auxílio da FAPESP, o que possibilitou, além da dedicação exclusiva, a realização de um Estágio de Pesquisa (BEPE) na Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine (BDIC), em Paris, sob a orientação do Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Stéphane Audoin-Rouzeau e do diretor da Biblioteca, Benjamin Gilles. O Estágio de Pesquisa foi fundamental para o contato com ampla e especializada bibliografia, por meio da orientação segura de um dos maiores especialistas no tema. Além disso, o período no exterior permitiu o contato com o acervo do *Historial* de Péronne, importante centro de memória e de pesquisa acerca da Primeira Guerra Mundial.

Dessa forma, tanto a pesquisa bibliográfica, sob orientação do professor Audoin-Rouzeau, quanto a consulta ao material disponível no acervo do Museu de Péronne, contribuíram para ampliar a bibliografia e estabelecer contato com um material não disponível no país, o que possibilitou novas incursões sobre as fontes de pesquisa, de modo a colocar novos problemas.

**Capítulo 1**  
***A guerra e O Estado de S. Paulo***

Neste capítulo, estruturado em dois itens, procurou-se reconstituir o ponto de partida da publicação semanal do Boletim de Júlio Mesquita, com o intuito de dar elementos que possam auxiliar no entendimento da análise dos artigos. Nesse sentido, apresenta-se, primeiramente, a reconstituição dos principais eventos relacionados à Crise de Julho de 1914, a qual desencadeou o início da Primeira Guerra Mundial, e as recentes abordagens acerca deste evento matricial para o século XX. A seguir, tratou-se de mapear a estrutura interna do material e o seu suporte.

### **1.1 A Primeira Guerra e a historiografia**

---

O verão europeu de 1914 assistiu inúmeras negociações diplomáticas entre as maiores potências do continente. O assassinato do príncipe herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, o arquiduque Franz Ferdinand (1863-1914), e de sua esposa Sofia Chotek (1868-1914), ocorrido no dia 28 de junho daquele ano, foi o estopim de uma crise crescente nas relações de poderes no Velho Continente.

O final da centúria anterior foi marcado pela consolidação do movimento neocolonialista nos continentes africano e asiático, bem como no progresso material e técnico das potenciais europeias – em sua maior parte por meio da extração de matéria-prima e mão de obra nos territórios colonizados. O fortalecimento econômico e a consequente ascensão política da burguesia na Europa, no contexto do capitalismo daquele período, fomentaram movimentos nacionalistas, os quais visavam, entre outros, a formação do Estado Nação, como o pan-eslavismo, presente entre as populações eslavas, dispersas entre os diferentes Estados europeus, em especial nos territórios sob o domínio austro-húngaro.

As grandes potências, por sua vez, como França, o recém formado Império Alemão e Inglaterra, batiam-se por manter e ampliar seu domínio colonial, a fim de assegurar o crescimento industrial e a liderança econômica. Formado com a posse da Alsácia-Lorena, antigo território francês, o Império Alemão procurou assegurar seu domínio colonial diante de sua antiga inimiga por meio do fomento ao seu poderio militar, o que também foi acompanhado pela França republicana, por meio de planos e estratégias de guerra em uma eventual guerra futura com o Império de Bismark.

Os movimentos nacionalistas, por sua vez, despontavam como ameaças ao poder dos impérios no interior mesmo da Europa, motivo pelo qual foram firmados acordos entre as nações, os quais objetivavam evitar uma guerra generalizada. Assim, durante a transição dos séculos XIX e XX França, Inglaterra e Rússia, de um lado, estabeleceram acordos entre si, em oposição aos Impérios Alemão e Austro-Húngaro, com o apoio da Itália, de outro.

O recrudescimento do militarismo entre as nações e a disputa por novas colônias que o desenvolvimento do capitalismo fomentou despertou a atenção da geração anterior à Primeira Guerra Mundial, então contemporânea desses eventos. O jornalista português Mariano Pina, em sua revista *Ilustração* (1884-1892), publicou gravuras e seções dedicadas às alianças firmadas entre as nações europeias. Em sua crônica de fevereiro de 1887 escreveu:

Só se fala em Guerra. Os grandes, como os pequenos estados, passam em revista os seus soldados, aumentam os seus efetivos, a espera de um conflito que possa rebentar, hoje ou amanhã, em qualquer ponto da Europa. A Rússia pode provocar uma nova questão com a Turquia e com a Áustria; a Áustria pode ter desejos de empreender uma campanha com a Rússia; a Alemanha com a França, e vice-versa – e é necessário estar preparado para o que der e vier, porque hoje uma Guerra europeia há de ter mais terríveis consequências que todas as Guerras de Napoleão I e que a própria Guerra franco-alemã de 1870.<sup>18</sup>

Nesse contexto, o assassinato do príncipe herdeiro da Áustria-Hungria, em junho de 1914, foi um marco na já existente tensão entre o Império dos Habsburgo e a diplomacia sérvia, uma vez que as motivações do crime estavam associadas a ideias de grupos nacionalistas presentes no território sérvio.<sup>19</sup> O período imediatamente posterior à morte de Franz Ferdinand foi marcado por extensas investigações e relativa tranquilidade nas relações entre os países. Contudo, acusado de oferecer apoio ao grupo responsável pela morte do arquiduque, o governo sérvio não aceitou na íntegra o ultimato austríaco, o qual exigia que as investigações fossem levadas a cabo por meio das autoridades austro-húngaras em território sérvio. Tal recusa motivou a declaração formal de guerra em fins de julho, e o conflito iniciado nos Bálcãs ativou a complexa política de alianças,

---

<sup>18</sup> *Ilustração*, ano IV, n. 3, 5 fev. 1887. A pesquisa e o levantamento de dados a respeito da revista de Mariano Pina foram desenvolvidos como projeto de Iniciação Científica, financiado pelo CNPq, entre agosto de 2011 e dezembro de 2013.

<sup>19</sup> O verão de 1914, também conhecido como “A Crise de Julho”, foi extensamente abordado em HASTINGS, Max. *Catástrofe, 1914: a Europa vai à guerra*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

estabelecida na transição da centúria entre França, Inglaterra e Rússia, de um lado e Alemanha, Áustria-Hungria e Itália, de outro.<sup>20</sup> Em poucas semanas, a guerra foi deflagrada em todo o continente.<sup>21</sup>

As razões para o envolvimento dos outros países dividem pesquisadores. Uma vez que o peso conferido a esta ou aquela nação pode denunciar um tom acusatório, próprio das primeiras interpretações do conflito. Para Júlio Mesquita, contemporâneo aos eventos e diretor d'*O Estado de S. Paulo*, o apoio alemão à causa austríaca havia provocado a declaração de guerra, interpretação compartilhada pelos primeiros historiadores do conflito. No entanto, não é possível negligenciar os fatores mais profundos como a ascensão dos nacionalismos, os conflitos pelas colônias e o crescente militarismo. O assassinato de Franz Ferdinand foi o ponto de convergência de inúmeras tendências que já circulavam na Europa há algumas décadas.

A Primeira Guerra Mundial, como ficou conhecida após o segundo conflito de caráter global (1939-1945), pode ser dividida em três grandes fases, as quais compreendem o período de movimento, até o final de 1914; a longa estagnação das trincheiras, que compreende todos os meses entre 1915 e 1917 e a retomada da guerra de movimento, já nos meses de 1918. Entre essas grandes linhas, inúmeras batalhas podem ser elencadas, além de avanços e recuos de ambos os lados, conforme veremos na análise dos Boletins de Júlio Mesquita, os quais percorrem todas as semanas do conflito.<sup>22</sup>

A guerra, declarada em agosto de 1914, mobilizou os avanços tecnológicos disponíveis na época, produzindo a estagnação das trincheiras, o que motivou a formação de estratégias que visavam à retomada do movimento bélico e avanços significativos frente ao inimigo. A consequência, a médio e longo prazo, foi a ruptura

---

<sup>20</sup> Nesse primeiro momento, ao alegar que a Alemanha – sua aliada – não sofreu ataque, a Itália não rompeu sua neutralidade.

<sup>21</sup> Acerca da guerra, as obras de Marc Ferro e Sondhaus são essenciais, por sua vez, para a sua compreensão na perspectiva da macro-história, com destaque para o desenrolar do conflito e das principais batalhas travadas no *front*. O livro clássico de Bárbara Tuchman, *Canhões de Agosto*, ao tratar das primeiras batalhas, é igualmente importante em razão da relevância das mesmas na linha de reflexão de Júlio Mesquita: para o proprietário do *Estado*, a guerra foi decidida favoravelmente aos “Aliados” já em agosto de 1914, quando a Inglaterra entrou em defesa da Bélgica invadida.<sup>21</sup> Por fim, a obra de fôlego de Sílvia Correia é relevante para compreender desdobramentos do conflito no entre guerras. Sobre a participação do Brasil, o livro de Amado Cervo e Clodoaldo Bueno oferece informações relevantes acerca da diplomacia brasileira durante a Guerra. Ainda sobre o Brasil, vale destacar a recente obra de Carlos Daróz, *O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia* (Contexto, 2016).

<sup>22</sup> Para maiores informações acerca das batalhas e da divisão proposta para o conflito, ver as obras de Sondhaus (2013) e Jean-Jacques Becker (2004).

do padrão de violência, estabelecendo o modelo moderno de guerra, que será reforçado no segundo conflito mundial e nos conflitos posteriores que marcaram a história do século passado.<sup>23</sup>

O saldo da guerra, finda em novembro de 1918, compreende 10 milhões de mortos, além de incontáveis feridos, mutilados, viúvas e órfãos. No campo historiográfico, a primeira preocupação foi estabelecer a responsabilidade de tal tragédia. Produzida pelos contemporâneos aos eventos ocorridos entre 1914-1918, tratava-se de identificar e classificar documentos oficiais, provenientes, em sua maior parte, da atuação das autoridades públicas, responsáveis pela condução do conflito:

Numa narrativa contada de cima para baixo, focavam a análise no Estado como ator central no esforço de guerra. Outros, num tom autojustificativo, sejam generais, políticos ou veteranos, escrevem no sentido de repor o seu lugar na vitória ou pedagogicamente apresentar algumas lições a ser apreendidas face a um novo conflito. Porém, tratavam-se de trabalhos densos e técnicos que raramente teriam aplicabilidade, dada a pouca divulgação, em experiências de guerra mais próximas.<sup>24</sup>

Novas incursões temáticas foram incorporadas nas gerações seguintes, de modo a dialogar com o paradigma marxista e com as novas abordagens culturais a partir de 1980. Foi somente após a retomada do “olhar por baixo”, que dava conta do combatente e dos civis envolvidos na guerra, que começaram a despontar trabalhos que privilegiam o aspecto da cultura.

Foi a partir das últimas décadas, portanto, que as abordagens historiográficas colocaram em evidência o quanto foi alterada a percepção daqueles eventos pelas gerações que os sucederam, o que colocou em destaque os modelos interpretativos que davam conta da dimensão da conflagração, exigindo abordagens capazes não apenas de analisar as operações militares e as questões acerca da

---

<sup>23</sup> “Au cours de l’année 1915, alors que le conflit prend le visage inattendu d’une immense guerre de positions associées au poids massif de l’action de l’artillerie, de nouvelles représentations du champ de bataille se forgent chez les écrivains et les artistes, qui mettent en valeur deux images qui pourraient paraître contradictoires : d’une part, celle du premier grand conflit mécanisé de l’histoire – la guerre « moderne » de feu et d’acier, « de fer et de gaz », de sciences et de techniques ; d’autre part, celle de la guerre des tranchées où les hommes enterrés dans un océan de boue s’affrontent en un combat dont les formes archaïques semblent d’un âge. » RASMUSSEN, Anne, Sciences et techniques: l’escalade, 1914-1915, in HORNE, John. . *Vers la guerre totale*. Le tournant de 1914-1915. Paris: Tallandier, 2010, p. 97.

<sup>24</sup> CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial. *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 652, jul./dez. 2014.

responsabilidade dos países envolvidos, mas também a mobilização econômica, social e intelectual causada pela guerra.

Assim, a abordagem cultural da guerra compreende não apenas as elites dirigentes e os responsáveis pelas decisões militares, mas também os combatentes, seus sentimentos, as estratégias que mobilizaram em busca da sobrevivência, bem como o papel desempenhado pelos intelectuais e pela imprensa durante o período.<sup>25</sup> Nesse contexto, para além das análises nacionais, os trabalhos recentes a propósito da guerra têm partido de perspectivas transnacionais, de modo a serem capazes de acompanhar os aspectos que englobam todas as nações envolvidas na conflagração:

O puzzle criado pela multiplicidade das abordagens resultantes da viragem cultural da historiografia da guerra demonstra uma variedade grande de objetos, como os seguintes: guerra e loucura; relação entre civis e soldados; a guerra imaginada, a guerra representada e a guerra recordada e comemorada; a realidade da retaguarda; o mundo dos civis e a sua interpretação do conflito; as razões da guerra e os sentimentos dos entrancheirados; a violência de guerra e as práticas de consentimento.<sup>26</sup>

Nesse aspecto, o conceito de *cultura de guerra*,<sup>27</sup> compreendido como “um conjunto de práticas, de representações, de atitudes, de criações dos anos 1914-1918”<sup>28</sup>, confere relevo à maneira segundo a qual as razões do conflito e as operações militares foram apresentados à opinião pública pelos meios de comunicação (os jornais, as revistas e o cinema). Portanto, o seu estudo, em

---

<sup>25</sup> “A historiografia da Grande Guerra acompanha, com algum protagonismo, as mudanças operadas na historiografia do século XX ao longo de três fases, que não são estanques. A primeira é contemporânea ao conflito. Entendendo a excepcionalidade do momento, ela é orientada por políticos e oficiais que iniciam discursos de propaganda para posteriores apuramentos de responsabilidades. A segunda fase, entre as décadas de 20 e 60, é dominada por uma história diplomática e militar indiferente às temáticas mais ligadas aos combatentes, sendo rara a publicação de monografias que os analise. Apela-se ao pacifismo através da divulgação de documentos diplomáticos em torno das causas e consequências da guerra. Nos anos 60, inaugura-se, por seu turno, uma perspectiva social e cultural, contemporânea, desta vez, do gradual desaparecimento dos últimos combatentes.” CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. *Políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal (1918-1933): Entre a experiência e o mito*. Dissertação de Doutoramento em História Política e Institucional Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Julho de 2010, p. 18.

<sup>26</sup> *Idem*, p. 21.

<sup>27</sup> A formulação desse suporte teórico ocorreu durante os colóquios *Les sociétés européennes et la guerre de 1914-1918*, em Nanterre, em 1988, e *Guerre et Cultures*, no Historial de Péronne, em 1992.

<sup>28</sup> « un ensemble de pratiques, de représentations, d’attitudes, de créations des années 1914-1918 ». LEMOINE, Thierry. *Culture(s) de guerre, évolution d’un concept*. In : YPERSELE, Laurence van. *Questions d’histoire contemporaine : conflits, mémoires et identités*. Paris : PUF, 2006, p. 136, APUD : CORREIA, Sílvia. *Op. cit.*, p. 20.



particular dos jornais e das revistas, durante a Primeira Guerra, surgiu como corolário dessa atenção às questões culturais.<sup>29</sup>

Justifica-se, assim, uma pesquisa que toma como fonte e objeto os artigos do jornal *O Estado de S. Paulo*, uma vez que por meio dos seus Boletins, o matutino paulista participou ativamente dos debates em torno da Guerra e compartilhou os temas privilegiados pela cultura de guerra das nações envolvidas.

## 1.2 O Boletim Semanal: estrutura e suporte

---

A primeira publicação do Boletim Semanal da Guerra foi concomitante ao início das hostilidades na Europa, uma vez que Júlio Mesquita, na primeira semana de agosto de 1914 e sem assinatura, passou a acompanhar o andamento do conflito por meio da publicação semanal.

É digno de nota, em primeiro lugar, que o tratamento do tema não era de toda uma novidade, uma vez que a crescente tensão nas relações entre as potências europeias, desde o atentado contra o príncipe do Império Austro-Húngaro em 28 de junho de 1914 foi acompanhada pelo jornal nos meses precedentes à guerra.<sup>30</sup>

Além disso, o início da nova coluna não foi previamente anunciado e aparenta ser uma adaptação à realidade dos acontecimentos naquele dado momento: na quinta-feira, 06 de agosto, poucos dias após as declarações de guerra entre as

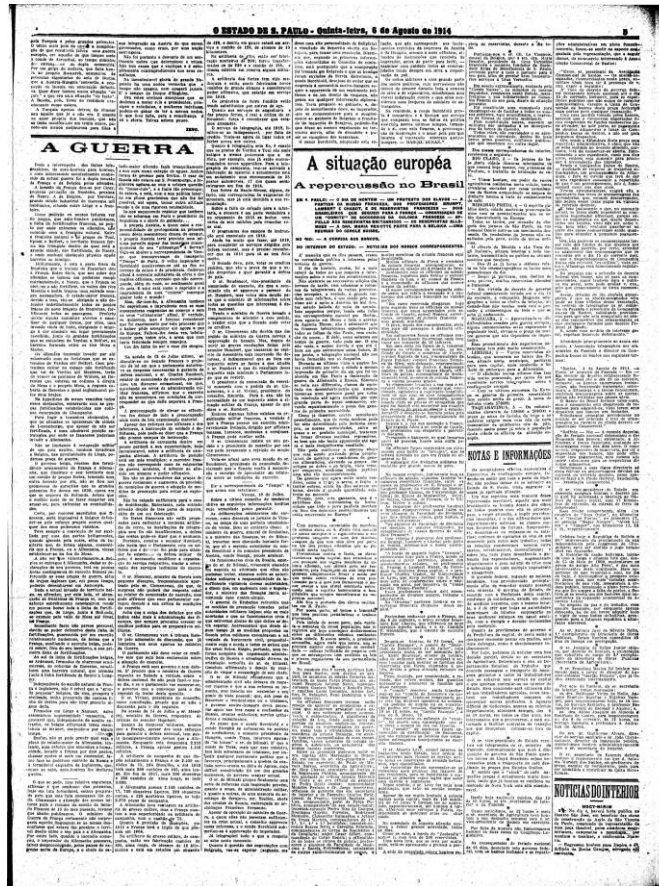
---

<sup>29</sup> O deslocamento do status da imprensa enquanto fonte e objeto de pesquisa para a escrita da História não se restringe, todavia, às pesquisas concernentes à Primeira Guerra, inserindo-se no movimento mais amplo da própria historiografia: «Nessa perspectiva, os periódicos, polos em torno dos quais se reuniam e disciplinavam forças e instrumentos de combate e intervenção no espaço público, oferecem oportunidades privilegiadas para explicitar e dotar densidade os embates em torno de projetos políticos e questões artístico-literárias que, longe de esgotarem-se em si mesmas, dialogam intensamente com os dilemas do tempo.» LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 03. Entre as abordagens transnacionais, destaca-se o *Historial de la Grande Guerre*, localizado em Péronne, França. O Museu tem por objetivo reunir documentação (material e audiovisual) proveniente das diversas nações envolvidas no conflito.

<sup>30</sup> Vale destacar, neste ponto, que o matutino paulista empreendeu, nas décadas anteriores, um esforço modernizador, sem o qual não seria possível tal tratamento dispensado sobre a guerra na Europa: “Em meados de 1890, *O Estado* importou a sua primeira impressora do tipo Marinori; seis anos depois o jornal anunciava a compra de uma nova máquina, agora rotativa. Em 1908, foi reformado todo o material tipográfico, passando a composição a ser executada por meio de linotipos e adquirida outra máquina, uma *Albert* de “altíssima velocidade, capaz de produzir vinte e três mil e quatrocentos exemplares de dezesseis páginas dobradas por hora” (apud Duarte, 1977, p.12). Nesse momento a tiragem do periódico atingia a casa dos dezoito mil exemplares, o que significava que, uma vez composto, a sua impressão consumia menos de uma hora. Em 1912, o jornal lançou mão de empréstimos por debêntures visando a compra de imóveis para a construção de novas instalações para as oficinas, redação e administração, além de haver encomendado uma nova impressora e linotipos. (...) Por essa época *O Estado* possuía sucursais e correspondentes próprios em Lisboa, Roma, Paris, Londres, Washington e Buenos Aires, (...)”. LUCA, Tania Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 37-38.

potências da Europa, foi publicado o primeiro artigo do diretor do jornal sob o título “A Guerra”

**Figura n.º 1: Boletim Semanal da Guerra – 1ª publicação**

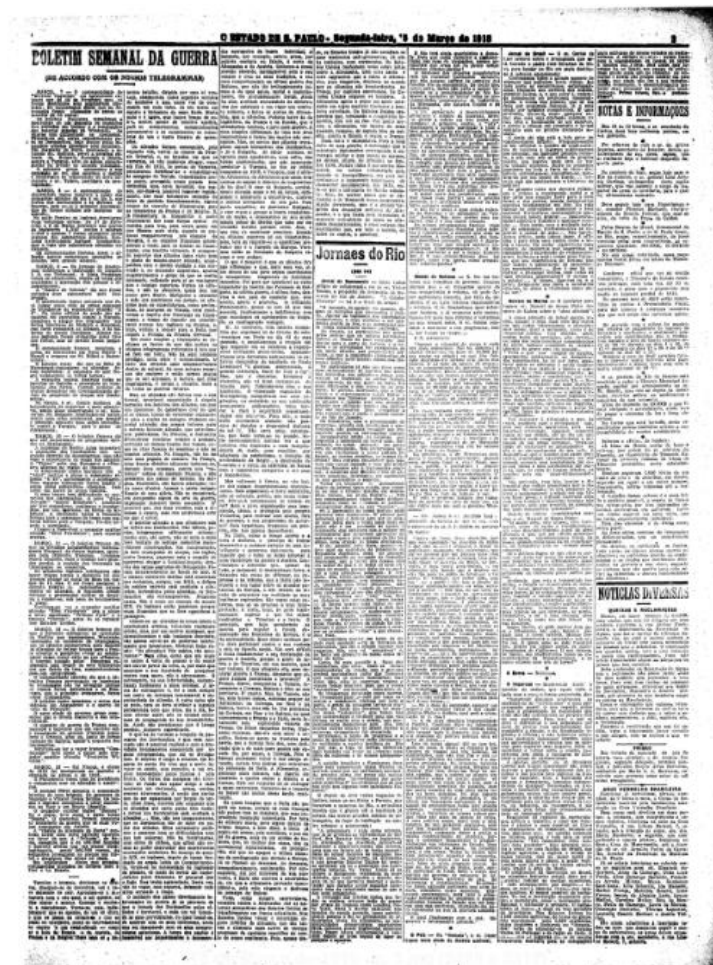


Fonte: *O Estado de S. Paulo* – Acervo Online

O estilo e os objetivos do texto - reportagem sobre o andamento da conflagração - se enquadram, com perfeição, ao perfil do que depois ficou conhecido como os Boletins Semanais. Foi somente a partir da segunda publicação, quatro dias depois, que o texto apareceu sob o título “Boletim Semanal da Guerra (de acordo com os nossos telegramas)”, e já a partir dessa data passou a ser precedido pelo resumo dos telegramas publicados pelo jornal ao longo da semana. Tal estrutura se manteve até o último Boletim, publicado em 14 de outubro de 1918, a um mês do armistício de Compiègne, que pôs fim à Guerra.<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Em 11 de novembro de 1918.

Figura n.º 02 – Boletim Semanal da Guerra (15/03/1915)



Fonte: *O Estado de S. Paulo* – Acervo Online

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o início da nova coluna foi o resultado das adaptações diante da nova realidade internacional: um novo nicho de leitores foi identificado, uma vez que o conflito austro-sérvio havia tomado proporções continentais de uma conflagração europeia. A convicção de um fim breve, por sua vez, pode ser indicado como base para o caráter semanal da coluna, o que é confirmado durante os meses seguintes, devido às constantes ausências justificadas pela “falta de interesse” dos movimentos bélicos.

Quanto ao suporte do texto,<sup>32</sup> vale lembrar que a publicação do Boletim localizava-se em quase todas as edições na terceira página do jornal, ocupando de duas a sete colunas, e dividia espaço com outras seções e publicidades e não raro

<sup>32</sup> Conforme as observações de Roger Chartier, a relação entre o texto e o seu suporte é complexa, de modo a dotar o conteúdo publicado de diferentes sentidos conforme a materialidade do suporte. Ver CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp; Imprensa Oficial do Estado, 1999.

com o editorial “Notas e Informações”.<sup>33</sup> A estratégia gráfica do jornal era a de colocar o Boletim em destaque por meio da sua localização fixa. Os telegramas que invariavelmente o precediam lhe conferiam a impressão de verdade desejada pelos editores do jornal.

No que tange ao conteúdo, os textos do diretor do jornal constituem uma forma específica de dar conta da realidade internacional por parte do matutino, pois, ao contrário das notícias esparsas durante a semana, o Boletim Semanal da Guerra reunia, em duas colunas, o resumo das principais notícias veiculadas pelo telégrafo ou pela imprensa durante a semana finda e apresentava, na sequência, o texto do diretor do jornal, o qual explicitava sua interpretação das notícias anteriormente selecionadas e publicadas. Essa estratégia gráfica, além do caráter semanal do texto, que saía todas as segundas-feiras, convidava o leitor a guardar esse material para consulta posterior, constituindo-se como um resumo de toda a semana:

Em poucas semanas, a coluna editada pelo proprietário do jornal tornou-se uma mania entre os leitores: muitos recortavam e colecionavam os artigos, que os ajudavam a entender o andamento de uma guerra cada vez mais complexa. E a boa cobertura ajudou a aumentar as vendas, que se aproximaram dos 40 mil exemplares diários.<sup>34</sup>

Ainda, ao contrário dos comentários publicados durante os anos 1939-1945,<sup>35</sup> os Boletins Semanais tiveram início *depois* de declarada a conflagração na Europa e, por esse motivo, pode-se afirmar que o começo efetivo da guerra contribuiu para a sua escritura: Mesquita objetivou acompanhar a guerra e não apenas os debates ou as repercussões políticas por ela desencadeadas.<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> O editorial constitui-se em “matéria jornalística opinativa por natureza, impessoal e sem assinatura, sobre quaisquer acontecimentos, para expressar a posição do veículo ou da empresa que o edita” (BAHIA, Benedito Juarez. *Dicionário de jornalismo Juarez Bahia: século XX*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010, verbete “Editorial”, p. 132). O mesmo autor destaca a importância dos editoriais de *O Estado de S. Paulo* no período da Primeira Guerra Mundial para a própria história do jornalismo brasileiro: “Júlio Mesquita, em *O Estado de S. Paulo*, utiliza os editoriais de ‘Notas e Informações’, no final de 1915, para exorcizar suspeitas de participação do maior jornal paulista em créditos subvencionados pelo governo estadual. A defesa própria que faz, as explicações e os argumentos que oferece aos leitores demonstram uma nova concepção de jornalismo” (BAHIA, B. J., *op. cit.*, 2009, p. 164).

<sup>34</sup> CALDEIRA, Jorge. *Op. cit.*, 2015, v. 3, p. 209.

<sup>35</sup> Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), *O Estado de S. Paulo* publicou quadros com análises do andamento do conflito. Alexandre Andrade da Costa colocou em evidência como esses comentários caminhavam na contramão das diretrizes do Estado Novo (1937-1945), na forma segundo a qual os articulistas relacionavam a realidade interna com o que ocorria no cenário internacional. Ver COSTA, Alexandre Andrade da. *Op. cit.*, 2010.

<sup>36</sup> Nesse sentido, é interessante notar que o conteúdo dos seus comentários versava não apenas sobre os acordos diplomáticos ou as crises econômicas desencadeadas pelo conflito, mas também

Todavia, os artigos apresentam uma natureza complexa: não se observam comentários com perfil militar, nem análises profundas sobre as causas e as consequências do conflito. Para apreender, pois, com exatidão, o caráter conferido pela própria fonte ao seu material, é necessária a análise cuidadosa de suas declarações: o *Estado* se referia aos textos do seu diretor como “comentários”,<sup>37</sup> cujo interesse era o de construir a “história da guerra”,<sup>38</sup> sem descuidar, contudo, dos limites intrínsecos a essa escrita que se efetivava no decorrer dos eventos, pois Júlio Mesquita admitia os limites da sua redação. Além da dependência das notícias via telégrafo ou imprensa internacional, não ocultava a seleção operada sobre os mesmos, ao mesmo tempo em que declarava suas preferências e desconfianças. Assim, procurou justificar aos leitores a preferência pelos telegramas de Paris e Londres, lançando mão de dois argumentos: o primeiro se referia à maior frequência com que eram recebidos, ao passo que os telegramas de Berlim apareceriam “de quando em quando”, tornando inviável a sua utilização por parte de uma seção do jornal que objetivava acompanhar o desenvolvimento da guerra semanalmente. Outro motivo, afirmou, referia-se à natureza dos telegramas alemães: para Júlio Mesquita, se tratavam apenas de propaganda de guerra, ao passo que os telegramas da França e da Inglaterra, embora ressentissem da necessária propaganda dos Aliados, não haviam perdido “o seu caráter de informação”, motivo pelo qual o jornal lhes dava maior crédito: “Apareçam outros ainda mais insuspeitos na intenção e mais rigorosamente verdadeiros, e serão esses os que adotaremos”, afirma.<sup>39</sup>

E como se operava essa seleção? No Boletim do dia 15 de março de 1915, após descrever os avanços e recuos dos alemães na frente oriental, concluiu o diretor do *Estado*: “Eis como simples e claramente se *explicam* os fatos de que dão notícia os últimos telegramas referentes à luta que se fere em terra” (destaque do autor). O trecho evidenciado indica que, após selecionar o que julgava ser mais

---

tratava das operações militares, descendo, frequentemente, à detalhes da geografia dos campos de batalha, com o intuito de descrever o andamento da guerra aos leitores do *Estado*.

<sup>37</sup> “Achando-se o dr. Júlio Mesquita obrigado a repouso, em virtude de prescrição médica, deixa hoje de sair o comentário do 'Boletim da Guerra', que o nosso diretor nos envia todos os domingos”, in: *O Estado de S. Paulo*, 08 nov. 1915, p. 3. Igualmente o próprio Júlio Mesquita: “nossos modestos intuítos, que se realizam com um fugaz e alegre comentário aos acontecimentos capitais das semanas que passam”, in: *O Estado de S. Paulo*, 08 fev. 1915, p. 3.

<sup>38</sup> MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 07 jun. 1915, p. 3.

<sup>39</sup> MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 21 dez. 1914, p. 3.

confiável no material que recebia, seus comentários versavam sobre a *explicação* das notícias. Júlio Mesquita, portanto, estava ciente do trabalho de seleção, prévio ao seu, efetuado sobre os telegramas que eram enviados ao *Estado* e sobre as notícias divulgadas pela imprensa nacional ou internacional. Havia, assim, uma primeira seleção sobre o material informativo que o diretor do *Estado* recebia e/ou consultava. O critério dessa primeira seleção se resumia em “falso” ou “verdadeiro”, intermediado por notícias julgadas “prováveis”. Por isso, em 31 de janeiro de 1915, Mesquita considerou as notícias vindas de Londres como “pura invenção da legião de novos noveleiros”. Mesquita possuía, igualmente, consciência de sua dependência do telégrafo, o qual não revelava tudo o que se passava no campo de batalha: “Há nesta guerra muitos fatos ocultos, que nem em ecos amortecidos chegam às colunas dos jornais (...).”<sup>40</sup>

Assim, as notícias consideradas verdadeiras e principais eram descritas, de maneira pretensamente neutra, na lista cronológica dos telegramas que precedia o Boletim. Já o texto do diretor do *Estado* procurava *explicar* as notícias selecionadas, como se esclarece, de maneira ainda mais eloquente, no dia 31 de agosto de 1914, ao afirmar que seus Boletins “não dão soluções, nem se ditam sentenças, mas somente se procuram explicações plausíveis”.<sup>41</sup>

Tal caráter de indagação quanto às explicações possíveis frente às notícias recebidas pelo jornal também foi salientado por Jorge Caldeira em sua biografia sobre Júlio Mesquita:

Todas as notícias da Europa vinham de agências instaladas nos países em guerra, submetidas à censura militar. Mesmo os telegramas próprios, vindos da sucursal de Roma, passavam pelo crivo dos censores. Com isso, os jornais brasileiros recebiam pouco mais que peças de propaganda; na melhor das hipóteses, apenas notícias distorcidas. Júlio Mesquita substituía, com sua capacidade de análise, essas restrições impostas ao noticiário. O primeiro texto começava discutindo a escassez de telegramas originários da França, indicando problemas na frente de batalha – e daí em diante, o não dito seria tão importante quanto o escrito.<sup>42</sup>

Apesar da reserva necessária quanto às declarações do próprio autor dos Boletins, e da evidente presença de “soluções” e “sentenças” em seus textos,

<sup>40</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 18 jan. 1915, p. 3.

<sup>41</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 31 ago. 1914, p. 3.

<sup>42</sup> CALDEIRA, Jorge. *Op. cit.*, p. 208-209.

verificou-se que o seu trabalho e a especificidade do seu texto estão no caráter interpretativo diante do farto material que circulava na imprensa da época.<sup>43</sup>

A estrutura dos Boletins, de sua parte, permaneceu, basicamente, a mesma ao longo dos quatro anos do conflito, salvo em raras exceções; havia: 1) um contexto geral (a Primeira Guerra); 2) uma conjuntura específica (batalhas que configuram um dado momento da guerra) e, por fim, 3) um ou dois fatos de destaque da última semana. Em geral, o ponto de partida de Júlio Mesquita era o fato ocorrido durante a semana, do qual extraía considerações em torno das últimas batalhas e, apenas nesse momento, mais amplamente sobre a Primeira Guerra. Ao tratar do andamento global da guerra, Júlio Mesquita apresentava suas previsões sobre o seu desenvolvimento e era nesses últimos comentários que se expressavam, com maior liberdade, a opinião e o posicionamento do diretor d' *O Estado de S. Paulo*.

Apesar disso, são exíguos os trabalhos sobre a atuação do matutino em face dos acontecimentos da Primeira Grande Guerra.<sup>44</sup> O período caracteriza-se pela consolidação do modelo editorial e empresarial imposto ao *Estado* por Júlio Mesquita, o que lhe permitiu assumir e manter uma postura declarada, apesar das consequências danosas para o jornal, e fazer críticas à neutralidade do governo.<sup>45</sup> Além disso, os então recentes avanços materiais no que tange à impressão do papel permitiram a ampliação cada vez maior do número de leitores – em 1907, por exemplo, *O Estado de S. Paulo* já alcançava a impressão de 35 mil exemplares

---

<sup>43</sup> Nesse sentido, o jornal não se destacava por notícias presumivelmente inéditas.

<sup>44</sup> Não apenas para a relação entre o jornal e o conflito, mas a historiografia sobre a relação deste com o Brasil é escassa. Sobre a insuficiência de estudos sobre a Primeira Guerra no país, assevera Garambone: “A bibliografia sobre o Brasil e a Primeira Guerra, como já foi reforçado, deixa a desejar. Normalmente, o assunto está inserido em um ou outro capítulo de obras que falam exclusivamente dos tratados e das convenções diplomáticas advindos de negociações e acordos” (GARAMBONE, *op. cit.*, 2003, p. 26).

<sup>45</sup> Sobre a consolidação do modelo editorial de Júlio Mesquita para *O Estado de S. Paulo*: “A consolidação do jornal como uma publicação moderna, que fornecia notícias e artigos recebendo em troca dinheiro de anunciantes e leitores, aconteceu no início da segunda década do século. Em 1912, a empresa lançou debêntures no mercado para financiar sua expansão, conseguindo que até mesmo o capital viesse da comunidade a que servia, e não do governo” (CALDEIRA, Jorge. Júlio Mesquita, o fundador do jornalismo moderno no Brasil. In: MESQUITA, J. *Op. cit.*, 2002, v. 1, p. 29). Por sua vez, o alinhamento ao lado das nações “aliadas” provocou conflito entre o *Estado* e o *Diário Alemão*: “O jornal, que em 1913 havia obtido os maiores lucros em quase quarenta anos de existência, sofreu profundo abalo com o engajamento pró-aliado. Isso se deu porque a comunidade alemã de São Paulo, detentora de boa parte do comércio local, inicialmente ameaçou a direção do jornal e, por fim, retirou todos os anúncios do *Estado*, como forma de pressão para que Mesquita mudasse a linha editorial de seu diário. (...) A pressão somente cessaria em abril de 1917, quando o Brasil rompeu relações com a Alemanha” (SALONE, Roberto. *Irredutivelmente liberal: política e cultura na trajetória de Júlio de Mesquita Filho*. São Paulo: Albatroz, 2009, p. 91). Para detalhes da campanha do *Diário Alemão* ver DUARTE, Paulo. Júlio de Mesquita e o Estado. In: *Centenário de Júlio de Mesquita*. São Paulo: Anhambi, 1964, p. 139-320, e BAHIA, B. J. *Op. cit.*, 2009, p. 139-40.

diários com a rotativa Marinori, figurando com destaque entre 17 jornais diários de São Paulo.<sup>46</sup>

Evidentemente, não foi apenas o matutino da família Mesquita que se ocupou da guerra. Com o auxílio e as facilidades do telégrafo e do telefone, os principais jornais procuraram noticiar os leitores brasileiros a respeito do que se passava no outro lado do Atlântico.<sup>47</sup> O *Estado*, no entanto, destacou-se dos demais pela publicação semanal dos comentários do seu próprio diretor com base nos telegramas vindos da Europa, nos relatos de jornais europeus e nas correspondências de amigos, cobrindo os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial durante todas as semanas até outubro de 1918, com raras ausências.

---

<sup>46</sup> SOUZA, José Inácio de Melo. *O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2003, p. 19-20.

<sup>47</sup> Ver os autores supracitados que efetuaram pesquisas sobre o papel da imprensa carioca na cobertura da Guerra.



**Capítulo 2**  
**A cultura de guerra e *O Estado de S. Paulo***

Este capítulo abordou a estrutura sobre a qual Mesquita leu a guerra. Tratou-se de identificar os principais elementos utilizados e o período de sua formação, que compreende os meses de agosto a novembro de 1914. Uma vez estabelecida, tal representação manteve-se presente nos textos até outubro de 1918, data do último Boletim. Tratou-se, portanto, de compreender a chave de leitura estabelecida nos primeiros textos, identificar os seus elementos principais e os argumentos utilizados. A seguir, foi analisado como tal interpretação foi se expandiu para a compreensão completa do conflito, de modo a produzir uma leitura globalizante da guerra que se resumia nos pares *militarismo* e *democracia*.

## 2.1 A Alemanha bárbara

---

Por meio dos Boletins, Júlio Mesquita dava como certa a vitória da França e dos seus aliados logo no início da guerra, além de conferir ao conflito o sentido de uma cruzada da civilização liberal contra o militarismo. Logo, ao contrário do que foi afirmado por Garambone acerca da imprensa carioca,<sup>48</sup> o posicionamento a favor dos Aliados não foi fruto de maturação demorada, mas ocorreu de forma imediata à deflagração da guerra.

Quais razões podem ser apontadas para este alinhamento quase automático ao lado da França e dos seus aliados? Em primeiro lugar, a própria postura política do diretor do jornal e do seu próprio periódico, o qual militava no espectro liberal do contexto político nacional. Assim, apesar do olhar voltado para os campos de batalha e para os gabinetes do governo do Velho Mundo, a atenção de Júlio Mesquita permaneceu voltada para os dois lados do Atlântico, ao assumir a postura por ele chamada *antimilitarista*. Como afirmou em 21 de dezembro de 1914, por meio desse vocábulo, o diretor do *Estado* afirmava colocar-se contra qualquer forma de militarismo – “na Europa ou na América do Sul”.

Evidencia-se, assim, que os comentários sobre a guerra lhe permitiriam compor uma nova frente na política nacional. Não sem razão, uma vez que o diretor do *Estado* encontrava-se na batalha contra a política do Marechal Hermes, no bojo

---

<sup>48</sup> GARAMBONE, *op. cit.*, 2003, p. 57-63. O autor periodiza a imprensa carioca em dois momentos: a fase *neutra* e a *aliada*. O mesmo não pode ser dito acerca d’*O Estado de S. Paulo*, o qual se coloca como *aliado* já em agosto de 1914, por meio dos Boletins de Júlio Mesquita.

das eleições presidenciais de novembro daquele ano.<sup>49</sup> Seus ataques alcançaram tal envergadura que motivou a escrita do Boletim anterior ao Natal de 1914, no qual procurou justificá-los:

O *Estado* simpatiza com os aliados, não porque antipatiza com os alemães, mas porque diverge visceralmente da política autoritária e militarista, que desviou a Alemanha da sua luminosa missão e produziu esta guerra odiosa. Contra esta política, sim, temos toda a má vontade, onde quer que ela se implante e se firme, na Alemanha ou em outro qualquer país, inclusive o nosso. (...)

Ainda há pouco, ela tentou apoderar-se definitivamente do Brasil, (...) Na Europa ou na América do Sul, num poderoso império ou numa modesta república, opulento ou pelintra, dourado ou andrajoso, o militarismo é sempre o mesmo monstro repugnante, contra o qual toda a civilização deve erguer-se e lutar, até seu total aniquilamento.<sup>50</sup>

Dessa forma, o horizonte nacional também constituiu interlocutor na produção textual de Júlio Mesquita, ao lado da realidade internacional, de modo que se mostrou como uma das razões para o alinhamento na guerra já na primeira semana das hostilidades.<sup>51</sup> Assim, a relevância dos acontecimentos que vieram à luz a partir da Crise de Julho de 1914 – acompanhados com atenção pelo matutino paulista – e a oportunidade de combater o militarismo na política nacional com comentários sobre a guerra na Europa propiciaram a Júlio Mesquita a iniciativa de dar conta do conflito ainda durante o calor dos acontecimentos.

Vale destacar que, não obstante o caráter resumido dos dois primeiros textos, a leitura mais atenta salienta que ambos já revelam algumas das escolhas de Júlio Mesquita e a estrutura dos artigos seguintes. O primeiro texto, “A Guerra”, está dividido em três momentos: primeiramente, Júlio Mesquita tratou das mais recentes notícias, relevando a invasão da Bélgica e da França. Depois, o texto abordou o caráter imprevisível da guerra<sup>52</sup>. Após estabelecer esses dois pontos, o diretor do

<sup>49</sup> Paulo Duarte, em seus escritos acerca do diretor e proprietário d’*O Estado de S. Paulo*, realçou que a iniciativa dos Boletins Semanais se deu em meio às campanhas políticas de Júlio Mesquita. Ver DUARTE, Paulo. Júlio Mesquita e o “Estado”, In: *Op. cit.*, p, p. 139-320.

<sup>50</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 21 dez. 1914, p. 3.

<sup>51</sup> O militarismo aos olhos de Júlio Mesquita configurava-se como a maior das ameaças. Formado no seio de uma cultura republicana e liberal, e dirigindo um dos jornais que pugnavam por um modelo liberal para o país, Júlio Mesquita alinhou seus artigos ao lado das nações presumivelmente coerentes com o direcionamento editorial do jornal. Sobre as balizas liberais dos intelectuais em torno do jornal, bem como quanto à variabilidade do liberalismo defendido pelos seus representantes. Ver: CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *Op. cit.*; CAPELATO, Maria Helena. *Op. cit.*

<sup>52</sup> Teresa Malatian, ao analisar o conjunto dos artigos publicados por Júlio Mesquita nos Boletins Semanais, afirmou: “Ainda que os planos de mobilização, ataque e defesa fossem conhecidos pelo público informado, Júlio Mesquita afirmava nesse primeiro Boletim que “nenhuma das potências, hoje em luta formidável, estava preparada para que esta luta começasse tão cedo”. Publicava em favor de

*Estado* se voltou para a busca dos responsáveis pela tragédia: a França, a Inglaterra, a Rússia e a Bélgica enquanto vítimas empurradas para o conflito,<sup>53</sup> sobre o Império Austro-Húngaro, Mesquita ressaltou a ausência de desejo bélico por parte do seu povo e do seu imperador, Francisco José:

A própria Áustria, a quem cabe a responsabilidade de protagonista na primeira cena deste assombroso drama de sangue, a própria Áustria teria previsto uma mínima parcela sequer das imensas consequências do seu “ultimatum” à Sérvia? (...) O velho imperador e Berchtold mantiveram-se até ao fim no terreno da calma e da prudência.<sup>54</sup>

A Alemanha, por sua vez, também foi declarada inocente: os seus ultimatoss, responsáveis pelo conflito segundo alguns, seriam, na realidade, o meio pelo qual o imperador Guilherme II conseguiu, até então, manter a paz: “falhou-lhe desta vez, infelizmente para todos nós, a arma que com tanta felicidade manejou”, afirma.<sup>55</sup>

Onde estaria, pois, o responsável pela conflagração? De acordo com esse primeiro texto, “a corrente do militarismo” presente “como um capricho da corte e das regiões oficiais” do Império de Francisco José deve receber toda a responsabilidade pela eclosão da guerra:

[Os dirigentes do Império Austro-húngaro] Cederam afinal à corrente militarista da corte e das regiões oficiais, corrente que não corresponde,

---

sua tese um resumo da sessão do Senado da França, ocorrida em 13 de julho, com a intenção de reforçar a estupefação pelo rumo dos acontecimentos. Toda a política imperialista dos Habsburgo e suas relações com o império alemão foram apagadas deste e dos Boletins seguintes, que simplificaram ao extremo a análise dos motivos que levaram as nações europeias ao conflito.” No entanto, da leitura sistemática dos demais Boletins, pode-se inferir que o diretor do *Estado* não desprezava a política europeia anterior à conflagração (ver, por exemplo, o Boletim publicado no dia 31 de agosto de 1914: “[...] a guerra, que há muito era prevista e para a qual, há muito, todos mais ou menos se preparavam”); o que conduz à conclusão de que, em seu primeiro Boletim, apenas indicava que a referida guerra, apesar de previsível, não era esperada como a conclusão da Crise de Julho de 1914. Ver MALATIAN, Teresa. A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os Boletins de Guerra do jornal O Estado de S. Paulo (1914-1918). *Patrimônio e Memória*, São Paulo, Unesp, v. 9, n. 2, p. 205-219, jul.-dez., 2013, p. 205-219.

<sup>53</sup> Para provar isso, Júlio Mesquita alertou para a sessão ocorrida no Senado francês do dia 13 de Julho de 1914 – portanto, a três semanas do início do conflito –, a qual expôs o despreparo do exército francês frente aos soldados alemães.

<sup>54</sup> MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 06 ago. 1914, p. 3. O mesmo texto referente à sessão no Senado francês se encerrou com a tradução de uma carta que provaria, na complexa descrição da política do Império Austro-Húngaro, a ausência de desejo de guerra por parte do alto escalão da Monarquia Dual. O texto foi originalmente publicado no dia 13 de julho de 1914 pelo jornal francês *Le Temps*, sob o título “Lettre d’Autriche-Hongrie – Après le drame de Sarajevo”, o qual também traz a assinatura de seu autor: Marcel Duran. Disponível: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k241861j/f2.item.r=Marcel%20Duran.zoom>. Acesso: 05-02-2016.

<sup>55</sup> Idem.

além do mais, ao sentimento geral do país. E aqui está como o capricho e a imprudência de uma “coterie” consegue abalar todo o mundo!<sup>56</sup>

O ataque ao militarismo, desse modo, já se apresentou no primeiro artigo, com a conseqüente atribuição da causa do conflito a essa postura política. No entanto, vale ressaltar que, nesse momento, o militarismo não apenas não era identificado com a política alemã, mas a própria Alemanha foi declarada inocente e seu imperador como o responsável pela paz europeia até aquele momento.

O segundo artigo foi publicado apenas quatro dias depois do primeiro, em 10 de agosto de 1914. Daí para frente, a coluna passou a ser precedida pelo resumo dos telegramas publicados pelo jornal ao longo da semana; e esses apresentavam uma linguagem direta, ao trazer a notícia unicamente precedida da data de sua publicação.

No entanto, apesar da pretensa neutralidade dos telegramas, sua organização na página do jornal revelam seu caráter seletivo. Assim, os telegramas publicados nessa segunda impressão do Boletim partiram das notícias da morte do arquiduque, em 28 de junho, até o dia anterior ao da publicação do Boletim. O texto em tela, apesar de curto e direto, permite, também, evidenciar a estratégia narrativa do diretor do jornal: Júlio Mesquita se concentrou, essencialmente, na frente ocidental – na batalha entre a França e a Alemanha –, destacando que a resistência francesa se mostrava de maior eficácia se comparada com a guerra de 1870, quando a Alemanha alcançou a vitória sobre os franceses “uma semana depois que a mobilização alemã terminou”; ao passo que, naquela, para a qual a mobilização alemã foi encerrada há seis dias, a França ainda se mantinha em luta.

O intervalo curto entre os dois artigos – quatro dias – pode ser explicado pela análise dos telegramas que precederam o texto, os quais revelam que a mobilização alemã havia começado no dia 04 de agosto, contabilizando seis dias até a data da publicação do Boletim, isto é, uma semana. Ora, exatamente no Boletim que segue a apresentação desses telegramas, Júlio Mesquita chamou a atenção dos seus leitores para o fato de que a vitória foi conferida aos prussianos, precisamente, *uma semana* depois da mobilização dos seus soldados na guerra de 1870.

Evidencia-se, assim, que a apresentação dos telegramas não é neutra e está em sintonia com o conteúdo do Boletim, dado que ambos fornecem a interpretação

---

<sup>56</sup> Idem.

de que a fraqueza da França ou a força da Alemanha diferem entre as duas guerras, com vantagens para a primeira.

Durante os demais Boletins do mês de agosto o foco de Júlio Mesquita se concentrou, quase exclusivamente, na frente ocidental, parecendo tratar-se de uma nova guerra franco-alemã<sup>57</sup> e, até o final desse mês, os textos não aplicaram à Alemanha adjetivos que a reconheceriam como a responsável pelo conflito. Os três primeiros Boletins de agosto afirmavam, ao contrário, que o atraso da Alemanha, longe de imputar-lhe a culpa, garantia-lhe a inocência. Ademais, foi possível verificar que os quatro primeiros Boletins já apresentaram as principais marcas da leitura da guerra veiculada por Júlio Mesquita aos leitores de São Paulo: o seu caráter imprevisível – em razão da ruptura da neutralidade belga –, a comparação com a guerra franco-prussiana e a responsabilidade atribuída ao militarismo.

Parte dessa leitura proposta pelos Boletins de agosto começou a sofrer alterações no dia 31 e foi, em grande parte, reorganizada na primeira semana de setembro. Apesar de, já em 17 de agosto, com o exército alemão próximo a Paris, posicionar-se contra a política da Alemanha e da Áustria,<sup>58</sup> o diretor do matutino o fez sem atribuir aos alemães a responsabilidade pelo conflito. No final desse mês, contudo, Júlio Mesquita já estabeleceu as bases para atribuir à Alemanha a pecha de *barbárie*:

(...), tinha falado lord Grey. Foi para anunciar ao mundo a incrível selvageria de Louvain. Incrível, dizemos bem: a cidade indefesa, desarmada; as mulheres e as crianças removidas para destino ignorado; os homens fuzilados; as casas destruídas a bombas; incendiada a biblioteca; reduzida a ruínas uma igreja, que era um primor de arte. (...) Não há nada mais solene, não há nada que com tanta força se possa impor a mais robusta incredulidade. (...) Aquilo não é da Alemanha, da culta Alemanha, da terra de Kant e de Goethe. Aquilo não é da raça de Beethoven, Bach e Wagner. (...). Não se aceita que tenha caído em delírio de tão baixa e grosseira animalidade gente que se criou e se desenvolveu, através de todas as rudes vicissitudes da existência, com os olhos sempre fixos em nuvem tão alta e tão rósea de tão puro e tão doce idealismo. Não é capaz de tal brutalidade o povo a cuja ciência a humanidade deve um Leibnitz e de cuja arte desabrochou, como imperecível flor de resignação e meiguice, o vulto cândido e loiro de Margarida.<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> É digno de nota que a primeira iconografia dessa seção do jornal foi publicada no dia 17 de agosto de 1914 e ilustrava a frente ocidental, com destaque para a França, a Bélgica e a Alemanha (ver Anexo 6).

<sup>58</sup> “(...) neste doloroso instante da história da humanidade, a Alemanha e a Áustria têm contra si, pouco mais ou menos, o mundo inteiro”, Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 17 ago. 1914, p. 3.

<sup>59</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 31 ago. 1914, p. 3.

É interessante notar que o adjetivo utilizado por Júlio Mesquita para caracterizar a política e a atuação dos alemães na guerra – “selvageria” e, posteriormente, “barbárie” – corresponde a um conceito que expressa, numa longa tradição, a dicotomia entre ocidente e oriente.<sup>60</sup> Assim, de acordo com o excerto citado, à civilização encarnada na Inglaterra e na França se opunha a barbárie presente entre os alemães. A estratégia de Mesquita para provar o caráter anticivilizacional dos alemães são os massacres na Bélgica e o atentado contra a biblioteca – não por acaso símbolo tradicional do saber e do ocidente –, que lhe proporcionou a oportunidade de ler a guerra como o embate entre a civilização e a barbárie e, assim, apresentá-la aos leitores distantes do *front*. Em novembro do mesmo ano, quando essa representação da Alemanha está sedimentada, Mesquita utilizou o bombardeamento da catedral católica de Reims no intuito de provar novamente a barbárie alemã.<sup>61</sup> A biblioteca e a igreja cristã, portanto: dois símbolos do ocidente – da civilização, segundo Júlio Mesquita – contra os quais se movia a brutalidade germânica.

No entanto, a Alemanha do início do século XX não se equiparava aos povos germânicos do medievo. Mais de cem anos de filosofia alemã e desenvolvimento industrial conferiu à pátria de Goethe prestígio entre os intelectuais do período: a imagem de uma Alemanha culta, pátria de filósofos e tecnicistas, destoava de uma Alemanha bárbara. Tal impasse foi resolvido por Júlio Mesquita, ao afirmar que “aquilo não é da Alemanha”; antes – como dirá nos Boletins seguintes –, é a Alemanha tomada pelo militarismo, o responsável pelo desvario alemão e pelo conflito europeu.<sup>62</sup>

Em abril de 1915, Mesquita recorreu, novamente, às mesmas cores para pintar uma imagem da Alemanha caracterizada pela violência e pela selvageria.

---

<sup>60</sup> Nesse sentido, ver EKSTEINS, Modris. *A Sagração da Primavera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

<sup>61</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 02 nov. 1914, p. 3.

<sup>62</sup> Ao longo do primeiro semestre da guerra, Júlio Mesquita desenvolveu a tese segundo a qual existiam duas “Alemanhas”: uma militarista e outra civilizada. Peter Gay, ao tratar das leituras acerca da República de Weimar, afirmou que essa perspectiva foi recorrente entre 1914-1918, o que insere Júlio Mesquita em um quadro de referência europeu, no que tange às representações mobilizadas acerca da guerra: “(...) Weimar passou também a simbolizar um prognóstico, ou, pelo menos, uma esperança, para um novo começo; isso foi um reconhecimento tácito da acusação, amplamente divulgada nos países Aliados durante a guerra e veementemente negada pela Alemanha, de que na realidade existiam duas Alemanhas: a Alemanha orgulhosamente militar, abjetamente submissa à autoridade, agressiva na aventura externa, obsessivamente preocupada com a forma, e a Alemanha da poesia lírica, da filosofia Humanística e do cosmopolitismo pacífico”. GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 15. Tal leitura permaneceu nos Boletins de Júlio Mesquita até o mês de janeiro de 1915, a partir do qual as críticas se voltaram contra o próprio povo alemão e à sua cultura.

Desse modo, ao abordar o naufrágio de um navio mercante britânico, escreveu o diretor do *Estado*:

Navegava pelo Mar do Norte um navio mercante desarmado, conduzindo mercadorias e gente desarmada. Saía da Inglaterra, navegava para a África do Sul, e tinha apenas algumas horas de marcha quando de repente surge pela proa o periscópio de um submersível. Minutos depois, mortalmente ferido por um torpedo certo, o navio naufragava e ia rapidamente ao fundo, deixando à tona d'água cento e vinte pessoas, marinheiros e passageiros. É inútil descrever a cena, que naturalmente se apresenta aos nossos olhos, em seu imenso horror. (...) Do submersível, antes da catástrofe, não partiu nenhum aviso, e, depois, ninguém se moveu numa tentativa de socorro àqueles infelizes. A sua tripulação ria-se e gracejava, provavelmente erguia vivas ao "Kaiser", enquanto o abismo insaciável ia engolindo, um a um, os naufragos do navio desarmado.<sup>63</sup>

Evidencia-se, nesse trecho, a insistência sobre o fato de que o navio e os seus passageiros estavam "desarmados", com o propósito de dar ênfase ao caráter de injustiça do ocorrido. E Mesquita, mais uma vez, recorreu ao âmbito religioso para assinalar a oposição entre civilização e barbárie: "Foi isto no penúltimo domingo. Começava a semana em que anualmente os templos da cristandade se revestem de luto, (...) para a piedosa comemoração do suplício do Calvário",<sup>64</sup> de modo que ao sacrifício do Gólgota, pois, unia-se o sacrifício das vítimas da brutalidade alemã; tema ao qual voltará nos Boletins seguintes.

Esse processo que conduziu à consolidação da imagem de uma Alemanha bárbara teve início no mês de setembro de 1914, desde as suas primeiras semanas. Já no primeiro Boletim deste mês, ao comentar sobre dois telegramas recebidos pelo jornal, Mesquita afirmou que ambos, provenientes do britânico *Dayly Chronicle*, tinham origem na influência alemã sobre setores da imprensa inglesa e que essa "influência dos alemães em parte da imprensa da Tríplice 'Entente' é mais uma prova da superioridade do esforço com que eles se preparavam para a luta, aproveitando, com indiscutível habilidade, todos os elementos de êxito".<sup>65</sup>

Logo, um mês após a afirmação segundo a qual os ultimatos do imperador alemão visavam a impedir a guerra, o discurso sofreu alterações e permitiu afirmar que a Alemanha não apenas se preparou, mas que essa preparação foi realizada com "esforço" e "indiscutível habilidade". No Boletim seguinte, em 14 de setembro, a

<sup>63</sup> *O Estado de S. Paulo*, 05 abr. 1915, p. 3.

<sup>64</sup> *Idem*.

<sup>65</sup> MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 07 set. 1914, p. 3.



responsabilidade pelo início da conflagração foi, reiteradamente, atribuída à pátria de Kant:

Já nos é possível ver com alguma clareza e relativa segurança a situação dos combatentes. E o que vemos confirma o que timidamente estamos prevendo e predizendo nestes boletins, desde que começamos a redigi-los. A Alemanha, recusando-se a colaborar com a Inglaterra, com a França e com a Itália para evitar a conflagração européia, confiou demais no seu poder e na sua estrela, cujo brilho intenso não desmaiara um só instante desde as memoráveis vitórias de 1870.<sup>66</sup>

Contra a Alemanha, pois, foram atribuídas características que a associariam à selvageria, via militarismo, e com a consequente responsabilidade pelo início da conflagração. Vale destacar que não houve comentários sobre a violência francesa ou inglesa, ou o Plano XVII do Hexágono, em caso de guerra contra o Império Alemão. Os acontecimentos são descritos de modo a afirmar que a França foi tomada de surpresa por um exército contra o qual ela não possuía planos de defesa.<sup>67</sup>

Para a permanência dessa leitura em relação ao papel do Império Alemão na guerra, Júlio Mesquita mobilizou argumentos que provariam a barbárie entre os alemães em razão do militarismo da sua política. O peso conferido a esses argumentos se torna patente dada a frequência com a qual foram mobilizados nos Boletins dos meses seguintes. Recorreu-se, assim, ainda uma vez mais, a esses símbolos em 15 de março de 1915, seis meses após os eventos:

Não seria mau, entretanto, que Kant tornasse ao mundo. Seria imensamente curioso ver a que torturas ele sujeitaria a rude independência da razão, para conciliar, por exigência do patriotismo, a violação da neutralidade da Bélgica, a destruição de Louvain e a ruína da catedral de Reims com o imperativo categórico e até com o hipotético.<sup>68</sup>

As estratégias retóricas e os argumentos mobilizados pelo diretor do *Estado* na defesa de sua posição não eram, evidentemente, autônomos; antes, se inseriam na propaganda ocidental que, na ocasião, construiu a imagem dos alemães como os

<sup>66</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 set. 1914, p. 3.

<sup>67</sup> Sobre o Plano XVII, do Estado Maior francês, ver SONDHAUS, L. *Op. cit.*, p. 88-90. Ainda sobre o tema, vale destacar o rico acervo do *Historial de la Grande Guerre*, localizado em Péronne. Apesar de firmar-se em solo francês, o Museu foi construído sob as balizas da abordagem transnacional da guerra, de modo a apresentar ampla variedade de visões e interpretações de 1914-1918. Acerca dos anos que precedem a guerra, o *Historial* apresenta ao público farta documentação sobre a propaganda nacionalista entre os franceses em torno da Alsácia-Lorena: tal como os alemães, e ao contrário do que defendia Mesquita, os franceses também marchavam para a guerra.

<sup>68</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 15 mar. 1915, p. 3.

“novos bárbaros”, lançando mão de argumentos que acentuassem a dicotomia entre o ocidente e o oriente, conforme salienta Modris Eksteins<sup>69</sup>:

A imprensa liderava o esforço de propaganda, mas clérigos, educadores, artistas, músicos e autores o reforçavam. Todos os beligerantes se envolveram na criação de mitos e na distorção da realidade. (...) ‘Matem os alemães! Matem-nos!’ berrava o Reverendíssimo A. F. Winnington-Ingram, bispo de Londres (...). Clérigos vestiam Jesus de cáqui e faziam-no atirar com metralhadoras. A guerra tornou-se uma guerra não de justiça, mas de virtude. Matar os alemães era livrar o mundo do Anticristo, a grande besta saída do abismo, e anunciar a Nova Jerusalém.<sup>70</sup>

E, igualmente, Fabrice d’Almeida e Christian Delporte:

*D'un côté, se trouve le sujet, la France, incarnant le bien en marche vers un but: la défense des droits de l'homme et de la liberté. Dans cette progression, elle se heurte aux empires, qui ne veulent que la destruction en vertu de leur caractère barbare. La France vaincra grâce au secours de l'humanité et de Dieu, les deux adjuvants ou armes. Le narrateur de ce récit? Une série d'institutions qui acceptent de payer et de diffuser cet idéal. Ce sont tantôt des administrations d'État ou des ministères, tantôt des groupements patriotiques des organisations partisans, voire des organes de presse. Fondamentalement, la guerre se raconte en France comme le combat des justes contre de diaboliques ennemis, dont l'ambition est de détruite et de tuer une beauté et une intelligence qu'ils sont incapables d'atteindre. La civilisations s'oppose ainsi violemment à « la barbarie des Germains » ou « des Goths » pour reprendre les mots du temps; de vieux antagonismes raciaux sont ainsi invoqués pour soutenir le propos.<sup>71</sup>*

Os Boletins publicados já nos primeiros meses da guerra, conseqüentemente, justificam a posição que objetivava defender a França e seus aliados, ao resumir a questão nos pares democracia e civilização *versus* militarismo. No entanto, essa

<sup>69</sup> Nesse sentido, o papel da religião (Cristianismo *versus* Islamismo) não poderia deixar de ser considerado. Assim, ao comentar a entrada da Turquia na guerra, Mesquita afirmou que o interesse de Guilherme II era o de promover uma “guerra santa” por meio dos soldados turcos – muçulmanos. A ironia presente no texto alcançou seu ápice ao afirmar que “é a primeira vez na História que Alá se vê assim abandonado. Chama e ninguém lhe responde”. Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 dez. 1914, p. 3.

<sup>70</sup> EKSTEINS, Modris. *Op. cit.*, p. 302.

<sup>71</sup> “De um lado, se encontra o sujeito, a França, encarnando o bem em marcha diante de um objetivo : a defesa dos direitos do homem e da liberdade. Nesse caminho, ela se chova com os impérios, os quais almejam tão somente a destruição em razão do seu caráter bárbaro. A França vencerá graças ao socorro da humanidade e de Deus, ambos auxiliares ou armas. O narrador? Uma série de instituições que aceitam pagar e difundir este ideal. São os administradores do Estado e dos ministérios, os grupos patrióticos das organizações partidárias, inclusive os órgãos da imprensa. Fundamentalmente, a guerra é narrada na França como o combate dos justos contra inimigos diabólicos, no qual a ambição é destruir e matar uma beleza e uma inteligência que são incapazes de alcançar. A civilização se opõe, assim violentamente, à “barbárie dos Germânicos” ou “dos Godos”, para utilizar as palavras da época; velhos antagonismos raciais são assim invocados para apoiar o propósito.”[tradução nossa] D’ALMEIDA, Fabrice ; DELPORTE, Christian. *Histoire des médias en France : de la Grande Guerre à nos jours*. Paris : Éditions Flammarion, coll. Champs Histoire, 2010, p. 30.

postura não se estabeleceu antes do mês de setembro de 1914, quando um novo tratamento sobre a Alemanha e a guerra se efetivou. O militarismo, ao qual Júlio Mesquita atribuiu a responsabilidade pelo conflito em seu primeiro Boletim, foi conformado à Alemanha; a guerra, então, passou a ser lida como uma conflagração que dividiria as nações envolvidas em dois polos cujas políticas destoavam essencialmente: de um lado a democracia, do outro o militarismo.

Tal alteração do discurso, ocorrida justamente entre agosto e setembro de 1914, insere *O Estado de S. Paulo* no movimento mais geral da imprensa brasileira – e latino-americana –, quanto às alternâncias do discurso sobre a guerra europeia, pois, conforme Compagnon,

(...), uma vez dissipada a ilusão de uma guerra curta como havia sido a de 1870 e reportados os primeiros rumores que davam conta das atrocidades cometidas pelos alemães, emergem correntes de opinião que, sem questionar explicitamente as escolhas diplomáticas dos governos, tomam partido em favor de um ou outro dos campos presentes.

Por via da imprensa, através de conferências e por meio de associações ou de ligas especialmente criadas, os intelectuais cumprem então um papel de primeiro plano na cristalização e na difusão de representações de uma guerra que abraça o que eles então consideram como o coração do mundo civilizado.<sup>72</sup>

As crônicas de Júlio Mesquita, assim, dialogavam com os demais periódicos do período, para os quais a primeira alteração ao nível do discurso em relação à guerra se encontra, precisamente, na transição entre agosto e setembro daquele ano, quando ficou claro que a natureza da conflagração então em curso destoava dos conflitos anteriores. Diante de tais alterações do quadro internacional, Júlio Mesquita passou a utilizar argumentos que provariam a violência e o caráter anticivilizacional dos exércitos de Guilherme II.

Esta inflexão nos textos permaneceu constante nos Boletins até 1918. A Alemanha foi identificada com o militarismo – de modo que, ao atacar aquela, o diretor do jornal visava a atingir este e vice-versa – e levou o ônus da responsabilidade pelo início da guerra. Os demais Boletins acentuaram essas linhas, proporcionando novos argumentos, o que evidencia, portanto, que a transição entre agosto e setembro daquele ano é a principal clivagem operada nos Boletins Semanais da Guerra. Essa hipótese é sustentada pelo retorno constante aos

---

<sup>72</sup> COMPAGNON, Olivier. *O Adeus à Europa: A América Latina e a Grande Guerra*. Rocco, Rio de Janeiro, 2014, p. 67.

eventos ocorridos no período: durante os quatro anos da conflagração, Júlio Mesquita retornou, com frequência, aos acontecimentos de setembro de 1914, direta ou indiretamente. Em fevereiro de 1915, por exemplo, a aproximação da Alemanha com a barbárie realizava-se ainda com base nos acontecimentos daquele mês:

A Alemanha violou a neutralidade da Bélgica. A Alemanha incendiou Lovaina (sic). A Alemanha destruiu a catedral de Reims. A Alemanha fuzilou em massa belgas e franceses desarmados. A Alemanha matou dezenas e dezenas de mulheres e crianças. A Alemanha bombardeou, do mar e do ar, cidades da Inglaterra abertas e indefesas. A Alemanha, finalmente, põe a pique, com as suas minas e seus submarinos, navios neutros.<sup>73</sup>

À vista disso, quais teriam sido as causas para essa mudança que se verificou permanente no discurso? Essas razões poderiam ser buscadas nos reveses da França durante o mês de agosto e setembro de 1914, visto que a situação desfavorável para os franceses começou a se fazer sentir em seu texto no primeiro Boletim de setembro. Tal hipótese não pode ser sustentada diante da análise dos dados encontrados nos demais Boletins, uma vez que os textos apresentam a Batalha do Marne, ocorrida durante a segunda semana de setembro de 1914, como fator decisivo para a viragem na leitura do conflito.<sup>74</sup> Para Júlio Mesquita, esse evento foi o divisor de águas na dinâmica do conflito e, por esse motivo, retornou ao Marne ao longo dos quatro anos da conflagração como ponto de apoio, a partir do qual possuía a certeza, quer da vitória dos Aliados quer da força na Alemanha empregada no conflito.

Com os Boletins de setembro, já é possível perceber o quanto a Batalha do Marne causou impacto na produção dos seus textos, gerando hesitação e respostas diversas em relação à leitura, até então apresentada, acerca da dinâmica da guerra, e colocando em crise a leitura proposta pelos Boletins de agosto. Assim, em 07 de setembro de 1914, Mesquita ofereceu indícios de que temia pela queda da França, ao afirmar que

---

<sup>73</sup> Idem, *In: O Estado de S. Paulo*, 22 de fevereiro de 1915, p. 3.

<sup>74</sup> “A primeira batalha do Marne (5 a 9 de setembro) começou no 36º dia depois que a mobilização geral colocou em marcha o plano alemão, ou M+36. Contanto que os exércitos de Moltke obtivessem uma vitória decisiva sobre os franceses em M+40, os alemães poderiam cumprir seu cronograma e despachar a maior parte de seu exército para leste, a fim de enfrentar os russos. (...). Em quatro dias de combates pesados, franceses e alemães sofreram em torno de 250 mil baixas, incluindo 80 mil mortos do lado francês, ao passo que a BEF sofreu 13 mil baixas, incluindo 1.700 mortos. Coincidentemente, os alemães perderam a primeira Batalha do Marne no dia conhecido como M+40, seu prazo final autoimposto para a vitória na frente ocidental”. SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial: história completa*. Contexto, São Paulo, 2013, p. 95-96.

é a Inglaterra quem mais agride, porque foi da eminência do governo inglês que ecoou pelo mundo a tremenda acusação da destruição de Louvain, e é a França quem mais apanha. Estava reservado à pobre França o triste destino de ser, neste conflito eternamente memorável, a ‘cabeça de turco’, sobre a qual deviam cair, impiedosos e esmagadores, todos os golpes do pulso colossal da Alemanha. Não se vá concluir destas palavras que já estamos a pedir que se reze pela alma da gloriosa pátria de Napoleão. Ao contrário. Do que acima dissemos o que se deve depreender, o que sinceramente acreditamos, é que tão melindrosa se nos afigura, neste instante, a situação dos franceses como a dos alemães.<sup>75</sup>

E resumiu a sua percepção quanto à vantagem da batalha para os Aliados, ao afirmar que “se a França não perdeu, eles [os alemães] não ganharam”. O excerto distingue o caráter defensivo do Boletim; isto é, havia aqueles que acreditavam ser necessário “rezar pela alma da França”, contra os quais respondeu Júlio Mesquita, evidenciando os debates silenciados em seu texto.

O estabelecimento da Batalha do Marne como divisor de águas na escritura do Boletim foi motivado pela própria frequência com que o proprietário do jornal retornou àquela batalha ao longo do desenvolvimento dos eventos relacionados à guerra. Assim, as crônicas de novembro confirmam a importância conferida à referida batalha, ao ponto de concluir que “o objetivo Paris desvaneceu-se à beira do Marne”.<sup>76</sup> Em junho de 1915, nove meses após setembro de 1914, Mesquita registrou que

A batalha do Marne, (...), continua a ser a mais importante desta guerra, a única até agora de basta e profunda significação, inabalável marco entre duas épocas, ponto de referência obrigatório para os que queiram e possam acertar.<sup>77</sup>

Meses antes, em fevereiro daquele ano, tinha considerado que, “Em terra, não vemos como o império do Kaiser se possa safar do encalhe em que se paralisou

---

<sup>75</sup> MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 07 set. 1914, p. 3. Nesse mesmo sentido, é interessante notar que o Boletim seguinte, do dia 14 de setembro, foi publicado com destaque: no canto direito da página, precedido por uma grande iconografia representando o teatro de operações da frente ocidental. Ao contrário das iconografias anteriores, o mapa não trouxe legendas, apresentando apenas grandes círculos em que ocorriam as principais batalhas e a proximidade de Paris alcançada pelos alemães. Nesse Boletim, Mesquita reconheceu o recuo por parte dos Aliados sem, contudo, admitir uma derrota. Segundo ele, há “recuos e recuos” e para os Aliados, que recuavam sobre o seu próprio território, e os alemães que recuavam sobre o território francês, a vantagem cabia aos primeiros.

<sup>76</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 09 nov. 1914, p. 3.

<sup>77</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 28 jun. 1915, p. 3.

depois da batalha do Marne” e, ainda: “Depois do repentino e esplêndido volta-face do Marne, a queda do militarismo alemão é inevitável”<sup>78</sup>.

Tais afirmações não se restringem aos anos de 1914 e 1915. Em janeiro de 1916, Mesquita reafirmou essa mesma leitura ao sustentar que, “no Marne, começou para eles [os franceses] uma era nova, em cuja dilatada claridade a águia alemã, por mais que estenda e bata as asas feridas, ainda não fez uma leve sombra”.<sup>79</sup> Além disso, em abril do mesmo ano, mesmo sem mencionar a batalha, lhe faz clara alusão:

(...) [os alemães], perfeitos conhecedores, mestres que são da arte da guerra, já devem ter percebido como se apurou a fibra guerreira e se completou o preparo do temível adversário que, em agosto e setembro de 1914, milagrosamente se lhes subtraiu ao pulso de ferro, já prestes a triturá-los.<sup>80</sup>

Finalmente, em junho de 1918, a cinco meses do armistício, Mesquita declarou que “desde a batalha do Marne, nunca a esperança se apagou”.<sup>81</sup> A primeira batalha do Marne, portanto, ficou estabelecida em seus textos como a garantia da vitória francesa e da identificação da Alemanha com o militarismo, com a consequente responsabilidade pela guerra.

Jean-Jacques Becker coloca em relevo que o avanço alemão sobre o território belga e francês, contexto no qual ocorreu a primeira batalha do Marne, foi acompanhado por atos de violência por parte do exército alemão, aos quais foram acrescentados inúmeros atos lendários e inverídicos que desempenharam papel importante na construção da imagem da *barbarie* alemã:

*On parlait d'enfants aux mains coupées – ce qui était une légende –, mais aussi d'exactions de toutes sortes, exécutions de civils particulièrement nombreuses en Belgique, incendies, pillage, vols, et cela était très largement vrai. L'incendie de Louvain, le bombardement de la cathédrale de Reims frappaient violemment les esprits. Albert de Mun titrait un de ses derniers articles avant de mourir : « La marche des Barbares ».*  
*[...] Après la Marne, quelques journaux français se laissèrent aller à un véritable délire verbal, annonçant en termes dithyrambiques la déroute de l'armée allemande, [...].*  
*[...] Les exactions allemandes du début de la guerre ne furent pas sans conséquences. Ajoutées au sentiment de l'agression gratuite dont les Français estimaient être les victimes, aux souvenirs toujours prêts à refaire*

<sup>78</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 08 e 22 fev. 1915, respectivamente, p. 3.

<sup>79</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 21 jan. 1916, p. 3.

<sup>80</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 24 abr. 1916, p. 3.

<sup>81</sup> Idem, In: *O Estado de S. Paulo*, 24 jun. 1918, p. 3.

*surface de la guerre de 1870, elles contribuèrent à l'exacerbation de la haine anti-allemande en France. [...] Elles contribuèrent aussi à l'essor d'une culture de guerre particulièrement affirmée en France, [...]. Très vite, tous les moyens d'influence et d'informations politique, les Églises, les organismes culturels, l'école quand elle rouvrit ses portes, concourent à jeter les fondements de cette culture spécifique qui affecte l'ensemble de la population.*<sup>82</sup>

Assim, evidencia-se desde a primeira batalha do Marne que a Grande Guerra foi, igualmente, uma guerra entre cultura, na qual a propaganda – e por consequência, os meios de comunicação – desempenharam papel tão importante quanto a indústria bélica. Os Boletins de Júlio Mesquita, os quais dependiam da imprensa europeia, compartilham a cultura de guerra dos franceses, lançando mão dos mesmos elementos utilizados na construção da imagem de uma Alemanha tomada pela barbárie e pelo militarismo.

Os Boletins posteriores realizaram a sedimentação dessas imagens formadas desde setembro. Logo, o mês de outubro se encerrou sob o temor de que domine, “na Europa e no mundo, a hegemonia alemã” e o último Boletim desse mês figura assim como o primeiro, desde agosto, em que se pode perceber o temor pela possível vitória dos exércitos de Guilherme II. Os Boletins desse mês indicaram, analogamente, a formação da imagem de que aquela era uma guerra sem precedentes, para a qual os paralelos com as guerras anteriores eram demasiado distantes para haver alguma semelhança:

Não nos ocupamos uma só vez com as minuciosidades da estratégia, e com os múltiplos, complicadíssimos aspectos da tática e das manobras dos exércitos em campanha. Para esse esforço, em que os mais competentes fatalmente tinham de naufragar numa guerra como esta, tão diferente de todas as guerras de que nos fala a História. (...) Tornou-se bem patente o incrível aperfeiçoamento a que chegou a odiosa máquina de matar gente e

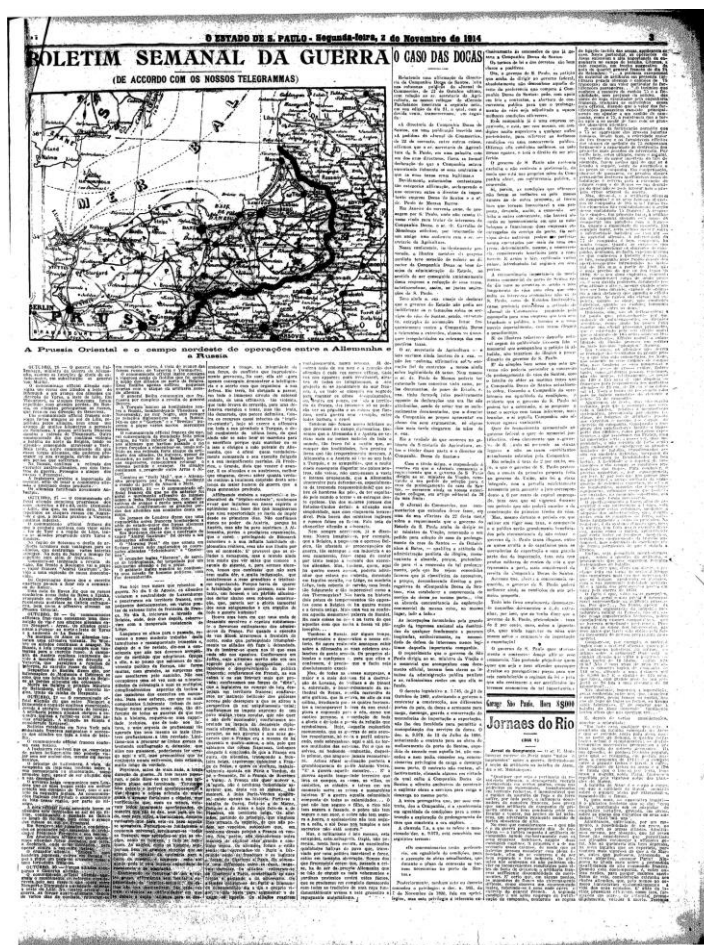
---

<sup>82</sup> Comentava-se sobre crianças com mãos mutiladas - o que era uma lenda -, mas também de abusos de toda sorte, execuções de civis particularmente numerosas na Bélgica, incêndios, pilhagens, roubos, o que era verdadeiro em grande parte. O incêndio de Louvain, o bombardeamento da catedral de Reims atingiram os espíritos de forma violenta. Albert de Mun assim intitulou um de seus últimos artigos antes de morrer: "A marcha dos Bárbaros" [...] Após a batalha do Marne, jornais franceses se deixaram conduzir em um verdadeiro delírio verbal, anunciando em termos elogiosos a derrota do exército alemão, [...]. As atrocidades alemãs do início da guerra não permaneceram sem consequências. Juntamente com o sentimento de agressão gratuita, por meio do qual os franceses estimavam serem vítimas, as memórias sempre prontas a fazer ressurgir a guerra de 1870, contribuíram para a exacerbação do ódio antialemão na França. [...] Elas também contribuíram para o surgimento de uma cultura de guerra particularmente forte na França [...]. Em breve, todos os meios de influência e de informação política, as igrejas, os órgãos culturais, as escolas quando reabriram suas portas, contribuíram a lançar as bases desta cultura específica, que afeta toda a população. [tradução nossa] BECKER, Jean-Jacques. *La Grande Guerre*. Paris: PUF, 2004, p. 32-34. BECKER, Jean-Jacques. *Op. cit.*, 2004, p. 32-34.

arrastar fortalezas e cidades, mas verificou-se que, mais ou menos, estavam todos igualmente aperfeiçoados, de maneira que não se deu, nem para um lado, nem para outro, a instantânea, decisiva vantagem que para este ou para aquele se apregoava.<sup>83</sup>

Foi, a começar por novembro, todavia, que se consolidaram as imagens veiculadas no tocante à Alemanha. É de capital importância a leitura do primeiro Boletim desse mês, em razão da data de sua publicação – 02 de novembro, três meses após o início da guerra –, a qual ofereceu ao proprietário do jornal a oportunidade de fazer um balanço do conflito e procurar “as linhas gerais da tremenda conflagração”. Quanto ao suporte, articule-se que o Boletim foi publicado com distinção: um quadro com destaque para as operações na frente oriental entre a Alemanha e a Rússia. O texto é extenso, ocupando metade da página do jornal, que divide espaço apenas com as seções “O caso das Docas” e “Jornais do Rio”.

### Imagem n.º 03 – Boletim Semanal da Guerra (02/11/1914)



Fonte: *O Estado de S. Paulo* – Acervo Online

<sup>83</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 26 out. 1914, p. 3.



Quanto ao conteúdo, aos olhos de Mesquita, a conflagração foi provocada pela “Dúplice Aliança”,<sup>84</sup> atribuindo a responsabilidade à política dos imperadores da Alemanha e da Áustria-Hungria. No mesmo Boletim, Mesquita ainda atestou que “houve uma hora em que uma onda de desânimo envolveu e regelou subitamente o fervoroso entusiasmo dos admiradores da França”, o que confirma a compreensão segundo a qual a transição entre os meses de agosto e setembro constou de uma inflexão na leitura do jornal, pois tal “hora” ocorreu entre aqueles meses, sobretudo a partir da invasão do território francês seguida pela Batalha do Marne.<sup>85</sup>

Entre as surpresas da guerra, Mesquita acentuou a resistência dos belgas e lamentou o bombardeamento da catedral de Reims. Nesse momento, o Boletim divulgou críticas mais ácidas contra a Alemanha, consolidando a identificação da política germânica com a “selvageria”. Por fim, o balanço da guerra, oferecido aos leitores do *Estado* três meses após o seu início, foi concluído com críticas ao militarismo, permeado por certo tom poético, ao lamentar a destruição causada pela guerra e pela “degeneração” do povo alemão:

Mas, de todas as nossas surpresas, a maior e a mais dolorosa foi a destruição de Louvaina (sic), de Malines e de Dinant e, sobretudo, o bombardeamento da catedral de Reims, aquela maravilha da arte gótica, que lá estava, no alto da sua colina, irradiando para os quatro horizontes a incomparável beleza da sua escultura e erguendo para o céu, como um cântico perene, a recordação de toda a glória e de toda a poesia da religião que simbolizava. Hoje, daquele esplêndido monumento, que as guerras de sete séculos respeitaram, só resta o perfil esburacado, onde sobressaem, aqui e ali, os torsos mutilados das estátuas. Foi o que salvou, na hedionda combustão, daquele primor, que ninguém jamais reconstruirá...

E, voltando-se contra o militarismo da Alemanha:

Mas, o militarismo é isto mesmo, esta estupidez, esta selvageria. Oxalá, não pereçam, nesta hora escura, as excelentes qualidades nativas do povo que, transviado por uma política insaciável e feroz, caiu em tamanha aberração.<sup>86</sup>

<sup>84</sup> Sob esse termo, o diretor do *Estado* indica a *Tríplice Aliança*, isto é, os acordos firmados entre a Alemanha, o Império Austro-Húngaro e a Itália. No entanto, com a declaração de neutralidade do governo italiano, Mesquita passou a denominá-la *dúplice aliança*.

<sup>85</sup> Em agosto de 1915, Júlio Mesquita ofereceu a confirmação dessa leitura quando declarou que “a França, em fins de agosto do ano passado, parecia ter entrado em agonia”. Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 23 ago, 1915, p. 3.

<sup>86</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 02 nov. 1914, p. 3.

Por conseguinte, esse texto, disposto aos leitores como um resumo dos três meses de batalhas, confirmou a análise dos Boletins anteriores. Dessa forma, o mês de novembro se localiza como uma nova clivagem nos Boletins, assentando as imagens já formadas em setembro. É digno, pois, de nota que, no início do mês seguinte, a responsabilidade pela guerra foi atribuída, nitidamente, aos alemães: “Esta guerra foi provocada pela Alemanha (...); desejava-a; aproveitou-se do incidente de Sarajevo para que ela rebentasse; lançou mão de todos os meios para torná-la inevitável.<sup>87</sup> Júlio Mesquita já pôde operar as representações da guerra presentes nos Boletins com maior liberdade, visto que os lugares já estavam definidos.

Em vista disso, no final desse ano, estavam estabelecidas as imagens criadas sobre a Alemanha, sob a qual recaía o peso da responsabilidade pelo início da conflagração e por contraposição as das demais nações envolvidas, tais como a França e a Inglaterra. Essa conclusão recebe apoio na análise da biografia de Júlio Mesquita e da trajetória do seu jornal. Com efeito, a intensificação dos ataques contra a Alemanha se fez sentir nas receitas do jornal, justamente, nos meses finais de 1914, por meio da campanha dos anunciantes germânicos contra *O Estado de S. Paulo*. Em Paulo Duarte:

Grande parte dos anunciantes do “Estado”, os melhores talvez, eram então os alemães, que possuíam as maiores firmas comerciais desse tempo. Em face da atitude assumida pelo jornal, começaram os alemães a desertar das suas colunas de publicidade. Primeiro, emissários de amizade comum, depois uma comissão acompanhada de alguém do consulado alemão de S. Paulo, com característica arrogância prussiana, chegou a ir ao jornal no desempenho de um aparentemente amável convite para mudar de atitude. (...) Foi por essa coluna [Boletim Semanal da Guerra] que ele [Júlio Mesquita] respondeu àquele atrevimento com uma crônica pondo os pontos nos ii. (...)

A isto se seguiu a “boicotagem” a mais organizada e mais feroz promovida pelos alemães contra o “Estado”. (...) E o “Estado de S. Paulo” começou a atravessar uma crise que bem fazia lembrar os heroicos tempos que foram os últimos vinte anos do século XIX. (...) Já o balanço de 1914, publicado em 15 de janeiro de 1915, acusa uma grande diminuição dos lucros. Em 1913 dera a empresa 502 contos de lucros líquidos, em 1914 fora apenas de 178 contos. Houve uma baixa de publicidade de 302 contos de réis. A

---

<sup>87</sup> Nesse mesmo Boletim, Mesquita ofereceu aos seus leitores a razão pela qual a guerra teria sido provocada por Guilherme II: a Alemanha teria rompido o possível acordo entre a Áustria e a Sérvia por meio do seu ultimato à Rússia: “A Alemanha (...) cortou bruscamente o passo à aliada [a Áustria-Hungria], destruindo, com o ultimatum à Rússia, a ponte pela qual o governo de Francisco José queria retirar-se para o terreno das acomodações”. Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 07 dez. 1914, p. 3.

campanha germanófila contra o jornal revelava já os seus resultados concretos.<sup>88</sup>

Igualmente sobre a crise enfrentada pelo matutino, escreveu Jorge Caldeira em sua biografia sobre o proprietário d' *O Estado de S. Paulo*:

Tão importante era a colônia alemã em São Paulo que circulava na cidade um jornal especialmente destinado a ela, o *Diário Alemão*. Assim que foram publicados os primeiros boletins, uma alentada comissão de alemães – que incluía o cônsul, donos de empresas e figuras proeminentes na colônia – fez uma visita ao jornal. Levava uma amigável sugestão: de que a posição da Alemanha fosse considerada com mais simpatia. Mas também ameaçava: caso a mudança não acontecesse, a comissão promoveria um boicote ao jornal. Não demoraram muito tempo para ler a resposta de Júlio Mesquita, em boletim de 21 de dezembro. (...) Assim abriu-se uma nova frente da guerra, agora na imprensa paulistana.<sup>89</sup>

Em resumo, os meses entre setembro e dezembro de 1914 constituem um momento de transição em meio ao conjunto dos Boletins Semanais publicados pelo *O Estado de S. Paulo*: foi durante os artigos editados entre esses meses que se formou a imagem da Alemanha bárbara, fundamentalmente projetada em oposição a uma Alemanha culta. Durante esses três primeiros meses, estabeleceram-se as linhas gerais pelas quais o conflito passou a ser apresentado aos leitores do jornal ao longo dos demais Boletins. O boicote, agravado apenas em dezembro, por sua vez, confirma que a consolidação dessas imagens apenas ocorreu próximo aos últimos meses de 1914.<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup> DUARTE, Paulo. Júlio Mesquita e o “Estado”, In: *Op. cit.*, p. 211. A resposta de Mesquita, em 21 de dezembro de 1914, à qual Paulo Duarte fez referência, limitava as críticas contra a Alemanha nos Boletins anteriores tão-somente ao militarismo, poupando, assim, o povo e a cultura alemães. Porém, essa defesa parece contrariar o que foi afirmado um mês depois, em 25 de janeiro de 1915, quando o Boletim foi encerrado com referências ao ataque aos civis ingleses, realizado pelos alemães e visto – segundo Mesquita – como heroísmo pela Alemanha em razão de ser uma vantagem na guerra: “É a doutrina dos seus filósofos – afirmou então o diretor do *Estado* – dos seus historiadores, dos seus sábios, dos seus marechais, do seu governo, do seu povo enfim” (*O Estado de S. Paulo*, 25 jan. 1915, p. 3), o que não reduz suas críticas, portanto, unicamente, aos responsáveis pelo governo alemão.

<sup>89</sup> CALDEIRA, Jorge. *Op. cit.*, p. 211. Acusado de estar vendido aos ingleses, *O Estado de S. Paulo* passou a ser chamado pelo periódico alemão de “The State of S. Paulo”. O desfecho da crise, apesar de favorável ao diretor do *Estado*, causou sérios danos à receita do jornal: “Júlio de Mesquita moveu um processo contra o *Diário* no qual conseguiu provar que a maior parte da renda publicitária do seu jornal provinha justamente das firmas alemãs que, ao deixarem de anunciar no matutino, causaram ao *Estado* sérios prejuízos financeiros. Apesar do desfecho do episódio ter sido moralmente favorável à Mesquita - Plínio Barreto, advogado responsável pela defesa do jornal, obteve em 1916 a condenação do diretor da folha germânica a dois meses de prisão - o balanço estava longe de atingir os níveis registrados em 1913”. LUCA, Tania Regina de. *Op. cit.*, p. 39.

<sup>90</sup> O embate travado entre Júlio Mesquita e o *Diário*, contudo, parece ser a razão da publicação do Boletim do dia 12 de julho de 1915. O diretor do *Estado* iniciou seu Boletim parecendo responder a um ataque concreto dos alemães: “Se nos fosse permitido esperar dos alemães alguma justiça,

Evidencia-se essa mesma dinâmica dos textos, igualmente, pelos adjetivos aplicados à guerra. Até setembro, quando o conflito ainda despontava para Júlio Mesquita como a continuação da guerra franco-alemã de 1870, a guerra era conceituada como “incêndio”,<sup>91</sup> “tempestade”<sup>92</sup> ou “imensa calamidade”,<sup>93</sup> adjetivos que denotam o caráter de imprevisibilidade. Todavia, em 14 de setembro, a guerra era destacada como “sem precedentes na história da humanidade”, seguido dos epítetos: “guerra sem igual em todos os tempos”<sup>94</sup> e aquela que pode tomar “as proporções de imensa calamidade universal”.<sup>95</sup> A dimensão do conflito, a partir de então, começou a ficar mais evidente pelos adjetivos que visavam a não mais indicar somente o quão imprevisível foi aquela conflagração, mas a dar conta da vastidão alcançada pelas batalhas: “grandiosa peleja”,<sup>96</sup> “imenso embate”<sup>97</sup> e “vastíssimo teatro”<sup>98</sup> passaram a ser frequentes nos textos. No último Boletim de outubro, irrompeu, pela primeira vez, o epíteto “guerra europeia”<sup>99</sup> e, em dezembro, “grande guerra”.<sup>100</sup>

Mesquita, desse modo, fechou o primeiro semestre da guerra com imagens consolidadas do conflito e das três principais nações nele envolvidas e estabeleceu os marcos que, ao longo dos quatro anos, definiriam a sua dinâmica: em primeiro lugar, a invasão belga, com a conseqüente entrada da Inglaterra e a batalha do Marne. Ambas confirmariam a força dos franceses e a selvageria dos alemães. Os primeiros Boletins, portanto, colocaram em evidência a compreensão da Guerra como uma cruzada contra o militarismo alemão. Para a manutenção do seu posicionamento, entre 1914 e 1915, Júlio Mesquita relacionou as primeiras batalhas com a Guerra de 1870, por meio da qual interpretava os avanços e recuos do exército francês e dos seus aliados. Assim, durante o primeiro semestre do conflito, a Guerra franco-germânica de 1870 foi o principal paradigma na leitura apresentada

---

esperaríamos que eles afinal se convençam de que nem só de “mentiras, tolices e asneiras” se enchem semanalmente estas colunas de *O Estado*. Às vezes acertamos”, Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 jul. 1915, p. 3. O Boletim, como um todo, foi agressivo contra os alemães: ao narrar as derrotas da Prússia para as tropas de Napoleão, diz: “Desculpem-nos; é impossível não reacender estas penosas recordações”.

<sup>91</sup> MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 06 ago. 1914, p. 3.

<sup>92</sup> Idem, In: *O Estado de S. Paulo*, 24 ago. 1914, p. 3.

<sup>93</sup> Idem.

<sup>94</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 28 set. 1914, p. 3.

<sup>95</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 21 set. 1914, p. 3.

<sup>96</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 out. 1914, p. 3.

<sup>97</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 19 out. 1914, p. 3.

<sup>98</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 26 out. 1914, p. 3.

<sup>99</sup> Idem.

<sup>100</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 28 dez. 1914, p. 3.

por Mesquita a respeito das primeiras batalhas. À medida que os meses passaram, novos eventos - em particular, a primeira batalha do Marne - foram mobilizados a fim de estabelecer e veicular a imagem da barbárie alemã.

## **2.2 Da guerra europeia ao conflito mundial: militarismo x democracia**

Os meses seguintes – o inverno europeu – constituem um momento de articulação dessas imagens, com balanços e análises do desenvolvimento da guerra até então, e de conjecturas acerca dos meses seguintes, em razão da pequena quantidade de batalhas ocorridas nesse período.

Uma pista sobre a interpretação veiculada pelos Boletins, de auxílio ao testar as hipóteses levantadas, é a nota que Mesquita escreveu em 11 de janeiro de 1915, segundo a qual o que foram “os quatro primeiros meses de guerra, di-lo com eloquência inexcelável a interessantíssima narração que *O Estado*, na semana passada, transcreveu do *Bulletin des Armées*”,<sup>101</sup> indicando que sua análise da guerra se identificava com esse artigo divulgado por seu jornal.

O artigo em questão saiu na edição de 08 de janeiro de 1915, sexta-feira, na página 3, sob o título “A Guerra – Quatro meses de luta”. O texto possui o mesmo teor dos artigos de Júlio Mesquita: declarado otimismo em relação à vitória certa da Entente, que também admite alguns reveses compensados com vitórias. A diferença em relação aos Boletins Semanais se dá, basicamente, em razão de o artigo fazer o balanço das operações militares, nada dizendo das relações diplomáticas ou a respeito dos civis. Todavia, os comentários são entremeados por tomadas de posição, como a que segue:

O plano do estado maior alemão sofreu sete reveses de grande alcance: No ataque brusco projetado sobre Nancy; na marcha rápida sobre Paris; na tentativa envolvente, em Agosto, da nossa ala esquerda; em idêntica tentativa esboçada em Novembro; na tentativa de perfuração, em Setembro, do exército do centro; no ataque, pelo litoral, a Dunkerque e a Calais, e no ataque a Ypres. Em todo esse esforço estéril a Alemanha esgotou as suas reservas. As tropas que ela hoje constitui são mal enquadradas e mal instruídas. Por outro lado, a Rússia afirma a sua superioridade, não só contra a Áustria, mas também contra a Alemanha. A estagnação dos exércitos alemães não tardará, pois que se transforme em retirada.<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 11 jan. 1915, p. 3.

<sup>102</sup> A Guerra – quatro meses de luta. In: *O Estado de S. Paulo*, 08 jan. 1915, p. 3.

O excerto em tela, bem como o texto na íntegra, se assemelha a um resumo dos Boletins publicados. Confirma-se, assim, que a propaganda francesa era a espinha dorsal dos comentários de Júlio Mesquita, ao lhe proporcionar a moldura sobre a qual dispunha sua leitura sobre o conflito, conforme também foi destacado por Teresa Malatian:

Coerente com suas ligações culturais com a França, [Júlio Mesquita] manteve-se na posição de aliadófilo, partilhando com a cultura de guerra dos franceses os temas do militarismo alemão, da derrota de 1870, e principalmente o recurso à História para comprovar suas teses e prever o futuro do conflito que o surpreendia por jogar por terra, desde o início, a convicção da capacidade de resistência dos franceses e dos ingleses, derrotados na guerra de fronteiras. Este é o limite de sua análise sobre as causas da guerra, que seguiram desde o início a versão corrente no campo político dos Aliados.<sup>103</sup>

A análise do conjunto dos Boletins publicados durante os meses de 1915 indica uma nova abordagem: apesar da permanência do discurso já estabelecido em 1914 em relação à imagem da Alemanha, os Boletins desse novo ano indicaram uma alteração no que se refere à imagem do conflito como um todo: anteriormente lido, e dado a ler, como uma guerra europeia, no decorrer das semanas desse ano, passou a ser interpretado como uma conflagração mundial, em que se envolviam, inclusive, aquelas nações que se manifestavam neutras.

Os adjetivos aplicados ao conflito, mais uma vez, indicam o novo tratamento presente nos textos: em fevereiro, Júlio Mesquita já abordava a guerra como um “incêndio de proporções enormes, nunca vistas”<sup>104</sup> e anunciava que haveriam de “agravar extraordinariamente, em toda a superfície do globo terrestre, as calamidades já incalculáveis da conflagração europeia”.

Em abril, os Boletins indicavam a guerra como “extraordinária” e “que não encontrava outra na história da humanidade a que poderia ser comparada”, “ninguém previa”; de acordo com o Boletim seguinte, “que essa guerra assumisse tão gigantescas proporções no espaço e no tempo”.<sup>105</sup> Proporções essas, que, partindo da Europa, passaram a atingir as demais nações: “Ventos de estrago e

<sup>103</sup> MALATIAN, Teresa. *Op. cit.*, p. 212. Diante das críticas aos seus Boletins, segundo as quais estes reproduziam os boletins oficiais de Paris e de Londres, Mesquita argumentou que o fazia em razão de acreditar que somente eles estariam mais próximos da realidade: “só os boletins dos Aliados nos dão, nos podem dar uma idéia aproximadamente exata da real situação das formidáveis forças que há quase seis meses se digladiam”, MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 25 jan. 1915, p. 3.

<sup>104</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 8 fev. 1915, p. 3.

<sup>105</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 19 e 16 de abr. 1915, respectivamente, p. 3.

destruição que sopram e rugem na Europa, ameaçando varrer toda a face do planeta”, em concordância com o Boletim de 14 de junho.<sup>106</sup>

O deslocamento do olhar associado às representações construídas sobre a Alemanha produziu a leitura de que a conflagração se dividia na oposição entre civilização latina e povos germânicos. Tal leitura se evidencia, por exemplo, no Boletim publicado em 09 de agosto de 1915, em que se sustenta que a Guerra era um “conflito de vida ou de morte entre duas tendências humanas diametralmente opostas” e que se resumia na “guerra em que a civilização latina se defende contra a perseguição implacável da civilização germânica”.<sup>107</sup>

O mundo, portanto, e as relações internacionais passaram a ser lidos nos pares “civilização latina” e “civilização germânica”. O maniqueísmo que revestiu as batalhas, logo em seus primeiros meses, foi projetado para a compreensão do conflito em toda a sua dimensão, de modo que a “civilização” e a “barbárie” não se digladiariam apenas no Velho Continente, mas em todo o globo.

Novamente vale levantar a questão em torno das possíveis causas ou razões para essa dilatação do olhar e para a conseqüente oposição entre dois lados distintos do mundo, em termos de relações internacionais. Tal problema motivou tentativa de dividir o ano de 1915 em seções-chave capazes de indicar as alterações ocorridas nesse ano que motivassem esse deslocamento do foco de Júlio Mesquita.

Assim, tratou-se de verificar que os meses de 1915, apesar de inseridos no quadro maior que os identifica na “fase otimista” dos Boletins, podem ser subdivididos em duas seções: destacando-se o período de transição próprio do inverno europeu (entre dezembro de 1914 a março de 1915), distinguem-se os períodos abril-agosto e agosto-dezembro. Os Boletins dos meses de abril a agosto contém um caráter, prioritariamente, otimista, o que os põe em continuidade com os Boletins de 1914. Além disso, os artigos desse período investiram em operações militares previstas para os meses seguintes. Em contrapartida, os textos publicados entre os meses de agosto e dezembro de 1915 divergiram do otimismo até então demonstrado, anunciando notas de um pessimismo que se estabelece a partir de 1916. Foi na transição entre estes dois momentos maiores de 1915 em que se deu um deslocamento no olhar de Júlio Mesquita para outras partes do globo onde

---

<sup>106</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 jun. 1915, p. 3.

<sup>107</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 23 ago. 1915, p. 3.

ocorriam as batalhas da Guerra ou repercutiam seus efeitos – como na atenção dispensada à crise entre Washington e Berlim.

Tal mudança de perspectiva, presente nos textos, poder-se-ia ter efetivado em razão do recrudescimento da violência de guerra ao longo dos meses de 1915, pois é conhecido, entre os especialistas, que a transição 1914-1915 marcou o *tournant* da guerra, traduzindo-se no aumento da violência contra os civis e de massacres contra minorias étnicas.<sup>108</sup> Não foi, entretanto, o conhecimento da violência dos campos de batalha que produziu a nova configuração, pois não foi possível encontrar espaço significativo dedicado a esse tema nos textos. Mais: em razão da censura, alguns fatos não chegaram ao conhecimento de Júlio Mesquita – ou não foram por ele comentados.<sup>109</sup> Desse modo, é possível afirmar com base nas fontes, que o aumento da violência no campo de batalha não encontrou, nos textos, uma repercussão de peso.

Por outro lado, a adesão de novas nações poderia motivar uma interpretação global da guerra em curso. No entanto, os novos países que adentraram no conflito parecem ter produzido pouco efeito nos textos, visto que, durante 1914, diversas nações se envolveram na conflagração sem mobilizar, todavia, extensos comentários por parte do diretor do *Estado*.<sup>110</sup>

A análise dos Boletins desse ano indica, por sua vez, que a principal causa da globalização do conflito assente nos artigos foi a estagnação dos exércitos. Tal estagnação, todavia, merece ser definida: em primeiro lugar, a estagnação *efetiva* durante os meses do inverno, que obrigou a expansão do olhar para outras frentes da Guerra, em busca de argumentos que pudessem convencer o leitor do caráter incompleto das vitórias alemãs ao longo dos primeiros meses. Em um segundo momento, a estagnação em sentido *amplo*, que se resume no insucesso das

---

<sup>108</sup> Como por exemplo, o massacre aos armênios ocorrido em abril de 1915. Ver HORNE, John (dir.). *Vers la guerre totale: Le tournant de 1914-1915*. Paris, Tallandier, coll. Contemporaine, 2010.

<sup>109</sup> Quanto ao aumento da violência nos campos de batalha, os Boletins abordaram as mudanças provocadas pela tecnologia da guerra de maneira esporádica e, em geral, em função da campanha nos mares: “Mas, as regras do Direito das Gentes não são, não devem ser imutáveis. A recente invenção dos submarinos tirou à declaração de 1856 todo o seu valor, porque tornou impossíveis os bloqueios como ela os exigia”, e igualmente: “Os neutros protestaram, mas os aliados não cederam ao protesto, e não consta que, depois da inflexível resolução da Inglaterra e da França, a especulação comercial tenha conseguido iludir a severa vigilância exercida nos mares por aquelas duas nações. Não é outro, provavelmente, o motivo pelo qual os alemães, mais uma vez violando o Direito das Gentes, começaram a apelar, em falta de balas, para gases sufocantes”. MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 e 26 abr. 1915, respectivamente, p. 3.

<sup>110</sup> As considerações acerca das batalhas contra a Rússia, por exemplo, foram escritas em função da frente ocidental, que se apresentava, desse modo, como objeto central dos comentários publicados. Ver a este respeito os Boletins publicados entre agosto e setembro de 1914.



esperanças depositadas nas operações dos Aliados durante os meses de abril e agosto 1915. Ambas parecem ter influído na escritura dos Boletins, produzindo o aumento do pessimismo e a estratégia de globalizar a visão firmada aos leitores do jornal, em busca de justificar a posição editorial já assumida em 1914.

Assim, diante das posições estagnadas no inverno de 1914-1915, Mesquita se voltou, primeiramente, para a diplomacia, no intuito de encontrar alguma notícia de sensação para breve.<sup>111</sup> Igualmente em razão do impasse, os comentários passaram a se debruçar, sucessivamente, sobre os outros pontos da Guerra, para além da frente ocidental, comprovando, aos poucos, o caráter *global* do conflito. Nesse sentido, em 18 de janeiro de 1915, diante das vantagens para os alemães, os comentários de Júlio Mesquita foram até o Norte da África, ao afirmar que os alemães não poderiam invadir o Egito, pois lhe faltariam recursos na travessia do deserto do Sinai, em uma estratégia retórica que exigia algum local de derrota diante de uma vitória alemã nas duas frentes da Europa, o que reclamava ampliar o teatro da Guerra revelado nos Boletins. Tal estratégia fica, ainda mais, evidente se considerarmos que o diretor do *Estado* se valeu das resistências fora da Europa logo após comentar os reveses do exército aliado:

Nas imediações de Soissons, á beira do Aisne, os franceses foram obrigados a ceder aos alemães parte do terreno, que ali haviam conquistado na gloriosa defensiva da batalha do Marne. O feito, em si mesmo, é de mínima importância. Que influência pode exercer no resultado da gigantesca luta, que se trava numa linha de algumas centenas de quilômetros, uma simples flexão, num só ponto, de algumas centenas de metros?<sup>112</sup>

Logo em seguida, foi comentada a tentativa de invasão do Egito por parte dos alemães e os avanços dos aliados no estreito de Dardanelos. Logo, Mesquita não hesitou em tomar a Ásia e a África como palcos da Guerra para atribuir às vitórias alemãs no continente europeu a nódoa de incompletas. Nesse mesmo sentido, no Boletim de 03 de maio, diante do recuo dos Aliados, asseverou que tal fato valeria “muito pouco na imensidade do conflito”.<sup>113</sup>

Por outro lado, as duas seções-chaves propostas para a compreensão do ano de 1915 dialogam: o pessimismo característico da segunda fase – depois de agosto

---

<sup>111</sup> Foram frequentes, entre dezembro e janeiro, telegramas e comentários sobre as viagens das autoridades governamentais, bem como as declarações do Parlamento britânico.

<sup>112</sup> MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 18 jan. 1915, p. 3.

<sup>113</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 03 mai. 1915, p. 3.

daquele ano – foi o resultado lógico das esperanças colocadas na primeira, as quais não se concluíram como se esperava. Os meses de 1915 formam, portanto, uma unidade: Júlio Mesquita apostou nas novas alterações no cenário internacional como pontos de apoio para a vitória rápida da França; frustradas as investidas, o tom dos seus Boletins foi conduzido, incisivamente, ao pessimismo que se estabeleceu depois de 1916.

Vale considerar, pois, desse conjunto de apostas na vitória dos Aliados que se deslocava da frente franco-alemã, os destaques operados por Mesquita. A leitura dos Boletins seguintes aponta que três foram as investidas que se apresentaram como as mais importantes ao longo de 1915 aos olhos do diretor do *Estado*: a partir de maio, a crise diplomática entre a Alemanha e os Estados Unidos, fruto do naufrágio do Lusitânia, e a entrada da Itália na Guerra; e a investida aliada sobre o estreito de Dardanelos durante todo o primeiro semestre daquele ano.

Para a análise desses pontos, é necessário seguir de perto a maneira com que Mesquita organizou os textos. Logo, a primeira divisão proposta para esse ano tem início no mês de abril, em razão do próprio autor dos Boletins indicar esta data como momento de clivagem. Já em fevereiro, observa-se terem se formalizado as suspeitas de uma grande ofensiva preparada para a primavera:

Este desejo, esta ânsia de se inocentar de responsabilidade direta no tremendo conflito, é o traço característico e altamente significativo com que a Alemanha marca os dias de transição que atravessamos. Facilmente se prevê o que serão os que se aproximam, os que vão inaugurar a terceira fase da imensa luta. Na primeira, o gládio da Alemanha fulgurou no espaço abalado como se fosse brandido pela mão do próprio Deus dos exércitos. Na segunda, os ares aplacaram-se e a Alemanha humanizou-se. Na terceira, tudo leva a crer que ela se convencerá de que o destino zomba da fragilidade incurável das mais grandiosas concepções do engenho humano.<sup>114</sup>

Os dias de inverno – ora descritos como “dias de transição” – preparariam uma terceira fase, para a qual Mesquita apostava a grande ofensiva dos Aliados. Essa leitura foi confirmada no Boletim de 19 de abril de 1915, quando Mesquita afirmou que, a partir dali, teve início uma nova fase na conflagração:

---

<sup>114</sup> MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 01 fev. 1915, p. 3. Esse excerto indica que a primeira fase – agosto de 1914 – se constitui para o proprietário do jornal como o período do avanço alemão, impedido pela batalha do Marne, a qual inaugurou a segunda fase.

Eles [os Aliados] acabam de conquistar ao poderoso inimigo três magníficas posições, em que o inimigo se fortificara desde setembro do ano passado, e das quais provavelmente não pensava que tão cedo fosse expelido. Cada uma dessas posições vale por um imenso avanço, tão dilatada é a zona que dominam.

E ainda: “Os franceses e ingleses deixam de sofrer, por um lado, o fogo contínuo e mortífero que desde setembro do ano passado os devastava e, por outro lado, passam, por sua vez, a devastar comodamente as fileiras dos alemães”<sup>115</sup>.

Os “dias de transição”, assim, encerraram-se em abril de 1915, alterando o horizonte da Guerra que havia se estabelecido desde setembro de 1914. A “terceira fase” – anunciada em fevereiro – ter-se-ia principiado em abril daquele ano.<sup>116</sup> Os motivos que conduziram o proprietário do jornal a tal convicção foram as alterações ocorridas durante os meses de fevereiro e março, quando a monotonia do inverno foi rompida pela declaração do Mar da Mancha como zona de guerra pela Inglaterra. Mesquita reconheceu que, bloqueada pela Inglaterra no Mar do Norte, a Alemanha se veria na necessidade de, também, efetuar um bloqueio, violando as leis internacionais por colocar em risco o comércio de todo o mundo, o qual tinha Londres como seu centro:

(...), o coração de todas as transações comerciais do mundo é Londres. É para lá que flui, e é de lá que reflui todo o sangue do universal organismo econômico e financeiro. Calcula-se o que não poderá suceder. Paralisa-se, ninguém sabe até quando, o movimento de que vivem todas as nações da face da Terra.<sup>117</sup>

Nota-se, nesse comentário, a percepção do envolvimento, ainda que indireto, de todas as nações no conflito.<sup>118</sup> Os Boletins dos dois meses seguintes, por sua

<sup>115</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 19 abr. 1915, p. 3. No entanto, é notável que, ao passo que em fevereiro foi afirmado que, na “segunda fase” da guerra – após o Marne –, “a Alemanha humanizou-se”, em abril Mesquita declarou que “o inimigo se fortificara desde setembro do ano passado”. Parece haver, portanto, um paradoxo: o momento compreendido entre setembro e março constitui, para o diretor do *Estado*, um avanço ou um recuo dos alemães? Nessas e em outras contradições – aparentes ou não –, vale lembrar que a própria temporalidade dos artigos permitia paradoxos dessa natureza, visto que Júlio Mesquita escreveu no calor dos acontecimentos e estava, ademais, dependente do telégrafo. Todavia, para além da resposta a essa contradição, o que se evidencia é a estratégia utilizada pelo autor dos Boletins: a vitória dos Aliados foi sempre apontada para o futuro.

<sup>116</sup> Estas fases, é necessário destacar, não se referem ao desenvolvimento da Primeira Guerra Mundial em si, embora possuam relação com o que se passava nas trincheiras; elas indicam tão-somente etapas na percepção do autor dos Boletins Semanais, enquanto observador e intérprete distante destes acontecimentos.

<sup>117</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 15 fev. 1915, p. 3.

<sup>118</sup> O Boletim do dia 22 de março tratou, novamente, do envolvimento dos neutros em razão do bloqueio contra a Inglaterra e a Alemanha, exigindo uma declaração da América contra este “crime” que prejudicava os neutros, in: *O Estado de S. Paulo*, 22 mar. 1915, p. 3. Tal desenvolvimento da

vez, trataram, com frequência, do impasse causado pelo bloqueio e seus riscos para o comércio internacional, o ponto de partida para compreender a Guerra como uma “conflagração em que a humanidade” – não mais os franceses, os belgas ou, ainda, os europeus – “tanto sofre e tanto tem que sofrer”.<sup>119</sup> A visão ampla do conflito foi construída, com clareza, por Júlio Mesquita quando ponderou:

Torna-se, pois, indispensável que se apanhe, de um só olhar, o que se passa no oriente e o que se passa no ocidente, como se estivéssemos no centro de um semi-círculo – como se a luta da Rússia e da Áustria, da França e da Bélgica fosse uma só e imensa batalha, dirigida por uma só vontade, obedecendo todos aqueles milhões de soldados a uma única voz de comando em cada linha.<sup>120</sup>

O envolvimento dos neutros por meio dos naufrágios operados pelos países envolvidos alcançou o seu apogeu nos meses de 1915, com o Lusitânia, cujo espectro dominou os Boletins até a participação efetiva dos Estados Unidos no conflito, em abril de 1917. Apesar disso, foi justamente durante o primeiro semestre de 1915 que o tratamento acerca do naufrágio esteve mais presente nos textos. Assim, o Boletim do dia 10 de maio veiculou, na seção dedicada aos telegramas, a notícia de que, dois dias antes, o navio norte americano Lusitânia foi posto a pique pelos alemães.<sup>121</sup> Junte-se a isso que a crônica dessa semana destacou o naufrágio:

Entra sempre nos cálculos da Alemanha, discípula obstinada de Bernhardi e outros, espalhar o terror para enfraquecer o inimigo. Invadiu a Bélgica e o norte da França praticando a cada passo inauditas crueldades. Reassume agora esta momentânea ofensiva, requintando nos seus processos de sistemático despeito às humanas prescrições do Direito das Gentes. Asfixiar o inimigo numa nuvem de gases venenosos que, se não o matam, martirizam-no, é uma invenção monstruosa. Torpedear, sem aviso prévio, um navio como o “Lusitânia” é uma selvageria de gigantescas proporções. Sabemos que, bem espremida, a filosofia do pangermanismo tudo justifica, e não nos animamos a censurar os aplausos com que os alemães de todas as filosofias saúdam estas façanhas do seu exército e da sua esquadra.<sup>122</sup>

---

retórica quanto ao conflito confirma as teses de Olivier Compagnon quanto à relação da América Latina com a Primeira Guerra Mundial. Ver COMPAGNON, Olivier. *Op. cit.*

<sup>119</sup> MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 22 mar. 1915, p. 3.

<sup>120</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 15 mar. 1915, p. 3.

<sup>121</sup> No dia anterior, *O Estado de S. Paulo* já havia publicado, na capa, as primeiras notícias sobre o evento; o artigo de Júlio Mesquita, portanto, se insere nessa série de referências ao navio americano que, além de elevar ao estopim o envolvimento dos neutros na guerra, possibilitou a atribuição de mais argumentos em prol da selvageria da Alemanha, ao lado dos já estabelecidos.

<sup>122</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 10 mai. 1915, p. 3.

Com base na repercussão diplomática do Lusitânia, o diretor do *Estado* levantou a hipótese da intervenção armada dos Estados Unidos contra Guilherme II. Os Boletins seguintes acompanharam, então, com atenção, a crise diplomática estabelecida entre Washington e Berlim.<sup>123</sup> Apesar da afirmação de que a paz para o governo americano compensaria mais do que entrar na Guerra, o Boletim fez críticas à política de Woodrow Wilson:

Dessa forma, nota-se que os temas sobre os quais se debruçava o diretor d'O *Estado de S. Paulo*, no primeiro semestre de 1915, já não se localizavam, exclusivamente, entre Paris, Londres e Berlim. A estagnação da Guerra, com o conseqüente recrudescimento das batalhas sobre o mar, deslocou a atenção da Europa para outras partes do globo.<sup>124</sup>

Paralelamente às apostas feitas quanto a uma política mais enérgica por parte dos Estados Unidos, Mesquita também lançou o olhar sobre a frente oriental, sobretudo no estreito de Dardanelos: durante todo o primeiro semestre de 1915, os Boletins indicam que, para o diretor do *Estado*, a vitória dos Aliados sairia desse ponto do conflito, motivo pelo qual, apenas agora, este tópico ganha enfoque.

A investida Aliada sobre o estreito de Dardanelos ocorreu em 19 de fevereiro de 1915; os comentários e as esperanças depositadas sobre esta nova manobra figuram já naquele mês nos Boletins Semanais. Sobre o planejamento e as esperanças no tocante à investida, afirma Lawrence Sondhaus:

No outono de 1914, depois que a “Corrida para o mar” levou ao início da guerra de trincheiras, Winston Churchill passou a defender o uso decisivo do poderio britânico em torno da periferia da Europa como uma alternativa a destinar mais recursos à frente ocidental. Na condição de primeiro lorde do almirantado, no inverno de 1914 para 1915, ele elaborou um plano em que uma coluna de navios de guerra Aliados faria pressão no Dardanelos e atacaria Constantinopla. A ousada manobra talvez compelsse o Império Otomano a solicitar a paz, abrindo o estreito turco como rota de abastecimento entre os Aliados ocidentais e a Rússia.<sup>125</sup>

Após inúmeras tentativas e o deslocamento de maior número de contingente, o malogro da campanha militar ficou patente, ao ponto de conduzir à demissão de Churchill do almirantado, em maio daquele ano, e forçar os Aliados a abandonarem a campanha no Dardanelos, em setembro.

---

<sup>123</sup> Segundo o proprietário do jornal, o presidente norte-americano falou “em nome da humanidade”, ao se fazer “intérprete da consciência universal, profundamente revoltada contra a crueldade reincidente, e cada vez maior, dos submarinos alemães”. Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 jun. 1915, p. 3. A página do jornal trouxe, igualmente, retratos de algumas das vítimas do Lusitânia.

<sup>124</sup> É sintomático que, já em junho, o conflito passou a ser apresentado como “o maior cataclismo da História”, Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 21 jun. 1915, p. 3.

<sup>125</sup> SONDHAUS, Lawrence. *Op. cit.*, p. 157.

“O plano de Churchill – conclui Sondhaus – de romper, no Dardanelos, o impasse da frente ocidental resultara apenas em mais um impasse”.<sup>126</sup>

Júlio Mesquita caminhou estreitamente próximo ao andamento da realidade internacional. A partir dos Boletins de fevereiro daquele ano, a campanha de Dardanelos começou a ser uma das válvulas de escape diante do impasse da frente ocidental, motivo pelo qual passou a receber, de modo crescente, atenção em seus textos. Assim, em 08 de março, o tema principal do seu Boletim se concentrou nas, então recentes, vitórias russas no estreito. Outrossim, o acirramento da campanha foi interpretado em razão daquele ponto da Ásia mover os interesses imperialistas:

Os grandes acontecimentos destes últimos dias provam que não exageramos a importância da luta que se trava nos Dardanelos. A este fato, capital nesta fase da guerra, prende-se tudo o que o telégrafo nos vem anunciando. O ataque aos Dardanelos põe em perigo a existência da Turquia. Está ameaçado de morrer o homem doente. Por conseguinte, despertam e agitam-se impacientes todas as velhas cobiças, que não se satisfaziam porque isso lhes era vedado pela diplomacia da Inglaterra, a quem convinha o império otomano na Europa para depositário de Constantinopla. A peça é gorda e apetitosa, e ninguém desiste do direito, que julga ter, a um bom quinhão.<sup>127</sup>

Os comentários a respeito da campanha no estreito de Dardanelos percorreram praticamente todo o ano de 1915. De saída, os comentários assumiram um tom otimista nos meses iniciais, partindo para um plano secundário na medida em que transcorria o ano, até o seu abandono no segundo semestre. Em agosto, diante da tomada de Varsóvia,<sup>128</sup> Mesquita escreveu:

[o] célebre estreito, para onde, há tantos meses, toda a gente volta os olhos, á espera de um acontecimento que liberte o mundo da angustiosa monotonia deste interminável embate de Titãs manietados e tolhidos. Se não vier dos Dardanelos esse golpe libertador, de onde poderá ele vir? Da Rússia, já se viu que não. (...) A Inglaterra, a França e a Itália já resignadamente se preparam para outra dura e cruelíssima campanha de inverno, (...). Da América do Norte? É tão profundo o silêncio à volta do grave conflito diplomático, suscitado pelo torpedeamento do Lusitânia! (...) De maneira que, se a passagem dos Dardanelos não tiver as consequências que se imaginam, a guerra militarmente não se resolverá. Há de resolver-se pelo cansaço, pelo desânimo, pelo esgotamento de um dos grupos que a sustentam. (...) Previu-o, antes de mais ninguém, num livro famoso publicado em 1899, o escritor russo J. Bloch, que aliás não tinha incluído nos cálculos o poder maravilhoso dos aeroplanos, dos

---

<sup>126</sup> Idem, p. 160.

<sup>127</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 08 mar. 1915, p. 3.

<sup>128</sup> “A tomada de Varsóvia continua a ser, para nós, a única vitória completa do exército alemão nesta guerra”, Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 16 ago. 1915, p. 3.

dirigíveis, dos submarinos, dos líquidos inflamáveis, dos gases asfixiantes, dos monstruosos obuseiros de fantástico alcance e de outros progressos da *kultur* e da civilização, da *kultur* especialmente, porque neste terreno não lhe é disputada a primazia. (...) A futura guerra, dizia ele, há de ser quase toda uma guerra de cerco, de fortificações e trincheiras, com raros combates, no antigo sentido da palavra, em que a bravura pessoal era elemento importantíssimo. E essa guerra, acrescentava, não terá vencedores nem vencidos.<sup>129</sup>

Em resumo, tais declarações sugerem que, diante do impasse das trincheiras, Júlio Mesquita lançou mão de estratégias que pudessem conferir aos leitores a segurança de que a vantagem aos Aliados, se não se dava na frente ocidental, poderia ser vislumbrada em outras frentes da Guerra. Essa estratégia proporcionou nova configuração à imagem da Guerra veiculada pelo jornal: não mais uma guerra franco-alemã, mas já europeia e mesmo mundial, na medida em que o viés se direcionou, também, para a diplomacia de Washington e para o estreito de Dardanelos, sem contar os comentários relativos às campanhas na África.

Paralelamente ao interesse voltado para outras frentes de batalha, a atenção no solo europeu se concentrou na entrada da Itália no conflito, ao lado da Entente e contra a Áustria-Hungria e a Alemanha. Tal evento proporcionou ao autor dos Boletins esperanças quanto ao desenlace do conflito na Europa.

Assim, ainda em maio de 1915, ao fazer um novo histórico da Guerra, Júlio Mesquita enunciou que a intervenção da Inglaterra e a batalha do Marne eram os divisores de água no combate à Alemanha e que a intervenção italiana, naquele momento, seria semelhante à inglesa em agosto de 1914:

A intervenção da Itália no tremendo conflito europeu vale tanto, na hora em que se realiza, como a da Inglaterra. E os futuros historiadores, quando quiserem explicar a queda trágica do colosso que, em fins do século XIX, o gênio de Bismarck ergueu no centro da Europa, têm de fixar a sua atenção nestas duas intervenções, que Guilherme II não soube prever, e na batalha do Marne, que o sobrinho do grande Moltke não soube evitar. A intervenção da Inglaterra isolou a Alemanha, a batalha do Marne abalou o bronze do seu alto pedestal, a intervenção da Itália inclina-a para o chão em que vai tombar, esvaindo-se em sangue pelos flancos robustos.<sup>130</sup>

A observação das outras seções do jornal dedicadas à Guerra revela que, desde o final desse mês, a atenção para com a Itália foi crescente não apenas nos artigos de Júlio Mesquita, mas em outras páginas d'*O Estado de S. Paulo*: os títulos "A Itália em vésperas de guerra (da nossa sucursal em Roma)", com fotografias dos

<sup>129</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 16 ago. 1915, p. 3.

<sup>130</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 24 mai. 1915, p. 3.

soldados,<sup>131</sup> bem como “A Margem da Guerra (situação dos brasileiros filhos de italianos)”<sup>132</sup> e “A Guerra Nacional Italiana”<sup>133</sup> são exemplos da atenção do matutino em relação à situação da Itália no cenário europeu.

Tal atenção à Itália não foi acidental, como é possível demonstrar pela própria iniciativa de lançar o *Estadinho*, edição vespertina do jornal, a qual se insere no mesmo movimento de conferir destaque à posição italiana no primeiro conflito mundial:

Em vez de melhorar, as coisas se complicam na Europa cada vez mais. Os alemães começaram a usar gases asfixiantes. As notícias são lidas com avidez e, dado o interesse pelos acontecimentos que se sucedem, fica resolvida a publicação de uma edição da noite do *Estado*. “O nosso programa resume-se a noticiar”, assim abre o artigo de fundo do primeiro número do *Estadinho*, no dia 24 de maio de 1915. Foi Júlio Mesquita quem teve a ideia do *Estadinho*, no dia 24 de maio de 1915. (...) Há abundantes caricaturas, fotografias e mapas da guerra.<sup>134</sup>

Acrescente-se que tal iniciativa não pode ser dissociada da crise instaurada em finais de 1914, entre o matutino dos Mesquita e o *Diário Alemão*. Conforme Tania Regina de Luca:

Contrariamente ao que se poderia supor, a queda nos lucros não implicou a retração das atividades empresariais da família Mesquita. Em maio de 1915, com a entrada da Itália na guerra, foi lançada a edição noturna d' *O Estado*, logo batizada de *Estadinho*, que destinava-se, inicialmente a noticiar os acontecimentos do conflito, dedicando, porém, especial atenção à participação italiana.

A ênfase na Itália estava longe de ser inocente; afinal porcentagem significativa da população da capital era constituída de italianos e seus descendentes. O novo periódico deveria cumprir um duplo papel: aumentar o número de leitores e anunciantes num momento em que os lucros escasseavam, e angariar simpatizantes para a causa do jornal, que então travava acirrada polêmica com o *Diário Alemão*.<sup>135</sup>

<sup>131</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 15 fev. 1915, p. 3.

<sup>132</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 07 jun. 1915, p. 3.

<sup>133</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 13 set. 1915, p. 3.

<sup>134</sup> DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, 1977, p. 78.

<sup>135</sup> DE LUCA, Tania Regina. *Op. cit.*, p. 40. Essa cobertura da situação da Itália deu ensejo à relevância da posição privilegiada do jornal frente ao conflito na Europa, em razão do correspondente presente na capital italiana. Assim, ao comentar sobre os supostos interesses financeiros presentes no debate entre os defensores da neutralidade, Júlio Mesquita explicitou: “Na sua última correspondência, o nosso correspondente em Roma, sempre bem informado, dá a entender, ou antes, afirma que os neutralistas, os que, com Giolitti à frente, queriam a todo custo impedir a invasão da Áustria, obedeciam antes de tudo ao alto comércio bancário da Itália, (...). Esta informação do nosso correspondente de Roma não nos surpreendeu (...)”, MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 jun. 1915, p. 3



O fito à Itália, para além do desejo de angariar maior número de assinantes e leitores, a colocou em um lugar específico na dinâmica da Guerra. No Boletim de 28 de junho, ao garantir que as então recentes vitórias alemãs sobre os russos poderiam impedir que a Rússia permanecesse no conflito, Júlio Mesquita declarou que não comungava do otimismo presente nos telegramas alemães, que, por sua vez, esperavam para breve o fim da guerra:

O otimismo dos alemães funda-se na crença de que dentro em pouco, esmagados e varridos os russos, talvez para os desolados estepes da Sibéria, todas, ou quase todas as forças alemãs e austríacas cairão com o imenso ímpeto e com a o mesmo peso sobre as trincheiras de Joffre, de French e dos belgas [a frente ocidental], levando-as de arrastão, espedaçadas, para Dunquerque, para Calais e para Paris, em cujas imediações, na resplendente Versalhes, outro Kaiser ditará as condições da paz. Será – não resta sombra de dúvidas! – tão rápido e tão fulminante no teatro ocidental das operações como foi no oriental. (...) Está bem. Mas, a Itália? (Perdoem-nos os alemães se começa a manifestar-se alguma dúvida no nosso espírito). Admitida a hipótese de que os russos estejam realmente esmagados e varridos, quer-nos parecer que nem assim, dada a intervenção da Itália. (...) A guerra, em 1914, feria-se em duas frentes. Hoje, fere-se em três. Sabe-se a importância desse fato.<sup>136</sup>

Dessa maneira, para Júlio Mesquita, a entrada da Itália alterou as frentes da guerra, o que enfraqueceria a Alemanha em longo prazo, oferecendo novas esperanças para o desenrolar dos meses daquele ano. No entanto, tal atenção dispensava aos campos de batalha no solo europeu ficou abaixo daquela voltada para a diplomacia de Washington e as batalhas nos Dardanelos.

Finalmente, diante das seções-chaves propostas para a análise dos Boletins de 1915, esta primeira fase otimista ter-se-ia encerrado em julho-agosto daquele ano, com os resultados inesperados das investidas aguardadas durante o primeiro semestre. Dessa maneira, em 12 de julho, Mesquita dirigiu-se à frente ocidental, decretando – contrariamente ao que foi defendido até então – que ali se daria a vitória:

O essencial é que os alemães e os austríacos não consigam levar para a Itália, para a Alsácia, para a Lorena, para a Bélgica e para a França as forças de que ali precisam, cada dia com maior urgência. Ali é que é o ponto melindroso. É ali que tudo se há de decidir.<sup>137</sup>

<sup>136</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 28 jun. 1915, p. 3.

<sup>137</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 12 jul. 1915, p. 3. É interessante notar, similarmente, que o final do Boletim procurou alertar os leitores para a próxima edição, que sairia na segunda-feira seguinte: “Veio-nos a pena correndo pelo papel, e só agora, quando quase se acaba o espaço de que dispomos, nos damos conta de que ainda não dissemos uma só palavra a respeito do conflito

E, igualmente, no Boletim seguinte, posicionou-se:

Quer dizer: a guerra não cessará, se não nos forem restituídas a Alsácia e a Lorena, se não nos pagarem a indenização a que temos direito, e se o militarismo, que nos pôs em campo, não reduzir o seu formidável armamento.<sup>138</sup>

A crise instaurada na leitura de Mesquita, em razão do fracasso das investidas dos Aliados, se tornou mais clara à medida do avanço dos meses do segundo semestre de 1915. Assim, em 26 de julho, escreveu que “caiu-nos das mãos o fio de lógica que há um ano nos vinha conduzindo”. O Boletim foi analogamente esclarecedor ao apontar a desorientação encontrada por Júlio Mesquita na dinâmica da guerra:

Manda a lei do ritmo da guerra, (...), que o comando supremo dos exércitos em campanha, formado pela solidariedade dos comandos parciais, distribua os esforços de que esses exércitos são capazes de maneira a conservar sempre, em toda a extensão da linha, um equilíbrio regular. O inimigo ataca um ponto e esse ponto cede. Deve imediatamente corresponder a este sinal de fraqueza uma acometida noutra ponto, que force o inimigo a repartir o seu vigor ofensivo e, por conseguinte, a moderar o ímpeto do seu ataque. Ora, neste curioso período do imenso embate europeu, é como se essa lei não existisse, ou como se absolutamente a desconhecêssemos os mestres que o dirigem. Os alemães avançam, os russos recuam, e tanto mais os alemães vão para diante e os russos para trás, mais os franceses, os ingleses e os belgas se imobilizam, como que de armas ensarilhadas, meros espectadores da batalha distante(...). Alguma coisa há que não nos dizem, que propositadamente nos ocultam.<sup>139</sup>

Além dos reveses dos Aliados, no segundo semestre daquele ano, outras novidades do cenário internacional modificaram a escrita dos artigos. O Boletim de 09 de agosto somou um novo elemento para a percepção da vantagem alemã: a queda de Varsóvia. Mesquita analisou que “nunca se revelou em tamanha evidência o colossal vigor da poderosa Alemanha”<sup>140</sup> e que se constituía “a única vitória

---

diplomático da Alemanha com os Estados Unidos, conflito cuja exacerbação é o fato mais notável da última semana. Não faz mal: fica para a semana que vem. Nem nós nem os leitores perderemos com este adiantamento, porque os ardis em que a Alemanha insiste, em vez de diminuir, vão aumentar o interesse do caso, já em si interessantíssimo”. Foi a primeira vez que essa estratégia de prender a atenção do leitor foi utilizada.

<sup>138</sup> Idem, *In: O Estado de S. Paulo*, 19 de julho de 1915, p. 3. Esse excerto parece sugerir que Mesquita compartilhava com os franceses os temas referentes à sua cultura de guerra, a qual atribuía toda a responsabilidade aos alemães, cujas consequências – já aqui delineadas – seriam efetivadas, quatro anos depois, em Versalhes.

<sup>139</sup> Idem. *In: O Estado de S. Paulo*, 26 jul. 1915, p. 3.

<sup>140</sup> Idem. *In: O Estado de S. Paulo*, 09 de agosto de 1915, p. 3.

completa do exército alemão nesta guerra”.<sup>141</sup> E, pela primeira vez, o diretor do *Estado* discordou do otimismo dos Aliados, dando voz aos telegramas alemães. A transição entre julho e agosto de 1915 marcou, portanto, o fim das esperanças de uma ofensiva dos Aliados em uma das frentes da guerra ou do possível rompimento das relações entre Berlim e Washington.

Com o fracasso dos ataques dos Aliados, os Boletins do segundo semestre de 1915 se tornaram pessimistas, prevendo, para distante, a vitória da França e da Entente. Em 20 de setembro, Mesquita expressou-se sobre a posição de credor da Europa alcançada pelos Estados Unidos e, por essa razão, sobre a inconveniência de sua entrada na guerra: “para os Estados Unidos é muito importante assumirem o papel de banqueiros da Europa. Desloca-se assim o eixo da finança universal, velha aspiração dos seus economistas”.<sup>142</sup> Durante os meses de agosto a dezembro de 1915, o caráter dos Boletins divergiu do otimismo característico do ano anterior e das esperanças do primeiro semestre daquele ano. Somente entre janeiro e fevereiro de 1916, novas esperanças surgiram diante da provável ofensiva geral dos Aliados.

Nesse sentido, é sintomático que, a partir desses meses, Mesquita passou a caracterizar o conflito como uma “guerra de tantas surpresas e, principalmente, tantas indecisões”.<sup>143</sup> Foi, também, nesses meses, que o foco do diretor do *Estado* se direcionou para os Bálcãs, sob a esperança de que a entrada da Bulgária, Romênia e, especialmente, da Grécia, faria a vantagem pender para o lado dos Aliados.<sup>144</sup> Apesar da movimentação na Península balcânica, o tom das crônicas foi, potencialmente, tedioso: esta guerra, diz Mesquita, “[é] clara, muito clara no seu aspecto geral, mas confusa e enigmática, até hoje e ainda por muito tempo, na maioria dos seus incidentes”. Os Bálcãs, de sua parte,

deixando-nos agora às escuras, às tontas, incapazes de conceber e criar uma hipótese razoável e consistente, nadando sem rumo, entre névoas,

<sup>141</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 16 de agosto de 1915, p. 3.

<sup>142</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 20 de setembro de 1915, p. 3.

<sup>143</sup> MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra, In: *O Estado de S. Paulo*, 19 de junho de 1915, p. 3.

<sup>144</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 27 de setembro de 1915, p. 3. É interessante notar que o Boletim dessa edição foi publicado com o mapa das batalhas nos Bálcãs, cujo título foi posto em destaque. Os últimos meses de 1915 se destacaram tão-somente pela atenção voltada aos Bálcãs, sobretudo após a entrada da Bulgária ao lado da Alemanha, que obrigou Júlio Mesquita a reconhecer a vantagem das Potências Centrais no continente, ao passo que, ainda, defendia a superioridade aliada nos mares.

num mar de simples e vãs conjecturas”, constituindo “a mais incompreensível de todas as semanas da guerra.”<sup>145</sup>

E, ainda na segunda-feira seguinte, registrou que era “toda de incertezas a atualidade”, admitindo, igualmente, que o jornal foi acusado de “pessimismo excessivo”.<sup>146</sup> O conflito, desde então, foi encarado sob um manto de pessimismo: “A guerra arrasta-se – escreveu em setembro –, desenhando-se, a cada instante com maior evidência, o seu temeroso caráter de guerra de cansaço, esgotamento e prostração, guerra para longos e longos meses”.<sup>147</sup>

Além disso, em 08 de novembro, foi publicada a seguinte nota, dividindo a página com o editorial: “Achando-se o dr. Júlio Mesquita obrigado a repouso, em virtude de prescrição médica, deixa hoje de sair o comentário do ‘Boletim da Guerra’, que o nosso diretor nos envia todos os domingos”.<sup>148</sup>

#### Imagem n.º 04 – Nota do jornal (08/11/1995)



Fonte: *O Estado de S. Paulo* – Acervo Online

<sup>145</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 11 de outubro de 1915, p. 3. Nesse mesmo Boletim, Mesquita, ainda, tentou chamar a atenção dos leitores, apostando que o futuro traria notícias de sensação: “O drama sobe intenso para as suas cenas culminantes. Estamos no topo da montanha”.

<sup>146</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 25 de outubro de 1915, p. 3. É digno de anotação que os comentários se dirigiram para a diplomacia, deixando de lado as batalhas. Durante semanas, igualmente, Júlio Mesquita não se debruçou sobre a frente ocidental.

<sup>147</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 20 set. 1915, p. 3.

<sup>148</sup> Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 08 de novembro de 1915, p. 3. Além da informação explícita acerca da autoria dos Boletins Semanais, a página trouxe também as seções: “Notas e Informações”, “Futebol - a taça Rio - S. Paulo”; “A Situação Européia - Repercussão no Brasil” e “Jornais do Rio”. O apontamento sobre a repercussão no Brasil informava que se realizou, no dia anterior, um festival no Teatro Municipal de São Paulo, sob os auspícios dos cônsules da França e da Inglaterra, em prol dos órfãos da guerra destes países.

Sobre essa primeira ausência dos Boletins Semanais, que durou de 08 de novembro a 20 de dezembro de 1915, justificada por *O Estado de S. Paulo* sob o argumento de prescrição médica, é necessário recorrer, novamente, às informações fornecidas por Paulo Duarte em sua biografia sobre Júlio Mesquita. Duarte declarou que ela pode ter sido causada pelas dissidências no Partido Republicano Paulista (P.R.P.):

Pela primeira vez, nesse dia 8 de novembro, uma segunda-feira, deixam de sair os comentários semanais de Júlio Mesquita sobre a guerra. Moléstia é o alegado, mas a causa certa deve ser o frenesi provocado pela crise política.

(...) No dia 15, segunda-feira, não sai outra vez a crônica de Júlio Mesquita, sobre a guerra... Mas as notas políticas prosseguem, vigorosas, implacáveis.

(...) O Boletim Semanal da Guerra, às segundas-feiras, continua a sair sem comentários... As notas políticas, porém, cada vez mais vibrantes e implacáveis. Fácilmo era identificar os escritos do diretor do *Estado*. (...) A primeira série de cartas políticas anunciadas aparece no dia 29 de novembro de 1915, (...).<sup>149</sup>

Tais informações estão de acordo com o que nos é apresentado por José Ênio Casalecchi sobre o mesmo período. Após um tempo de certa unidade da política paulista em torno do Partido, novas dissidências se anunciavam no final daquele ano:

Em fins de 1915, abria-se, com o processo sucessório de Rodrigues Alves, nova crise na política paulista. (...) Rubião Júnior, presidente do Senado Estadual, obteve o apoio do PRP para substituir Rodrigues Alves. A sua morte repentina provocou a Convenção de 7 de novembro de 1915 para a escola do futuro presidente. A ação política se agilizava: os dissidentes indicaram Cardoso de Almeida; o governo, Altino Arantes. O jornal *O Estado de S. Paulo* empenhou-se na crítica a Arantes e ao PRP (...). A 6 de novembro, vésperas da Convenção, Júlio de Mesquita assume a representação dos dissidentes naquele evento. Presidida por Francisco Glicério, é aberta a Convenção com o requerimento de Adolfo Gordo propondo adiar a decisão, por 15 dias, para ganhar tempo na escolha de “um nome que reunisse os sufrágios gerais”. A maioria opunha-se a tal medida, e após longo discurso em que Carlos de Campos, em nome da conciliação dos espíritos e da unidade partidária, buscava isentar o governo

<sup>149</sup> DUARTE, Paulo. *Op. cit.*, 1977, p. 85-87. Como confirmação dessas informações, é interessante destacar os comentários de Júlio Mesquita no Boletim do dia 07 de fevereiro de 1916: ao expor sobre as eleições americanas, o diretor do *Estado* destacou as semelhanças nos discursos de Wilson e Roosevelt, no que se referia a uma possível entrada dos Estados Unidos na guerra. Para Mesquita, caso a Alemanha não confessasse o crime, teria que enfrentar os americanos; se confessasse, perderia a força moral diante dos seus próprios cidadãos. Nesse contexto, se volta para “um país” que estaria em condições semelhantes aos Estados Unidos, cujos políticos mereceriam críticas. Considerando-se a razão apontada por Paulo Duarte para as ausências dos Boletins de novembro de 1915, poderia ser o Brasil? Ver MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 07 fev. 1916, p. 3.

e referendar Altino Arantes, o requerimento de Adolfo Gordo foi rejeitado por 69 votos contra 21. Retiraram-se 17 convencionais da minoria, abrindo-se nova cisão na política paulista.<sup>150</sup>

Dessa forma, não apenas a realidade internacional, mas a própria política intramuros contribuiu para o tom cada vez mais pessimista encontrado nos artigos desse período. Nas semanas que se seguiram, Júlio Mesquita, a despeito da nota acerca do suposto estado de saúde, lançou mão de notas políticas para acompanhar e se posicionar no conturbado momento político interno; notas essas que prosseguem durante o mês de dezembro, mesmo após o retorno dos Boletins Semanais:

Júlio Mesquita, em *O Estado de S. Paulo*, utiliza os editoriais de “Notas e Informações”, no final de 1915, para exorcizar suspeitas de participação do maior jornal paulista em créditos subvencionados pelo governo estadual. A defesa própria que faz, as explicações e os argumentos que oferece aos leitores demonstram uma nova concepção de jornalismo.

(...) As reflexões de Júlio Mesquita partem da sua constatação de que circulam história sobre favores financeiros a *O Estado*. (...) Até então inédito na imprensa brasileira, o procedimento de Mesquita equivale a uma prestação de contas tão minuciosa que expõe a contabilidade da empresa, num período de 43 meses da administração Rodrigues Alves, ao exame de qualquer pessoa. Ele dá valores, detalhes das faturas, para que possam ser conferidos mediante simples consulta às coleções.<sup>151</sup>

A crônica da guerra retorna no dia 20 de dezembro, perfazendo cinco semanas de ausência. Ao contrário do que se poderia esperar, Mesquita nada comenta sobre a situação da política paulista, apresentando apenas a escassez de notícias como justificativa de sua ausência nas semanas anteriores:

Foi primeiro uma doença, que o impediu de trabalhar. Foi depois a falta de interesse dos telegramas, que dia a dia nos iam chegando sem política nova, tornando-se apenas, a cada instante, mais clara a situação que claramente deixáramos descrita, quando por algum tempo nos ausentamos desta coluna.<sup>152</sup>

Quanto ao retorno do Boletim em 20 de dezembro, evidencia-se que não apenas a prescrição médica ou a luta interna do Partido Republicano Paulista, mas também a “falta de interesse dos telegramas” pode ser indicada como razão – ao

<sup>150</sup> CASALECCHI, José Ênio. *O Partido Republicano Paulista: política e poder (1889-1926)*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 147-8.

<sup>151</sup> BAHIA, Juarez. *Jornal história e técnica: História da imprensa brasileira*. Mauad X, Rio de Janeiro, 2009, v. 1, p. 164-5.

<sup>152</sup> MESQUITA, Júlio. Boletim Semanal da Guerra. In: *O Estado de S. Paulo*, 20 dez. 1915, p. 3.

menos explícita – para essa ausência entre novembro e dezembro de 1915. Em confirmação a essa nota de Júlio Mesquita, estão os Boletins anteriores, que denotam crescente pessimismo frente à guerra.<sup>153</sup>

A transição 1915-1916 foi marcada pelos comentários atentos, principalmente, para a diplomacia e para os conflitos nos Bálcãs, sobretudo para a Grécia.<sup>154</sup> Tal interesse sobre as relações internacionais podem ser explicados em razão da estação, a qual paralisava as operações militares nas principais frentes de batalha, ocidentais ou orientais. Contudo, e apesar do tom pessimista e do tédio presentes em seus textos, Mesquita aguardava para breve grandes acontecimentos. Logo, no final de janeiro de 1916, escreveu que a Alemanha preparava o seu “quarto assalto” sobre os Aliados, com os planos de invasão da Índia e ataque ao canal de Suez:

É certo, porém, que estamos em vésperas de grandes acontecimentos, perfeitamente capazes de nos arrancarem ao tédio da monotonia da guerra nestes últimos meses. O choque do Ocidente é inevitável e, dados os recursos dos dois atletas que ali se vão medir peito a peito, a cena há de ser empolgante.<sup>155</sup>

Uma semana após esses comentários, teve início a Batalha de Verdun,<sup>156</sup> que alterou a dinâmica da guerra e dos Boletins Semanais, escritos em sua função. Mais uma semana passada, depois do início de Verdun, em 28 de fevereiro, o Boletim Semanal não foi publicado. O jornal, contudo, não apresentou as razões da ausência. Em 06 de março, Mesquita declarou:

Estamos, provavelmente, no começo do fim. (...), qual será a sorte de Verdun? A esse respeito, no momento em que estamos não pode haver palpites; para opiniões, não há base. (...) Admitindo-se que os franceses se vejam afinal obrigados a abandonar Verdun, hipótese que só parecerá

---

<sup>153</sup> Ainda sobre o Boletim do dia 20 de dezembro, com o retorno da crônica, Mesquita afirmou que, se Alemanha permanecesse na frente ocidental, teria que enfrentar a oposição da Itália, da França e da Inglaterra; já se partisse para a Índia, encontraria o Japão, perdendo, assim, o contingente na frente ocidental. A perspectiva, portanto, continua para além da Europa: “Fora da imensa luta só há atualmente duas nações de real poder: os Estados Unidos e o Japão. (...) É hoje, por conseguinte, uma verdade que exige reflexão o que os alemães por bazófia apregoavam em agosto e setembro de 1914: “Venha o mundo inteiro contra nós, que o não tememos!”. Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 03 jan. 1916, p. 3.

<sup>154</sup> Idem. O Boletim foi publicado juntamente com uma fotografia cujo título “A Campanha nos Balcãs”, o que indica a atenção de Mesquita sobre essa frente da guerra. Do final de janeiro em diante, igualmente, em razão do fim da campanha no estreito de Dardanelos, as tropas aliadas se dirigiram para Salônica (Tessalônica), aumentando a atenção sobre a situação na Grécia.

<sup>155</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 14 fev. 1916, p. 3.

<sup>156</sup> Verdun: fevereiro-dezembro de 1916.

absurda aos que não souberam ler os boletins de Paris com a devida atenção, não se suponha que esse abandono seja um golpe irremediável para a causa dos Aliados.<sup>157</sup>

A Batalha de Verdun, por sua vez, ao passo que possibilitará a retomada do otimismo e da breve esperança de movimentação no teatro da guerra, logo passou a contribuir para a consolidação das tendências que surgiram em 1915, produzindo uma nova inflexão dos artigos do diretor do *Estado*, os quais acentuaram, de forma ainda mais evidente, as notas de pessimismo em relação ao resultado da guerra.

---

<sup>157</sup> Idem. In: *O Estado de S. Paulo*, 06 mar. 1916, p. 3.



### **Capítulo 3**

#### **A imprensa francesa e *O Estado de S. Paulo***

Neste capítulo, dividido em três itens, apresentam-se os dados relativos às fontes utilizadas por Júlio Mesquita na escrita de suas crônicas. Uma vez estabelecida estrutura segundo a qual o matutino interpretou o conflito, objetiva-se identificar as fontes da cultura de guerra compartilhada pelo diretor d' *O Estado de S. Paulo*. Tratou-se, portanto, de verificar a realidade da imprensa francesa nos anos 1914-1918 e quais periódicos foram privilegiados pelo *Estado*. Finalmente, a análise comparativa das fontes demonstrou qual o trabalho de seleção e edição de Júlio Mesquita, de modo a evidenciar o seu papel ativo enquanto leitor da imprensa europeia.

### **3.1 A França sob a censura**

---

A análise dos Boletins destacou o lugar conferido por Júlio Mesquita à imprensa francesa na escritura dos seus artigos de guerra. Além das declarações explícitas que permeiam os textos, os temas privilegiados, bem como a própria interpretação compartilhada pelo jornal evidenciam o papel preponderante da imprensa de Paris sobre a pena de Júlio Mesquita.

Conforme dito, a própria dinâmica da escrita obedece a um ritmo dividido em três fases compreendidas em otimismo, pessimismo e, novamente, o otimismo. A fase dissonante concentra-se, em sua maior parte, nos meses de 1916, em razão dos próprios conflitos daquele ano e da duração inesperada da guerra. Após os insucessos sucessivos de 1915, Mesquita passou a postergar a vitória da França e da Inglaterra. Diante disso, foram colocadas algumas questões quanto ao tratamento dispensado às suas fontes durante essa fase, visto tratar-se de um momento privilegiado para analisar o alinhamento - ou a distância - do autor dos Boletins diante do que foi publicado na imprensa parisiense.

De saída, foi necessário identificar os jornais e periódicos franceses referenciados em seu texto, de modo a permitir a comparação entre a linha seguida por estes órgãos e *O Estado de S. Paulo* naquele momento específico da conflagração. Dessa forma, foi elaborada uma tabela com o nome e a frequência das citações dos periódicos franceses nos Boletins de Guerra:

<b>Título</b>	<b>DATA</b>
« <i>Les journaux de Paris</i> »	07-09-1914 28-12-1914
« <i>Les journaux parisiens</i> »	07-08-1916
« <i>La presse à Paris</i> »	17-08-1914 24-07-1916
« <i>Les journaux français</i> »	07-12-1914 19-04-1915 03-12-1915
<i>Le Figaro</i>	07-09-1914 21-09-1914 26-04-1915 23-08-1915 20-03-1916
<i>Le Temps</i>	06-08-1914 11-10-1915 20-03-1916
<i>L'Information</i>	26-04-1915
<i>La Liberté</i>	28-06-1915
<i>Le Matin</i>	21-09-1914 12-10-1914 11-11-1914 11-01-1915 17-04-1915 03-05-1915 03-01-1916 07-02-1916
<i>Le Petit Parisien</i>	05-04-1915 07-06-1915
<i>Le Journal</i>	06-12-1915 14-02-1916 07-08-1916
<i>Le Petit Journal</i>	03-07-1916 21-08-1916

O capítulo concentrou-se entre os meses de agosto de 1914, início da guerra, a agosto de 1916, uma vez que a partir deste mês as notas de pessimismo passaram a diminuir, ao ceder lugar ao retorno progressivo do otimismo diante das futuras eleições norte-americanas.

Diante dos dados assim expostos, é possível verificar a presença de seis quatro jornais de destacado relevo na imprensa francesa, a saber: *Le Petit Parisien*, *Le Petit Journal*, *Le Journal*, *Le Matin*, *Le Temps* e *Le Figaro*. Para a efetiva compreensão do papel destes periódicos no Hexágono, bem como as possibilidades de sua utilização por parte de um jornalista brasileiro, é necessário destacar alguns

pontos da história da imprensa na França, com ênfase nos anos referentes à Grande Guerra.

O avanço da imprensa na Europa, e na França em particular, foi precedido pela difusão da escolarização, a qual ampliou o acesso à leitura durante o século XIX.<sup>158</sup> Não sem motivo, portanto, o período entre os anos 1880 e o início da guerra ficou conhecido na França como “a idade de ouro da imprensa”,<sup>159</sup> para o que também concorreu a lei de 29 de julho de 1881, que estabeleceu o fim da censura, de modo que a imprensa francesa – e sobretudo a parisiense – conheceu um momento de grande expansão de suas publicações:

*La liberté d'entreprise a permis à la presse de tirer profit de l'essor du régime capitaliste qui atteint alors son apogée. Il s'est produit « une merveilleuse conciliation entre le capitalisme et la démocratie » a écrit G. Ripert. [...] La liberté ainsi accordée à la presse lui a donné une puissance alors difficilement contestable. La variété de ses formes et de ses contenus, l'extension de ses tirages la font pénétrer dans tous les milieux. Elle est l'instrument ou le reflet de toutes les grandes luttes politiques et sociales.<sup>160</sup>*

Assim, até 1914, a imprensa francesa conheceu um momento de expansão, ao mesmo tempo em que ocorriam clivagens entre os seus periódicos, avanços técnicos e o desenvolvimento das profissões ligadas à imprensa, como o telégrafo e as agências de informação e publicidade, como a Agência Havas. Ao mesmo tempo, aprofundaram-se a diferenciação entre os tipos de periódicos e a diversificação do seu público-alvo.

<sup>158</sup> A França no início do século XX já é uma sociedade de leitores. Sobre este tema, ver: CHARLE, Christophe. *Le siècle de la presse : 1830-1939*. Paris : Seuil, 2004 et MOLLIER, Jean-Yves. *Leitura e seu público no mundo contemporâneo: Ensaio sobre História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

<sup>159</sup> BELLANGER, Claude. *Histoire générale de la presse française*. Presses Universitaires de France – PUF : Paris, 1972, tome III : De 1871 à 1940.

<sup>160</sup> “A liberdade de iniciativa permitiu à imprensa de tirar proveito do avanço do regime capitalista que alcançava, então, seu apogeu. Tratava-se de “uma maravilhosa conciliação entre o capitalismo e a democracia”, escreveu G. Ripert. [...] A liberdade assim concedida à imprensa lhe conferiu um poder de extensão de suas tiragens ao ponto de penetrar em todos os meios. Ela é o instrumento ou de reflexo de todas as grandes lutas políticas e sociais.” Idem, p. 23. Sobre a lei de 1888, do mesmo autor: “La grande loi sur la presse, qui était en chantier dans les commissions depuis le début de la législature, fut finalement promulguée le 29 juillet 1881 [...]. Autant que les stipulations mêmes de la loi, l'esprit dans lequel elle fut votée permet de mesurer la profonde évolution des hommes politiques de la période devant la presse. Certes, cette loi apparaissait à leurs yeux d'abord comme l'aboutissement logique, et par conséquent inévitable, de la longue lutte du pouvoir contre les journaux, lutte qui remontait, sans parler de l'Ancien Régime, à 1792 et dont les derniers épisodes en 1877 étaient encore tout proches. Ils la célébrèrent aussi comme la consécration des principes républicains qui faisaient de la presse l'instrument privilégié des progrès de la démocratie. [...] Le premier mérite de la loi fut de remettre en ordre la législation sur l'imprimerie et la librairie (chap. I), sur la presse périodique (chap. II), sur l'affichage, le colportage et la vente sur la voie publique (chap. III). » (p. 240-242).

Data do século anterior a formação dos chamados “quatro grandes” cotidianos franceses que dominavam a cena no início do século XX: *Le Petit Journal* (1863), *Le Petit Parisien* (1876), *Le Matin* (1884) e *Le Journal* (1892) que, juntos, respondiam por cerca de três quartos da tiragem global dos jornais em Paris e 40% de todos os cotidianos franceses, o que atesta a importância destes jornais sobre a opinião pública na França. Suas linhas editoriais, assentadas sobre a defesa da República e da Nação, estiveram próximas durante a Grande Guerra.<sup>161</sup>

À frente destes jornais estavam homens ligados ao poder, a exemplo de Maurice Bunau-Varilla, do *Le Matin*, e Jean Dupuy, do *Le Petit Parisien*, o que permitia a utilização destes órgãos da imprensa segundo com os seus interesses pessoais. Segundo Bellanger,

*Leurs prises de position étaient rarement neutres (...), ils ont, mieux que d'autres, soutenu le culte de l'armée, le mouvement colonial, le souvenir de l'Alsace-Lorraine, la haine de l'Allemagne... Ils ont présenté aussi, à travers les faits divers et leurs commentaires, et ce, malgré l'exploitation un peu morbide des crimes de sang et des drames larmoyants, une certaine morale où la religion ne tenait que peu de place mais qui exaltait le civisme et les vertus bourgeoises. Les quatre grands se diffusaient dans la France entière et pénétraient largement dans les campagnes, (...).*<sup>162</sup>

Eram folhas que não questionavam o Exército, a Pátria ou a moral. Além disso, a importância destes quatro jornais não se restringia apenas a França, mas chegava ao exterior.<sup>163</sup> Ao lado dos « quatro grandes » havia igualmente os jornais de menor tiragem, como *Le Figaro* e *Le Temps*, também utilizados com frequência por Mesquita em seus textos. Jornal conservador, *Le Figaro* foi considerado um dos jornais melhor escritos de seu tempo, que abrigava escritores como Émile Zola e Anatole France, que desfrutavam de grande fama também em âmbito internacional. Ao seu lado, *Le Temps*, republicano e conservador, com sua grande rede de correspondentes, tornou-se um dos mais importantes órgãos da diplomacia

<sup>161</sup> Idem, p. 300 et 429-432 para a posição e a aproximação dos « quatro grandes » durante o conflito.

<sup>162</sup> “As suas tomadas de posição eram raramente neutras (...), eles têm, melhor que os outros, sustentado o culto do Exército, o movimento colonial, a recordação da Alsace-Lorena, o ódio ds Alemanha... Eles têm apresentado, dessa forma, por meio de *fait divers* e seus comentários, o que, apesar da exploração um pouco mórbida dos crimes de sangue e dramas emocionantes, uma certa moral na qual a religião possuía um pequeno lugar, mas que exaltava o civismo e as virtudes burguesas. Os quatro grandes se difundiram em toda a França e penetraram largamente no interior (...).” Idem, p. 298.

<sup>163</sup> Durante este mesmo período, por exemplo, ocorreu o desenvolvimento da imprensa brasileira, a qual utilizava a imprensa francesa como fonte e modelo. Ver: COMPAGNON, Olivier. *Op. cit.*, 2014. Além disso, a formação e a expansão do jornal *O Estado de S. Paulo* sob a direção de Júlio Mesquita se localizam nesse mesmo período (entre 1870-1910).

francesa. A despeito das dificuldades enfrentadas para sobreviver, havia as folhas do campo da esquerda, aí incluídos os anarquistas, que se beneficiaram da lei de 1881, como *L'Égalité* (1877), *Le Cri du Peuple* (1883) e *L'Humanité* (1904). Ao mesmo tempo, cresciam os títulos voltados para públicos específicos, como as mulheres e crianças.<sup>164</sup>

Em resumo, a história da imprensa francesa registra, entre os anos 1880 e 1914, um florescimento que também se expressava pela grande variedade de cotidianos e revistas dos tipos os mais diversos. No entanto, o início da guerra em agosto de 1914 marcou um novo momento para os impressos, sobretudo no que diz respeito à intervenção do Estado.

Os quatro anos do conflito tiveram considerável impacto no curso da imprensa na França: primeiro conflito a envolver militares e civis, a guerra mobilizou todos os poderes nacionais para a defesa do território. Ao lado do desaparecimento de alguns títulos e da redução das páginas, em razão dos problemas econômicos e materiais dos cotidianos franceses,<sup>165</sup> a guerra de 1914-1918 restabeleceu a censura sobre as informações. Ao seu lado havia igualmente a *propaganda de guerra*, sobretudo voltada para o exterior e aos países neutros. Não sem motivo, portanto, é essencial compreender as condições de circulação da palavra escrita entre o Brasil e a França entre esses anos, uma vez que trata-se do pano de fundo sob o qual ocorreu a escritura dos Boletins Semanais.

Assim, em razão da *Union Sacrée*,<sup>166</sup> a França mobilizou todos os seus meios para realizar o esforço de guerra, de modo que entre as primeiras medidas esteve a suspensão da liberdade da imprensa:

*La censure est assurément l'une des questions les plus originales de cette époque. Elle suspend des processus historiques de démocratisation des systèmes politiques à l'œuvre dans les pays européens, notamment en*

<sup>164</sup> BELLANGER, Claude. *Op. cit.*, p. 349 e seguintes, o qual destaca os diferentes gêneros presentes na imprensa francesa durante esse período: a imprensa monarquista, a imprensa católica e popular, os órgãos de direita e esquerda, etc.

<sup>165</sup> Sobre a situação material da imprensa na França e alguns exemplos: ver BELLANGER, Claude (*op. cit.*), p. 409-412.

<sup>166</sup> A fórmula de Raymond Poincaré, presidente da República, convidou à uma pausa nas lutas sindicais e políticas para realizar a união na defesa do país. Segundo suas palavras transmitidas pelo presidente do Conselho René Viviani no dia 4 de agosto de 1914 aos deputados: « Dans la guerre qui s'engage, la France [...] sera héroïquement défendue par tous ses fils, dont rien ne brisera devant l'ennemi l'Union sacrée et qui sont aujourd'hui fraternellement assemblés dans une même indignation contre l'agresseur et dans une même foi patriotique. » Voir : BECKER, Jean-Jacques. *Unions sacrées et sentiment des responsabilités*. In : AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane ; BECKER, Jean-Jacques. *Op. cit.*, p.195-206.

*France. L'enjeu réside dans une tentative de contrôle et d'encadrement des opinions publiques le temps d'une guerre appelée à durer au-delà de ce que les responsables politiques et les chefs militaires croyaient. Cette situation conduit les gouvernements à adapter le fonctionnement des institutions à un temps inédit de restriction des libertés publiques alors que la Troisième République avait parachevé, dans l'esprit des contemporains, la conquête de ces dernières commencée avec la Révolution française.<sup>167</sup>*

Nesse contexto, é necessário destacar, igualmente, o papel ativo da censura sobre os órgãos da imprensa. Com base na lei francesa de 09 de agosto de 1849,<sup>168</sup> que atribui poderes judiciais e de polícia às autoridades militares,<sup>169</sup> foi declarado o estado de sítio sobre todo o território francês no dia 02 de agosto de 1914, em função da declaração de guerra contra a Alemanha.<sup>170</sup> A partir de então, a organização da censura foi progressiva: Uma vez em ação a censura militar, estabelecida pelo decreto do estado de sítio, já no dia 04 de agosto uma segunda lei acerca das “indiscrições da imprensa em tempo de guerra” foi votada.

*Article 1 : Il est interdit de publier par l'un des moyens énoncés par l'article 23 de la loi sur la presse du 29 juillet 1881 des informations et des renseignements autres que ceux qui seraient communiqués par le gouvernement ou le commandement sur les points suivants : opérations de mobilisation et du transport des troupes et du matériel. Effectifs : composition des corps, unités et détachements en ordre de bataille ; effectifs des hommes restés et rentrés dans leurs foyers ; effectifs des blessés ou prisonniers ; travaux de défense ; situation de l'armement, du matériel, des approvisionnements ; situation sanitaire ; nominations et mutations dans le haut-commandement ; dispositions, emplacements et mouvements des armées, détachement de la flotte. Et, en général, **toute information ou article concernant les opérations militaires ou diplomatiques** de nature à favoriser l'ennemi et à exercer une influence fâcheuse sur l'esprit de l'armée et de ses populations.*

*Article 2 : (...) L'introduction en France, la circulation et la mise en vente ou la distribution de journaux, brochures, écrits, dessins de toute nature publiés à l'étranger pourra être interdite par simple arrêté du ministère de l'intérieur.<sup>171</sup>*

<sup>167</sup> FORCADE, Olivier. *Op. cit.*, p. 09.

<sup>168</sup> Loi du 9 août 1849 sur l'état de siège:

<https://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=LEGITEXT000006070693>. Acesso: 14 jun. de 2017

<sup>169</sup> PINONOS, Aurore. Censure et Propagande du *Progrès* et du *Salut Public* en 1916. Diplôme national de master, ENSSIB, Lyon, 2015, p. 23-25.

<sup>170</sup> CANFORA, Luciano. 1914. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014, p. 107.

<sup>171</sup> « Artigo 1: É proibido publicar por um dos meios estabelecidos no artigo 23 da Lei de Imprensa de 29 de julho de 1881 informações além das comunicadas pelo Governo ou pelo Comando sobre os seguintes pontos: operações de mobilização e transporte de tropas e equipamentos. Pessoal: composição de corpos, unidades e destacamentos em ordem de batalha; o número de homens que permanecem e regressam aos seus lugares; o número de feridos ou prisioneiros; trabalhos de defesa; situação de armamentos, equipamentos, suprimentos; situação sanitária; nomeações e mudanças no alto comando; disposições, localizações e movimentos de exércitos, destacamento da frota. E, em geral, qualquer informação ou artigo sobre operações militares ou diplomáticas

A lei ainda previa que toda infração ao primeiro artigo seria punida com encarceramento de um a cinco anos, somado à multa de 1.000 à 5.000 francos, enquanto o segundo previa encarceramento de três meses a um ano, com multa de 100 a 1.000 francos.<sup>172</sup> Esta lei, portanto, completou o estado de sítio com censura política, uma vez que toda informação concernente à diplomacia ficava também sob o poder da censura.<sup>173</sup>

A efetivação dessas leis ficou a cargo do *Bureau de la presse*, estabelecido em Paris com a finalidade de vigiar a imprensa, sob a direção do Ministério da Guerra. O *Bureau* ficou dividido em três seções, as quais davam conta de toda informação impressa, dividindo-se entre 1) cotidianos, 2) periódicos e livros e, por fim, 3) telegramas.<sup>174</sup> Durante a totalidade dos anos do conflito, o *Bureau de la presse*, que também teve a função de informar a imprensa acerca do andamento das operações militares, contou com mais de 400 censores temporários e mais de 150 permanentes.<sup>175</sup>

Com o prolongamento da guerra, a censura estabelecida em 1914-1915 exigiu a organização de um “sistema de informação”, o que veio à luz a partir de 1916:

*À la guerre courte répond une improvisation de l'encadrement de l'opinion ; à une guerre toujours plus longue correspond un contrôle théoriquement toujours plus resserré de l'information, au risque d'un flottement ou d'une rupture des opinions. C'est pourquoi les États passent insensiblement d'une politique paradigmatique de censure (ce qu'on cache), de propagande (ce qu'on fait croire), à un « système d'information » qui, pour ne pas être*

---

susceptíveis de favorecer o inimigo e exercer uma influência desfavorável no espírito do exército e suas populações. Artigo 2: (...) A introdução na França, a circulação e a venda ou distribuição de jornais, panfletos, escritos e desenhos de qualquer natureza publicados no exterior podem ser proibidos por decreto do Ministério do Interior.” [tradução nossa] FORCADE, Olivier. *La censure em France pendant la Grande Guerre*. Paris: Fayard, 2016, p. 20-21, grifo do autor.

<sup>172</sup> Idem.

<sup>173</sup> Evidentemente, as agências de notícias também tiveram que se adequar à nova realidade. Claude Bellanger, *Op. cit.*, p. 32, escreveu sobre a Agência Havas : « *La même loi (art. 3) donne au ministre de l'Intérieur le pouvoir d'interdire par simple arrêté l'introduction en France, la circulation et mise en vente ou distribution de journaux, brochures, écrits ou dessins de toute nature publiés à l'étranger. L'infraction est punie d'un emprisonnement de trois mois à un an et d'une amende de 100 à 1000 F. Le contrôle général de l'information a atteint naturellement l'Agence Havas. Dès le début d'août 1914, celle-ci s'est vu interdire la transmission des communiqués ennemis – ce qui lui a fait perdre notamment le monopole de fait qu'elle avait réussi à conquérir en Amérique Latine.* »

<sup>174</sup> PINONOS, Aurore. *Censure et propagande du Progrès, du Nouvelliste et du Salut Public au commencement de la Première Guerre mondiale*. Diplôme national de master, ENSSIB, Lyon, 2014, p. 41.

<sup>175</sup> FORCADE, Olivier. “Voir et dire la guerre à l'heure de la censure (France, 1914-1918)”, *Le Temps des médias*. 2005/1 (n° 4), p. 50-62.



*totalément conscient et pensé au début du conflit, devient progressivement délibéré pour les institutions, les organismes et les médias qui le mettent en œuvre.*<sup>176</sup>

A nova organização previa, portanto, o trabalho conjunto da censura e da propaganda diante do que era publicado acerca da conflagração. Assim, além dos órgãos já existentes, esse nova organização ficou na esfera da *Maison de la Presse*. Criada por Aristid Briand (1862-1932) em janeiro de 1916, a *Maison* tinha como principal objetivo coordenar a censura e a propaganda de guerra.

*Elle est répartie en sections délimitées et organisées comme la section diplomatique, la section militaire, la section de traduction et d'analyse de la presse étrangère, et la section de propagande. Elle permet ainsi la fusion des organismes présents auparavant et fournit aux journaux des informations complémentaires. La Maison de la presse structure son action à l'intérieur du pays, pour améliorer et contrôler l'unité nationale. Elle cible également son action sur les combattants et sur les pays neutres afin de gagner leur sympathie et leur ralliement parfois, (...). La Maison de la presse sera active jusqu'à la fin de la guerre.*<sup>177</sup>

Contudo, houve jornalistas que se colocaram contra a censura desde 1914. É o exemplo de Georges Clemenceau: após a censura sobre o seu jornal *L'Homme Libre*, em setembro de 1914, a folha foi publicado sob o título *L'Homme Enchaîné* como forma de protesto contra a censura.<sup>178</sup> Por sua vez, *Le Canard Enchaîné*, jornal de cunho satírico fundado por Maurice Maréchal e publicado em setembro de 1915, demonstra o questionamento da *Union Sacrée* proposta pelo presidente da República e da censura realizada pelos poderes públicos.<sup>179</sup>

<sup>176</sup> “Para a guerra curta, houve uma improvisação da padronização da opinião; à uma guerra cada vez mais longa corresponde um controle de informação teoricamente cada vez mais rígido, sob o risco de uma quebra de opiniões. É por isso que os Estados passam insensivelmente de uma política paradigmática de censura (o que oculta-se), da propaganda (o que se faz crer) a um “sistema de informação” que, por não ser plenamente consciente e pensado no início do conflito, gradualmente se torna deliberado para as instituições, organizações e meios de comunicação que o implementam.” [tradução nossa] Idem, *Information, censure et propagande*. In: AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane; BECKER, Jean-Jacques. *Op.cit.*, p. 426.

<sup>177</sup> “Ela é dividida em seções demarcadas e organizadas, como a seção diplomática, a seção militar, a seção de tradução e análise da imprensa estrangeira e a seção de propaganda. Assim, é possível a fusão dos organismos presentes anteriormente e fornece-se aos jornais informações adicionais. *La Maison de la presse* organiza sua ação dentro do país, para melhorar e controlar a unidade nacional. Ela também visa sua ação sobre os combatentes e sobre os países neutros, a fim de ganhar sua simpatia e aproximação, por vezes (...). *La Maison de la presse* estará ativa até o fim da guerra.” [tradução nossa] PINONOS, Aurore. *Op. cit.*, 2015, p. 23.

<sup>178</sup> Ele escreveu igualmente contra a falta de informações sobre o conflito.

<sup>179</sup> O jornal lançou no dia 29 de novembro de 1916 um concurso dos grandes chefes dos *bourreurs de crânes*.

### **3.2 Júlio Mesquita e a imprensa francesa: aproximações e distanciamentos**

Durante a leitura dos Boletins ficou evidente que, entre os meses de agosto de 1915 ao final de 1916, Júlio Mesquita continuava acreditando na vitória da França e da Inglaterra, mas hesitava quanto à forma pela qual se chegaria à vitória, antes prevista para um futuro próximo. Ele teve que postergar suas esperanças e admitir, inclusive, recuos e derrotas, sem deixar, contudo, de conferir algum sentido ao que se passava. Um exemplo da mudança de tom do período está no lamento publicado a 08 de maio de 1916, que tratou do avanço português sobre os exércitos alemães nas colônias africanas: “É pouco, muito pouco, muito lento, muito longe, muito distante, mas, em todo caso, consola, porque são alguns passos para a solução. Este pesadelo há de acabar”.<sup>180</sup> E na semana seguinte, sobre a batalha de Verdun:

Já não é seguro que os Aliados assumam por estes dias a ofensiva geral que durante o inverno prepararam. A resistência de Verdun é uma lição que impressiona. Se a França não deixa que os alemães passem, por que não será uma ilusão admitir que os Aliados consigam passar? Nasce dessa incerteza muito justificada uma hesitação natural. Não será preferível prolongar pelo tempo afora a guerra de cerco, com toda a sua inevitável, fatigante lentidão, mas sem riscos e de resultados garantidos? Seja como for, a sorte dos impérios centrais não é invejável. A nossa, muito menos. Mas, paciência.<sup>181</sup>

Entretanto, a imprensa francesa – ou pelo menos os periódicos mencionados por Mesquita –, mantinha a mesma chave de leitura apresentada em meses anteriores, uma vez que todo recuo francês era narrado como estratégia, ao passo que a vitória era sempre iminente e o inimigo continuava revestido de todas as notas da selvageria e da barbárie. Um exemplo pode ser retirado do jornal *Le Matin*, frequentemente citado pelo proprietário do jornal:

*Avec l'aurore de la troisième année de la guerre universelle, et devant les peuples en armes pour le salut du monde, les plus magnifiques espérances se lèvent, non pas des brumes de la chimère mais de la claire lumière des faits. L'expérience de l'histoire, dans quelque profondeur du passé qu'elle soit invoquée, établit que toute forteresse assiégée et investie est destinée à succomber, si un secours extérieur est impuissant à la délivrer. (...) Capitulation ou prise d'assaut: tel est le terme fatal des ambitions*

<sup>180</sup> *O Estado de S. Paulo*, 08 de maio de 1916, p. 03.

<sup>181</sup> *Idem*, 15 de maio de 1916, p. 03. Por “Impérios centrais” o autor referia-se aos Impérios Austro-Húngaro, Alemão e, posteriormente, ao Império Turco, que combatiam os Aliados.

impérial. Jamais aboutissement plus certain d'une aventure d'hégémonie ne fut marqué par le destin.<sup>182</sup>

### Figura n.º 05 : Le Matin (02/08/1916)



182 “Com a aurora do terceiro ano da guerra universal, e diante dos povos em armas pela salvação do mundo, as esperanças mais magníficas se levantam, não sob as brumas da quimera, mas sob a clara luz dos fatos. A experiência da história, em qualquer profundidade do passado em que ela seja invocada, afirma que toda fortaleza sitiada e sob investida está destinada a sucumbir, se um socorro externo for impotente para livrá-la. (...) Capitulação ou tomada de assalto: tal é o termo final das ambições imperiais. Nunca houve resultado mais certo para uma aventura de hegemonia marcada pelo destino.” [tradução nossa] *Le Matin*, 02 de agosto de 1916, p.01. Vale destacar que tal nota foi publicada durante a batalha de Verdun e um mês após o início do ataque ao Somme. Fonte : <http://gallica.bnf.fr/>.

Fonte: Gallica

ano. Assim, *Le Figaro*, outra fonte utilizada e citada por Mesquita, descreveu o andamento de Verdun em seus primeiros dias da seguinte forma em sua coluna dedicada aos comunicados oficiais:

*Dans la région au nord de Verdun, la lutte a continué toute la nuit **avec la même intensité**, depuis la rive droite de la Meuse jusqu'au sud d'Ornes. (...) L'activité de l'artillerie s'est **un peu ralentie** entre Malaucourt et la rive gauche de la Meuse. Aucune action d'infanterie ne s'est encore produit dans cette région. (...) Notre artillerie **a répondu sans relâche** à l'artillerie ennemie.<sup>183</sup>*

Tais trechos demonstram que os periódicos franceses sobre os quais se apoiou Júlio Mesquita na escrita dos seus textos empregaram estratégias narrativas com o objetivo de dar conta das batalhas desse ano sem, contudo, rever a posição já adotada desde o início da guerra. Tais estratégias manipulavam descrições vagas do que se passava nos campos de batalha e a repetição da narrativa já utilizada, de modo a fazer com o que o leitor tomasse como obviedade a superioridade francesa, ao mesmo tempo em que não tinha dimensão do que se passava em Verdun.

Contudo, ao analisar os comentários publicados por Júlio Mesquita sobre as batalhas ocorridas naquele ano, é necessário não perder de vista o trabalho prévio exercido pelos órgãos de imprensa sobre as fontes que ele utilizava. A ação da censura, igualmente, é evidente na análise dos jornais franceses durante a própria batalha de Verdun, em especial nos de grande tiragem da capital: as descrições vagas acerca do andamento das operações militares e mesmo a negação das primeiras derrotas foram frequentes nos periódicos. Assim, ao passo que durante o mês de junho de 1916 o exército alemão realizou forte investida contra as tropas de Joffre, ao ponto de quase romperem a linha de defesa,<sup>184</sup> o *Le Temps* publicava no dia 21 daquele mês que “*cette nuit, les Allemands ont attaqué par trois fois nos positions au nord-ouest de la côte 321, dans la région de Thiaumont; ces trois tentatives ont été brisées par nos feux.*”<sup>185</sup>

<sup>183</sup> *Le Figaro*, 25 de fevereiro de 1916, p. 01. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>. Grifo do autor. Acesso: 26 jul. de 2017.

<sup>184</sup> SONDHAUS, Lawrence. *Op. cit.*, p. 238. Joseph Joffre (1852-1931), comandante do exército francês entre 1914-1916.

<sup>185</sup> « esta noite, os Alemães atacaram por três vezes nossas posições à nordeste da costa 321, na região de Thiaumont; estas três tentativas foram rompidas por nossos fogos” [tradução nossa]. *Le Temps*, 21 de junho de 1916, p. 01. Fonte: <http://gallica.bnf.fr/>. A página ainda trouxe a descrição de outras frentes de batalha, segundo os comunicados oficiais: “*journée calme*”, “*calme sur le front belge*” foram descrições frequentes.

Dessa forma, é necessário ter em conta a realidade da censura sob a qual eram produzidas as fontes utilizadas por Júlio Mesquita, ao menos as de origem francesa. Com isso em mente, foram colocadas algumas questões para a análise do ano 1916: Quais as estratégias narrativas utilizadas diante da duração das batalhas e do insucesso das esperanças colocadas para aquele ano? Seriam tais estratégias uma cópia das já utilizadas pela imprensa na França? Estas questões estavam subordinadas ao interesse maior desse momento da pesquisa, o qual era investigar não o porquê, mas em que medida e até que ponto ele seguiu a imprensa publicada em Paris.

Ao dominar quase todos os meses de 1916, e em razão da intensidade de suas operações, a batalha de Verdun se apresenta como oportuna para a busca dessas respostas. Assim, com base na leitura e o mapeamento dos *Boletins*, foi possível identificar como a batalha foi apresentada por Júlio Mesquita de maneira global e quais alterações poderiam ser percebidas em seu discurso. A partir desse ponto, foi elaborada lista com os periódicos franceses mais citados e levada a cabo, em seguida, a comparação entre o que foi divulgado nesses jornais com a narrativa de Mesquita.

Preparado pelo chefe do Estado-Maior alemão, Erich Von Falkenhayn (1861-1922), o ataque tinha como objetivo derrotar o exército francês e forçar a sua retirada ainda naquele ano. Segundo um especialista,

Falkenhayn optou por atacar em Verdun, reduto de 20 fortes, comandando um saliente entre os setores central e sudeste da frente ocidental. Verdun também teve grande significado simbólico, já que era uma cidade-fortaleza desde os tempos romanos, (...) e a última fortaleza francesa a capitular na Guerra Franco-Prussiana de 1870-71.<sup>186</sup>

O ataque estendeu-se de 21 de fevereiro a 18 de dezembro com inexpressiva vantagem para os alemães e registrou 337 mil baixas contra outras 377 mil do exército francês. “A Batalha de Verdun, conclui Lawrence Sondhaus, foi a mais prolongada sangria geograficamente concentrada da guerra.”<sup>187</sup> Stéphane Audoin-Rouzeau e Gerd Krumeich, por sua vez, asseveram no mesmo sentido que “*le seul vainqueur à Verdun fut la mort: les pertes allemandes et françaises*

---

<sup>186</sup> SONDHAUS, Lawrence. *Op. cit.*, p. 236-239.

<sup>187</sup> Idem, p. 239.

*s'équilibraient – logiquement – autour de 250.000 hommes par belligérant. Bataille totale au niveau de l'engagement matériel, physique, psychique ; (...).*<sup>188</sup>

Mesquita dedicou amplo espaço à batalha em seus *Boletins*, de modo que ela ocupou quase todo o ano de 1916. Primeiramente, ela foi vista como inesperada, uma vez que o diretor d'*O Estado de S. Paulo* aguardava a ofensiva dos Aliados. Verdun foi interpretada em consonância com o padrão estabelecido nos dois anos anteriores: tratar-se-ia de investida da Alemanha com o objetivo de evitar a derrota que se esperava iminente. A esperança da ofensiva dos Aliados, nesse contexto, permaneceu até meados de maio de 1916, quando o início da primavera lançou por terra qualquer expectativa para aquele ano.

Mesquita oscilou bastante diante de Verdun. Por vezes, ele a descreveu como o sinal de que a paz estava por vir<sup>189</sup> e, ao mesmo tempo, era forçado a reconhecer a superioridade alemã.<sup>190</sup> É possível notar, em contrapartida, que o impasse em Verdun, que impôs avanços e recuos em sua confiança acerca da vitória francesa, mereceu interpretações em dois sentidos: um de fevereiro a julho, e outro de setembro a outubro, sendo de se observar em parte de julho, agosto e parte de setembro Mesquita não escreveu seu *Boletim*. Em ambos os momentos, contudo, a tendência permaneceu pessimista, ao colocar ênfases quanto à duração da batalha e aos seus resultados quase inexpressivos. A divisão se dá unicamente pelo fato de que até julho, Mesquita colocou esperanças no futuro, ao defender que a ofensiva dos Aliados viria a causar o desequilíbrio das forças alemãs em Verdun, ao passo que a partir de setembro a batalha foi pouco a pouco deixada de lado, enquanto o diretor do matutino voltou-se para a situação na Grécia e nos Estados Unidos.

De saída, o Boletim do dia 21 de fevereiro, início da batalha, não trouxe nenhum comentário ao seu respeito, como não poderia ser diferente: publicado no matutino, o texto do diretor foi finalizado antes de qualquer notícia acerca da ofensiva dos alemães.<sup>191</sup> Nenhum *Boletim* foi publicado na semana seguinte, 28 de

<sup>188</sup> « o único vencedor de Verdun foi a morte : as perdas alemãs e francesas se equilibraram – logicamente – em torno de 250.000 homens por beligerante. Batalha total ao nível do esforço material, físico e psíquico.” [tradução nossa]. AUDOIN-ROUZEAU, S.; KRUMEICH, G. Les batailles de la Grande Guerre. In : AUDOIN-ROUZEAU, S. Audoin ; BECKER, Jean-Jacques. *Encyclopédie de la Grande Guerre (1914-1918)* : Edition du Centenaire Paris : Bayard, 2013, p. 288-289.

<sup>189</sup> *O Estado de S. Paulo*, 03 de abril de 1916, p. 03.

<sup>190</sup> Idem, 17 de abril de 1916, p. 03.

<sup>191</sup> Pelo contrário, o texto foi escrito em flagrante contradição com a realidade daquele dia: “Nada de novo, nada de importante nas duas frentes principais da imensa guerra. Não se alterou de maneira

fevereiro de 1916, mas na segunda-feira, 06 de março, Mesquita já apresentou alguns comentários sobre o ataque ao forte francês. Em primeiro lugar, é possível notar que, aos seus olhos, a retomada do que parecia ser a guerra de movimento quebrou o marasmo dos meses anteriores, o que também confirma a nossa leitura de que o pessimismo começou a despontar já nos meses finais de 1915:

O mundo esperava que a guerra saísse da monotonia em que há tantos meses se vinha arrastando, por uma ofensiva geral dos Aliados nos primeiros dias da próxima primavera. (...) A Alemanha resolveu precipitar os acontecimentos, iniciando desde já o embate decisivo. É de crer que, daqui por diante, não haja interrupções. Pouco resta do inverno. Estamos, provavelmente, no começo do fim.<sup>192</sup>

Tais comentários, publicados nas primeiras linhas do *Boletim* de 06 de março, indicam o aparente otimismo diante da quebra da guerra de posições, estagnada durante todos os meses do ano anterior. Ao longo do texto, o diretor do matutino enfatizou que o ataque a Verdun foi inesperado, mas ainda que alcançasse a vitória, não conseguiria a Alemanha uma posição decisiva sobre a França, a qual teria a oportunidade de revelar o vigor da sua defesa: “Caia Verdun ou não caia em poder dos alemães, a guerra continuará. Continuará, porém, noutras condições para a Alemanha, se a resistência francesa não for vencida.”<sup>193</sup> Este é o mesmo argumento encontrado na imprensa francesa para privar de qualquer sentido de vitória o avanço alemão. Assim escreveu o *Le Figaro* uma semana antes de Mesquita:

*Supposons que l'ennemi vienne à bout de tous les obstacles qu'il trouve sur sa route, où sa victoire le conduirait-elle? (...), il n'aurait obtenu aucun résultat décisif; il aurait rompu notre front sur un de ses ponts les plus solides, mais notre armée ne serait pas détruite, Paris ne serait pas occupé, etc. Il lui faudrait continuer la campagne.*<sup>194</sup>

---

digna de nota a situação dos beligerantes (...),” comentou Mesquita. No entanto, tal descompasso se explica pelas condições materiais da imprensa naquele momento. Acerca disso, ver CALDEIRA, Jorge. *Op. cit.*, p. 201-212, v. 3, o qual assevera que o texto era enviado para publicação no domingo anterior.

<sup>192</sup> *O Estado de S. Paulo*, 06 de março de 1916, p. 03.

<sup>193</sup> *Idem*.

<sup>194</sup> “Suponhamos que o inimigo enfrente todos os obstáculos que ele encontre sobre o seu caminho, para onde sua vitória o conduziria? (...), ele não teria obtido qualquer resultado decisivo; ele romperia nosso front sobre um de seus pontos mais sólidos, mas nosso exército não seria destruído, Paris não seria ocupada, etc. Ele precisaria continuar a campanha.” *Le Figaro*, 25 de fevereiro de 1916, p. 02. Fonte: <http://gallica.bnf.fr/>.

Outra característica desse período foi a comparação com batalhas anteriores da própria guerra: “A linha francesa tem recuado, mas não se partiu. Na batalha de Champagne os franceses fizeram muito mais estragos em espaço de tempo consideravelmente menor”. O que demonstra que o conflito já se apresentava suficientemente grande aos olhos do jornalista brasileiro para oferecer referências próprias, sem a necessidade de recorrer às batalhas do século XIX ou da Antiguidade para a sua compreensão, como ocorria nos meses de 1914. O mesmo se nota no *Boletim* do dia 27 de março, ao comparar Verdun com a batalha de Ypres. Essa mesma estratégia também pode ser vista nas fontes do proprietário do jornal, as quais também comparam Verdun com Ypres: “*Dure, très dure bataille, où font preuve d'une énergie admirable des troupes conduites par des chefs qui n'ont jamais fait de la guerre une choucherie. Relisez les batailles d'Ypres et d'Yser*”, escreveu *Le Figaro* em 25 de fevereiro de 1916.<sup>195</sup>

Ainda durante esses meses, os comentários sobre Verdun se circunscreviam sobre a força demonstrada pela Alemanha e a resistência dos franceses. Nesse sentido, Mesquita enfatizava que tal batalha poderia forçar a paz, dada a resistência de ambos os exércitos que se enfrentavam:

Não admira, pois, que por um caminho ou por outro, em breve chegaremos à paz. A tensão de Verdun comunica-se a toda a zona de fogo, desde a Alsácia até a Bélgica. Ninguém descansa, ninguém se descuida em todo aquele espaço: os exércitos exercem um sobre o outro uma pressão que não se interrompe. Se alguém ceder em Verdun definitivamente, para esse desaparecerão num instante todas as esperanças, (...).<sup>196</sup>

Ao lado do louvor à resistência dos franceses, o texto destacou o ímpeto do exército alemão, ao procurar traduzi-lo aos leitores brasileiros:

O *Boletim* francês da manhã de ontem qualifica de “inaudita” a violência do ataque da noite de trasantontem. (...) O termo “inaudita” foi admiravelmente escolhido ou achado com rara felicidade. Nunca se ouviu no mundo tamanho estrondo. A terrível batalha quando, como agora, os morteiros alemães tomam a palavra e dominam a cena, ouve-se a uma distância de 220 quilômetros em linha reta. Ouve-se em Karlsruhe. É como se chegasse à rua Quinze o fragor de uma peleja ferida nas imediações de São Carlos do Pinhal.<sup>197</sup>

---

<sup>195</sup> Idem, p. 01.

<sup>196</sup> Idem, 20 de março de 1916, p. 03.

<sup>197</sup> Idem, 08 de maio de 1916, p. 03.



Face ao prolongamento da batalha, no entanto, Mesquita começou a abandonar a ideia de que uma ofensiva dos Aliados seria realizada ainda naquele ano: “Já não é seguro que os Aliados assumam por estes dias a ofensiva geral que durante o inverno prepararam”, escreveu em 15 de maio, e na semana seguinte afirmou que “tudo se encaminha para outra paralisação das hostilidades no inverno de 1916”, rompendo com a esperança da retomada da guerra de movimento e da paz para aquele ano, como escreveu nos meses iniciais da batalha.<sup>198</sup> No final do mesmo mês admitiu que “em Verdun, a semana começou bem para os franceses, tomou subitamente aspecto favorável aos alemães e terminou com resultado indeciso”.<sup>199</sup> Todos esses dados reforçam a ideia de que os Boletins publicados durante esses meses, e particularmente acerca da batalha de Verdun, podem ser agrupados sob uma mesma chave de leitura que os interprete como uma fase pessimista em relação aos meses anteriores.

Essas linhas foram publicadas no Boletim do dia 29 de maio de 1916, o qual se reveste de importância, pois apresentou a admissão do impasse da batalha. No que tange à vitória dos franceses, a qual não nega, afirmou que a mesma estaria circunscrita apenas ao ponto de vista estratégico: Júlio Mesquita afirmou que o objetivo alemão era tomar Verdun, ao passo que os franceses pretendiam defendê-la. Nessa visão, ainda que os franceses não tivessem alcançado a derrota dos alemães, teriam alcançado o seu objetivo, ao passo que os soldados de Guilherme II estariam longe de lograr o êxito esperado: “A vitória dos franceses ainda é incontestável, porque só eles estão dentro do limitado objetivo que se propuseram: defender a praça e esgotar, por uma resistência indefinida, o exército que contra ela investiu.”<sup>200</sup>

O impasse dos exércitos e o sucesso das primeiras operações alemãs somado ao fim da expectativa de uma ofensiva dos Aliados foram fatores que solicitaram a Mesquita a busca por cobrir o sofrimento dos franceses com cores religiosas:

Merece e há de obter muito mais quem tanto tem sofrido, quem com tanta bravura se bate sem descanso desde as primeiras semanas da guerra,

---

<sup>198</sup> Nesse mesmo *Boletim* (22 de maio de 1916), Mesquita reclamou sobre a falta de informações por meio do telégrafo e afirmou que utilizava os jornais vindos pelos Correios para se informar: *Tribuna*, de Madrid e o *Le Temps*, de Paris.

<sup>199</sup> *O Estado de S. Paulo*, 29 de maio de 1916, p. 03.

<sup>200</sup> *Idem*.

quem dia a dia tão indômito heroísmo revela, quem, numa palavra, mesmo na cruz do seu martírio, a verter sangue por cem feridas, uma tão esplendente ressurreição afirma da sua vitalidade secular. O próprio Grey reconhece e confessa que à França devem os Aliados a sua salvação.<sup>201</sup>

Assim, apesar de defender durante os primeiros meses da batalha, que Verdun era o sinal da derrota alemã, próximo ao final do semestre Mesquita já admitia o impasse da batalha,<sup>202</sup> apesar de reafirmar a vantagem moral dos Aliados. A confissão da fragilidade da França, nesse ínterim, foi acompanhada pela moldura religiosa, de modo a descrevê-la como a vítima da violência provocada pela guerra. O primeiro semestre se encerrou, portanto, com o impasse na batalha e o louvor da França não mais como heroína, mas como vítima redentora.

Suas fontes, por sua vez, ainda mantinham a leitura anterior, com elementos como a subestimação da força do inimigo, o caráter vago das explicações acerca das batalhas e a heroicização do soldado francês ainda utilizados. Assim, *Le Matin*:

*La bataille de Verdun est une des plus grandes victoires françaises. Elle couronne la gloire de la France en prouvant les talents militaires fondamentaux, la force d'âme, l'héroïsme et les ressources dans le combat de nos voisins. Que la bataille de Verdun soit une défaite pour les assaillants, cela est maintenant reconnu ouvertement ou tacitement en Allemagne et en Autriche.*<sup>203</sup>

Evidencia-se que, apesar de ser o periódico mais citado por Júlio Mesquita em seus Boletins, *Le Matin* ainda prosseguia com a leitura segundo a qual a batalha de Verdun era uma marcha para a vitória, ao passo que, durante aqueles mesmos meses, o jornalista brasileiro começava a se distanciar de tal visão.

Durante o segundo semestre, o esforço alemão sobre Verdun diminuiu em função dos combates empreendidos no Somme (julho-dezembro/1916).<sup>204</sup> Além disso, as eleições norte-americanas e as notícias do possível envolvimento dos Estados Unidos no conflito fizeram com que a atenção do diretor do matutino ficasse

<sup>201</sup> Idem.

<sup>202</sup> A batalha foi descrita como um “choque de titãs, que não acaba.” (*O Estado de S. Paulo*, 12 de junho de 1916, p. 03).

<sup>203</sup> “A batalha de Verdun é uma das maiores vitórias francesas. Ela coroa a glória da França, ao demonstrar os talentos militares necessários, a força de alma, o heroísmo e os recursos no combate contra nossos vizinhos. Que a batalha de Verdun seja uma derrota para os assaltantes, isto é reconhecido abertamente ou tacitamente na Alemanha e na Áustria.” *Le Matin*, 22 de maio de 1916, p. 01. Fonte: <http://gallica.bnf.fr/>.

<sup>204</sup> “Felizmente para Joffre, os efeitos combinados da ofensiva de Aleksei Brusilov na frente oriental (a partir de 4 de junho) e da ofensiva britânica ao longo do rio Somme (a partir de 1º de julho) salvaram o exército francês, tornando impossível para Falkenhayn sustentar o esforço máximo em Verdun.” (SONDHAUS, *op. cit.*, p. 239).

dividida com outras frentes da guerra. Assim, durante os meses seguintes Mesquita tratou outros temas, como a crise grega e a entrada da Romênia na guerra. Contudo, ele retornou com frequência à batalha de Verdun, mas apenas para pontuar avanços ou recuos por parte dos exércitos. Em 30 de outubro de 1916, o autor dos *Boletins* pareceu apresentar um balanço da sua visão acerca daquela batalha para o desenvolvimento global do conflito:

Verdun tudo resume, é a síntese de tudo. Com o critério apoiado em Verdun, pode-se generalizar à vontade, sem grandes receios de erro. Quem quiser saber o que esta guerra foi, é e há de ser, quem lhe quiser sondar a curva da lenta evolução, onde começa, que direção segue, e provavelmente onde vai terminar, olhe para Verdun que não se ilude.<sup>205</sup>

No texto, Mesquita narrou a batalha como exemplo da força alemã e da resistência francesa, a qual teria dobrado a primeira. Dessa forma, defendeu que apesar do poderio bélico do Império de Guilherme II, seria a resistência dos exércitos franceses a força diante da qual cederia a Alemanha. O texto pode ser visto como o complemento do Boletim publicado em 29 de maio: o primeiro assumiu o impasse da batalha e apresentou uma viragem no tratamento até então dispensado ao comportamento do exército francês, o qual passou a ser visto sob a ótica religiosa do sacrifício; neste segundo Boletim, em 30 de outubro, Mesquita apresentou um balanço de Verdun, em que indicou que a maior lição retirada da batalha foi o heroísmo da França:

Para os alemães, a França estava a esgotar-se, dava o seu derradeiro alento na empresa do Somme. Fica agora sabendo que a França, mesmo sem o sangue vertido a jorros pelas veias cem vezes golpeadas, ainda é o inimigo mais pujante e mais temível (...).<sup>206</sup>

Verdun, portanto, foi utilizada por Júlio Mesquita como exemplo da resistência dos franceses, diante da qual só poderia haver insucesso das ofensivas alemãs. É interessante notar, nesse sentido, a quase ausência de comentários acerca dos exércitos britânicos que desempenharam importante papel durante esses meses: Mesquita parece tratar a guerra como um duelo exclusivamente franco-alemão, uma revanche da guerra de 1870.

---

<sup>205</sup> *O Estado de S. Paulo*, 30 de outubro de 1916, p. 03.

<sup>206</sup> *Idem*.

Ao mesmo tempo, durante esses meses houve aumento significativo dos comentários acerca dos Estados Unidos e das relações diplomáticas entre Washington e Berlim. Além dos próprios fatos ocorridos naqueles meses, como o torpedeamento de navios neutros, o deslocamento para esta temática pode ser vista, também, como estratégia literária do jornalista, uma vez que seu olhar para a República norte-americana – que presumivelmente viria em socorro da República francesa – parecia atenuar a vantagem dos alemães, evidente na batalha que se prolongava por meses. Assim, afirmou:

Abrem-se inquéritos e aparecem provas. Encontram-se no caso do Sussex fragmentos de aço fosforado. Este aço só a Alemanha o emprega nos torpedos dos seus submarinos. Apaziguados todos os escrúpulos da sua consciência de jurista, Wilson vai com coragem até a beira da derradeira consequência da sua prudente atitude inicial: reúne o Congresso e avisa-o de que provavelmente se romperão as relações diplomáticas dos Estados Unidos com a Alemanha frisando, com eloquência notável, que deste rompimento à guerra a distância é mínima.<sup>207</sup>

Tais comentários foram escritos quando do torpedeamento do Sussex, no contexto dos novos ataques submarinos pós-Lusitânia, mas eles indicam a estratégia de procurar em outras frentes algo que pudesse equilibrar a desvantagem francesa na batalha, da qual ele poderia se informar por outras fontes, que não a Havas – como a já citada imprensa de Madrid.

É notório que a partir de setembro e até abril de 1917, os comentários de Mesquita se circunscreveram cada vez mais à diplomacia, uma vez que as relações entre a Grécia, os Estados Unidos e a Alemanha pareciam chamar mais atenção do que as próprias trincheiras, enquanto os comentários acerca de Verdun praticamente desapareceram após o mês de outubro. Retomou ao tema em dezembro, para afirmar certa vantagem aos Aliados.<sup>208</sup>

Tais temas também foram pouco a pouco ventilados pela imprensa francesa, em especial a situação interna da Grécia e a possível relação entre os Estados Unidos e o conflito, no qual os Aliados aguardam o apoio deste último. Tal eixo temático também foi seguido por Júlio Mesquita. Assim, embora compreendidos dentro da mesma chave, os Boletins que se debruçaram sobre a batalha podem ser

---

<sup>207</sup> Idem, 15 de maio de 1916, p. 03.

<sup>208</sup> Vale destacar que, embora ciente da grandeza da batalha, Mesquita pareceu ignorar o número de mortos e o impacto sobre a moral dos combatentes. Tais fatos, no entanto, se deram sem dúvida em razão da censura francesa, que impedia a divulgação do número de baixas nos exércitos. A respeito da censura empregada pela França durante os anos do conflito, ver FORCADE, Olivier. *Op. cit.*, 2016.

lidos levando em conta esses dois momentos. Durante o primeiro semestre, até a sua ausência de julho-setembro, os Boletins apresentam vasta quantidade de comentários acerca da batalha de Verdun, como os recuos e avanços e as possíveis estratégias dos beligerantes. Tais comentários trazem, por sua vez, a nota do pessimismo, ao revelar dificuldade quanto à apreensão e narração dos fatos. Estratégias foram utilizadas com o objetivo de ocultar ao leitor – por parte da censura francesa e do autor dos Boletins – a dimensão da batalha e as dificuldades do exército francês.

No segundo momento, a partir de setembro daquele ano, Mesquita passou a voltar-se mais e mais para a diplomacia e, em outubro, já considerava sem sucesso a empreitada dos soldados do Kaiser em Verdun. O eixo temático seguido pelo diretor do matutino, contudo, seguiu de perto os temas tratados pela imprensa do Hexágono, de modo a testemunhar, por semelhança, a sua dependência da forma segundo a qual a notícia era apresentada aos franceses. Apesar de encontrar-se do outro lado do Atlântico, portanto, Mesquita compartilhou com os franceses a mesma escala de representações do conflito, ao dividir com a sua imprensa o mesmo eixo narrativo, bem como a mesma argumentação.

Entretanto, a análise dos Boletins fez sobressair também o papel ativo do jornalista, o qual – apesar da dependência das informações vindas da Europa – apresentou certo distanciamento em relação à postura mantida pelos jornais nos momentos mais difíceis da batalha. Nessa maneira, a pesquisa contribuiu para destacar o lugar único da produção de Júlio Mesquita, a qual se encontra na intersecção entre as representações francesas da guerra, por meio dos seus jornais e telegramas, e a realidade brasileira, trazida pelo jornalista que escreveu a partir de um lugar e de uma visão específicos.

Ao lado de Verdun, a batalha do Somme foi um dos principais eventos ocorridos durante o primeiro conflito mundial: entre os meses de julho e novembro de 1916, o exército britânico, auxiliado pelas forças Aliadas, empreendeu uma ofensiva que se concentrou próximo ao rio Somme, na região francesa da Picardia, a 195km a oeste-noroeste de Verdun. Com planejamento já fixado desde o final do ano anterior,<sup>209</sup> a batalha do Somme foi o fator que mais contribuiu para o insucesso da ofensiva alemã em Verdun, conforme já dito. O objetivo dos ingleses era romper

---

<sup>209</sup> SONDHAUS, *op. cit.*, p. 240.

a frente alemã no norte da França e forçar o recuo do exército inimigo nesse importante ponto da frente ocidental. As perdas do Somme, contudo, contabilizam um número sem precedentes na história da guerra: 1.200.000 mortos, feridos e desaparecidos.<sup>210</sup>

Júlio Mesquita, apesar disso, manteve-se ausente durante as primeiras semanas da batalha. Durante aqueles meses, o falecimento de sua esposa o obrigou a abandonar a coluna por meses, o que o manteve distante do jornal exatamente durante o início da batalha do Somme.<sup>211</sup>

Após o início da batalha, em 1º de julho, Mesquita publicou três *Boletins*: 03, 10 e 17 de julho de 1916. No dia 03, tratou da possibilidade de revoltas internas no território alemão; na semana seguinte, 10, afirmou que a ofensiva dos Aliados se iniciava e a Alemanha passaria para a defensiva: “é na Picardia, diz, e no Somme, que se joga a cartada de sensação.” Mesquita pareceu compreender o ataque como o início da aguardada ofensiva dos Aliados, e previa para breve ataques também na frente oriental. Por fim, em 17 de julho, último Boletim antes de sua longa ausência, escreveu sobre as possibilidades do “ressurgimento” da Alemanha no pós-guerra, motivo pelo qual era necessário fazê-la cair “contrita”.

Durante as três primeiras semanas do Somme, portanto, há pouco material sobre a batalha. Vale destacar também que o mais recente biógrafo do proprietário do *Estado*,<sup>212</sup> Jorge Caldeira, insere a morte de Lucila em um contexto mais amplo da trajetória do jornal e do próprio Júlio Mesquita. Segundo ele, face às dificuldades econômicas decorrentes do conflito mundial – sobretudo o aumento do preço do papel –, o proprietário do jornal buscava alternativas para contornar a crise desde 1914.<sup>213</sup> Somado a esse impasse estavam as acusações do *Diário Alemão*, ao defender que o jornal de Mesquita era subvencionado pelo governo inglês para apoiar a causa dos Aliados, que motivavam a queda da renda publicitária. A

---

<sup>210</sup> AUDOIN-ROUZEAU, S.; KRUMEICH, G. Les batailles de la Grande Guerre. In : AUDOIN-ROUZEAU, S. ; BECKER, Jean-Jacques. *Op. cit.*, p. 289.

<sup>211</sup> Lucila de Cerqueira César Mesquita (1864-1916), esposa de Júlio Mesquita, faleceu em Santos no dia 17 de julho de 1916, menos de três semanas depois do início da ofensiva dos britânicos no Somme (1º de julho). O jornal nada escreveu a respeito de sua ausência, limitando-se a publicar a coluna com os telegramas da semana e sem o texto do diretor. Ver DUARTE, Paulo. Júlio Mesquita e o “Estado”, In: *Centenário de Júlio Mesquita*, São Paulo: Anhambí, 1964, p. 231-232.

<sup>212</sup> O *Estado*, em itálico, refere-se ao jornal *O Estado de S. Paulo*.

<sup>213</sup> CALDEIRA, Jorge. *Op. cit.*, p. 233, v. 3.

fundação da *Revista do Brasil* procurava também cobrir, nesse contexto, as dificuldades financeiras do jornal.<sup>214</sup>

Por essa razão, são raros os comentários acerca da batalha do Somme, de modo a colocar em dúvida a compreensão da real dimensão deste momento por parte de Júlio Mesquita. Ao retomar a coluna, em setembro de 1916, três meses após o seu início, o diretor d'*O Estado de S. Paulo* escreveu *Boletins* voltados quase que unicamente para as vitórias dos Aliados no Somme, e defendeu desde então a vitória quase certa ao lado de Verdun. A vitória sobre estes dois pontos em que esteve concentrado o esforço alemão nos últimos meses colocaria, segundo o autor, a possibilidade de que os alemães pedissem a suspensão da guerra, dado que para eles, escreveu, "ela já não teria futuro".<sup>215</sup> Como se vê, o esforço empreendido na batalha e os riscos que ela apresentou aos exércitos franceses e ingleses parecem não terem sido abordados nos textos de Mesquita.

No que tange aos embates do próprio jornal, o momento do retorno dos *Boletins* ficou igualmente marcado pelo processo movido por Júlio Mesquita contra o *Diário Alemão*, o que também pode ter contribuído para a escassa cobertura das batalhas daquele mês. Após perícia realizada na contabilidade do jornal e nos livros de registro do seu caixa, a qual comprovou a inexistência de apoio por parte do governo inglês, o diretor do *Diário* foi condenado a dois meses de prisão naquele mesmo setembro de 1916.<sup>216</sup>

No dia 25 do mesmo mês, Mesquita confirmou a leitura segundo a qual para ele o ponto mais importante daquele ano recaía sobre a batalha de Verdun:

É através do rombo aberto pelos franceses e pelos ingleses nas linhas da Picardia que toda a gente começa a ver, sem ilusão possível, o esboroamento do gigantesco castelo das ambições alemãs. Os próprios alemães já confessam, em sua imprensa oficial, a inquietação que deles progressivamente se apodera. Mas foi, e é, em Verdun que realmente se decidiu, e ainda dia a dia se decide, o pleito colossal que toda a humanidade angustiosamente acompanha em seus menores incidentes. (...) Não esperamos dos russos a solução do imenso conflito, pela simples mas

<sup>214</sup> Sobre a *Revista do Brasil*, ver LUCA, Tania Regina de. *Op. cit.* Jorge Caldeira (*op. cit.*, p. 233), ao comentar sobre a situação do jornal durante aqueles meses, comenta sobre o aumento de sua receita e dos assinantes, sobretudo em razão da venda do produto mais procurado naquele período: a guerra, o que auxilia na compreensão dos motivos em jogo para permanecer com a coluna ao longo dos quatro anos do conflito.

<sup>215</sup> *O Estado de S. Paulo*, 25 de setembro de 1916, p. 03.

<sup>216</sup> CALDEIRA, Jorge. *Op. cit.*, p. 240, v. 3. Acerca do processo movido contra o jornal alemão, escreve Caldeira: "A vitória na Justiça reforçou a credibilidade do *Estado*, mas não permitiu a superação das dificuldades. Pelo contrário, ao final de um ano de trabalho (e de conquistas), a situação não foi melhor que nos anos anteriores".

poderosa razão de já o consideramos resolvido no Ocidente, nos vales e nas escarpas das imediações de Verdun e nas colinas e planícies da Picardia.<sup>217</sup>

Nas semanas seguintes os comentários acerca de ambas as batalhas passaram a ser cada vez mais escassos, pois a eleição presidencial norte-americana, a situação interna da Rússia e o ingresso da Romênia na guerra ao lado dos Aliados passaram a ocupar eixo central dos *Boletins*. No dia 11 de dezembro, contudo, Mesquita retornou a elas como contraponto diante da queda da Romênia frente ao exército alemão, inserindo-as em sua constante estratégia de expandir o olhar do leitor para todo o palco da guerra, de modo a diminuir a vantagem alemã, quando esta ocorria. Os comentários derradeiros sobre Verdun e o Somme ocorrem nas primeiras semanas de janeiro de 1917, quando Mesquita já suspeitava do fim das batalhas. A partir de então, quase todo o eixo do texto se voltou para as relações diplomáticas entre Berlim e Washington.<sup>218</sup>

Pelas razões apresentadas, a cobertura da batalha de Verdun se mostrou como mais oportuna para a análise da estrutura dos *Boletins* dessa fase, uma vez que a análise do Somme ficou comprometida por razões externas. Vale destacar, igualmente, que a divisão dos *Boletins* em fases relacionadas ao otimismo/pessimismo face ao desenvolvimento do conflito, recaiu, sobretudo nos comentários acerca da batalha de Verdun. A extensão temporal da batalha reforçou a tendência já iniciada em 1915 e é justamente no primeiro semestre de 1916 que podemos encontrar as notas mais características do pessimismo desse período, como visto.

### **3.3 O período otimista (abril/1917-outubro/1918)**

Conforme dito, os comentários acerca da batalha de Verdun cederam lugar à preocupação com as relações diplomáticas entre beligerantes e os países neutros. Nesse contexto, foram frequentes os comentários acerca da Grécia e dos Estados Unidos e da possibilidade do ingresso desses dois países ao lado dos Aliados. Vale destacar que essa mesma alteração foi identificada nos jornais citados por Júlio Mesquita: *Le Figaro*, *Le Temps*, *Le Journal* e o *Le Matin* publicaram inúmeras

---

<sup>217</sup> Idem, 18 de setembro de 1916, p. 3.

<sup>218</sup> Ver, por exemplo, o *Boletim* publicado em 1º de janeiro de 1917.



colunas dedicadas à “situação na Grécia” e às relações com o presidente norte-americano. Dessa forma, é possível identificar aqui também a influência da imprensa aliada na escritura do proprietário do jornal.

Após a efetiva declaração de guerra do presidente dos Estados Unidos contra o Império Alemão, os artigos sofreram nova alteração: o pessimismo característico dos meses anteriores, nos quais a ênfase foi posta sobre a duração da guerra e no caráter quase inexpressivo das grandes batalhas que foram empreendidas naqueles meses, os Boletins publicados após-abril de 1917 revelaram novo caráter otimista, no qual a participação dos soldados americanos trazia de volta a esperança para o fim breve do conflito. Nesse mesmo sentido, os meses finais de 1916 já apresentaram comentários acerca do possível apoio do governo grego e da consequente vantagem dos Aliados no próximo ano, constituindo-se período de transição entre as duas fases.

Assim, a partir de abril de 1917, a entrada dos Estados Unidos na guerra e o impacto da revolução na Rússia no final daquele ano constituem-se nos eventos mais importantes abordados nos Boletins ao longo desses anos finais da guerra, ao que se soma o lugar reservado ao Brasil nos Boletins. Apesar da distância do teatro de guerra europeu, os Estados Unidos foram objeto de análise e comentários de Júlio Mesquita desde as primeiras semanas do conflito. Como nação neutra e maior potência na América, os Estados Unidos foram tratados nos *Boletins* como o porta-voz dos países que declararam a sua neutralidade. Dessa forma, os telegramas e mesmo os escritos publicados por Mesquita apresentaram frequentemente notas acerca dos protestos do presidente-americano contra violações no comércio dos neutros.<sup>219</sup>

No entanto, foi a partir dos meses finais de 1916 que o país passou a ocupar lugar de destaque nas colunas do proprietário do jornal. Por essa razão, realizamos o exame sistemático dos artigos publicados entre outubro de 1916 até outubro de 1918, quando Júlio Mesquita encerrou a coluna. A escolha do mês de outubro se deu por dois motivos: em primeiro lugar, foi a partir desse mês que a realidade de Verdun deixou de preocupar, uma vez que em função da investida Aliada no Somme, o esforço de guerra do Império alemão teve que dar conta das duas frentes. A saída de Verdun do horizonte de preocupação de Júlio Mesquita permitiu a

---

<sup>219</sup> Tais comentários tornaram-se ainda mais frequentes ao longo de 1915, em razão do recrudescimento da guerra submarina.

retomada da expectativa de novas ofensivas para o ano seguinte. Igualmente, a escolha do mês de outubro recaiu sobre a cobertura da eleição presidencial norte-americana, sobre a qual a atenção de Júlio Mesquita passou a se concentrar a partir desse mês.

A eleição americana de 1916 revestiu-se de particular interesse em razão do problema acerca do crescente envolvimento dos Estados Unidos no conflito europeu, por meio da guerra no mar,<sup>220</sup> frequência que se manteve até a entrada efetiva dos Estados Unidos na conflagração em abril de 1917, quando a temática ganhou vulto, com a perspectiva do envio dos soldados e seu efeito sobre a moral dos exércitos alemães. Portanto, o recorte outubro/1916-outubro/1918 justifica-se, uma vez que a partir dessa data a temática foi presença constante. Note-se que a questão aflora na transição de uma fase a outra, não sendo demais afirmar que o seu otimismo se prendeu justamente à entrada dos norte-americanos no campo de batalha.

Aqui também foi igualmente possível estabelecer duas subfases: os meses de outubro/1916 a abril/1917, que caracterizam a transição do pessimismo ao novo otimismo, se apresentam como período no qual oscilaram *Boletins* com declarado apoio ao presidente americano e outros que lamentaram a sua reeleição. Assim, durante os meses da eleição presidencial, Mesquita colocou-se a favor do republicano Charles Evans Hughes (1862-1948), ao afirmar que Woodrow Wilson não declararia guerra contra a Alemanha. Tal postura parece ser confirmada pelos telegramas publicados, uma vez que no dia 02 de outubro a página publicou um telegrama, datado a 30 de setembro de 1916, segundo o qual a vitória do candidato republicano significaria a efetiva entrada dos Estados Unidos na guerra, desejada pelo diretor do jornal. Dessa forma, diante da reeleição de Wilson, no final daquele ano, Júlio Mesquita sugeriu que tal vitória se concretizou em razão da influência alemã sobre os norte-americanos.

Terá a Alemanha conseguido os seus fins, [...]. Reeleito Wilson, tê-los-ia conseguido também nos Estados Unidos? Com quem teriam votado os eleitores, que deste lado do oceano, tanto ao norte como ao sul, votam por inspiração e às ordens de Berlim? Ficam estas perguntas sem resposta até

---

<sup>220</sup> O naufrágio do *Lusitânia* (maio/1915) marcou o terreno sobre o qual os comentários acerca dos Estados Unidos seriam erigidos dali em diante nos artigos do diretor d' *O Estado de S. Paulo*: a guerra submarina. Além disso, é necessário destacar que o envolvimento com o conflito estava longe de ser novidade em 1916, pois o país auxiliou a Entente com empréstimos, voluntários e munições desde os primeiros meses da guerra.

que jornais ou telegramas mais minuciosos nos esclareçam, mas o que nos parece é que também nos Estados Unidos a Alemanha marcou um ponto.<sup>221</sup>

Eleito presidente no ano anterior ao início da conflagração, Woodrow Wilson (1856-1924) manteve a tradição isolacionista do seu país e firmou compromisso com reformas internas.<sup>222</sup> Após a declaração das hostilidades da Europa em 1914 e mesmo diante do naufrágio do Lusitânia em maio de 1915 – no qual pereceram 128 cidadãos norte-americanos –, Wilson manteve a neutralidade do país frente ao conflito visto até então como essencialmente europeu. Apesar disso, e juntamente com o avanço do sentimento antigermânico após o ataque ao Lusitânia, o auxílio aos países Aliados foi cada vez mais frequente entre 1915-1917. Segundo Sondhaus,

Em abril de 1917, os Aliados tinham levantado 2,6 bilhões de dólares dessa forma [venda de títulos no mercado financeiro dos Estados Unidos], principalmente através da empresa de J. P. Morgan, e outros 2 bilhões liquidando alguns de seus investimentos anteriores à guerra em títulos de crédito norte-americanos. (...) Enquanto isso, as exportações de munição pelos Estados Unidos aumentaram de 40 milhões de dólares em 1914 para quase 1,3 bilhão em 1916, e o valor global da exportação de bens produzidos, de 2,4 bilhões de dólares (6% do Produto Nacional Bruto ou PNB) em 1914 para 5,5 bilhões (12% do PNB) em 1916, com os pedidos oriundos de países Aliados respondendo por quase todo o crescimento. (...) Durante o período de neutralidade, as vendas de munições e suprimentos intermediadas apenas pelo J. P. Morgan responderam por mais de um quarto de todas as exportações do país.<sup>223</sup>

André Kaspi descreve tal auxílio, que compreende apenas os meses de 1916,<sup>224</sup> com maior riqueza de detalhes:

*Les chiffres ont de quoi impressionner. Paris achète à Washington 50% des céréales, 22% de la viande, 91% du sucre, 77% du coton, 91% des armes, 45% des machines, entre 82 e 97% des huiles et des pétroles, 82% des chevaux qu'elle emporte. C'est dire que, sans le réservoir américain, la*

<sup>221</sup> Idem, 13 de novembro de 1916, p. 03.

<sup>222</sup> Acerca da eleição de 1916, vale destacar que tanto Woodrow Wilson quanto seu adversário republicano defenderam a neutralidade, mas Wilson foi considerado o menos provável em um caso de intervenção militar na guerra e sob o slogan “Ele nos manteve fora da guerra”, foi reeleito” (SONDHAUS, *op. cit.*, p. 343). Acerca de W. Wilson, ver também AUDOIN-ROUZEAU, S.; BECKER, Jean-Jacques, *Op. cit.* e BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

<sup>223</sup> SONDHAUS, L. *Op. cit.*, p. 343-344.

<sup>224</sup> Eles foram retirados da tese de doutorado de Yves-Henri Nouailhat, *France et États-Unis, août 1914-avril 1917*, de 1979 apud KASPI, André. Idem. In : AUDOIN-ROUZEAU, S. ; BECKER, Jean-Jacques. *Op. cit.*, p. 829.

*France ne pourrait pas poursuivre le combat, nourrir la population, faire tourner ses usines.*<sup>225</sup>

Apesar do auxílio econômico, a posição governamental permanecia no campo da neutralidade e as razões se encontravam quer na tradição política do país, quer na própria natureza da população norte-americana, a qual contava com 13 milhões de estrangeiros na véspera da Primeira Guerra Mundial, dos quais a maioria era de origem europeia.<sup>226</sup> Nesse contexto, o auxílio econômico às Potências Aliadas contribuiu para estreitar ainda mais os laços entre a República norte-americana e os países da Europa ocidental.

Mesmo que houvesse atritos com os Aliados,<sup>227</sup> era impensável uma ruptura dos Estados Unidos com França ou Inglaterra, por razões não apenas ideológicas, mas também comerciais. Por outro lado, o torpedeamento do Lusitânia já havia colocado em polos opostos as chancelarias de Berlim e Washington e as relações diplomáticas só foram mantidas mediante promessa do governo imperial do fim de operações dessa natureza. Foi nesse contexto de tensões que se deu a campanha presidencial de 1916, motivo pelo qual tanto a imprensa francesa quanto os *Boletins* lhe dedicaram constante atenção. Vale destacar, igualmente, que mesmo antes do período aqui escolhido para análise, Júlio Mesquita já havia tecido críticas ao presidente norte-americano, dada a sua recusa em apoiar militarmente os inimigos da Alemanha. Em abril de 1916, por exemplo, diante do torpedeamento do Sussex, escreveu:

No naufrágio do Sussex, ao que consta, pereceram alguns cidadãos norte-americanos. Averiguado que isto seja, vamos ver se desta vez Wilson, o contemporizador, dá por finda a época das contemporizações já demasiadamente prolongada. Soou agora, ou não soará nunca, aquela ocasião solene em que a paciência se esgota e uma espada flameja, como se em sua lâmina se refletisse um raio da luz celeste. [...] Wilson parece-se

---

<sup>225</sup> "Os números impressionam. Paris adquire em Washington 50% dos cereais, 22% da carne, 91% do açúcar, 77% do algodão, 91% das armas, 45% das máquinas, entre 82 e 97% de óleos e petróleos, 82% dos cavalos que ela importa. Isto significa que, sem as reservas americanas, a França não poderia manter o combate, alimentar a população, funcionar suas fábricas." KASPI, André. *Les États-Unis d'Amérique face à la guerre en Europe. Août 1914-Avril 1917*. In : AUDOIN-ROUZEAU, S.; BECKER, Jean-Jacques. *Op. cit.*, p. 829. "Os números impressionam. Paris adquire em Washington 50% dos cereais, 22% da carne, 91% do açúcar, 77% do algodão, 91% das armas, 45% das máquinas, entre 82 e 97% de óleos e petróleos, 82% dos cavalos que ela importa. Isto significa que, sem as reservas americanas, a França não poderia manter o combate, alimentar a população, funcionar suas fábricas."

<sup>226</sup> *Idem*, p. 825.

<sup>227</sup> O bloqueio inglês contra a Alemanha, por exemplo, foi objeto de protesto por parte de Washington, por razões comerciais.

com Hamlet, mas, se ele não se resolve a agir, a degradingolada democrática é certa e inevitável a entrada triunfal de Fortimbrás na Casa Branca. Fortimbrás é Roosevelt, cuja popularidade cresce de dia para dia. E, então sim, se a guerra durar até lá, a Alemanha terá homem com quem se entenda.<sup>228</sup>

Já no Natal daquele ano, voltou sua atenção à Washington para comentar a então proposta de paz de Wilson. No contexto, aproveitou para tecer críticas ao isolacionismo do presidente reeleito dos Estados Unidos:

Wilson receia que uma guerra de tamanha intensidade acabe, se a não atalham, por causar dano irreparável à civilização universal. Receio tardio. Dano irreparável já a civilização universal o padeceu com a invasão da Bélgica e outras monstruosidades iguais a que os Estados Unidos assistiram mudos e quedos, numa neutralidade que Roosevelt qualificou de superior à do próprio Pôncio Pilatos, o mais perfeito tipo de neutro de que a História nos dá notícia.<sup>229</sup>

Assim, para Júlio Mesquita o torpedeamento de navios norte-americanos, mesmo após a garantia de que não mais se ocorreriam, exigiria de Wilson a declaração de guerra contra o Império de Guilherme II, afirmação frequentemente repetida durante 1916. Em razão da ausência dessa declaração e mesmo do rompimento das relações diplomáticas, Mesquita lamentou a reeleição do candidato democrata. Comentários a esse respeito eram abundantes, de modo que não é difícil encontrar exemplos. Assim, no início de janeiro de 1917, ao comentar sobre a proposta de paz feita pela Alemanha e a mensagem de Wilson dirigida aos beligerantes, escreveu:

Não foram uniformemente interpretadas as palavras de Wilson, e o caso é perfeitamente explicável porque realmente parece que elas foram escolhidas propositadamente para estabelecer confusão no espírito de quem as lesse. Uma simples sugestão?... Uma ameaça disfarçada em promessas de concórdia internacional?... Só num ponto não houve divergência entre os intérpretes: Wilson intervinha a favor da Alemanha, de acordo com a Alemanha, apesar de afirmar o contrário.<sup>230</sup>

No mesmo mês, diante da proposta americana de uma Liga das Nações para evitar a deflagração de novos conflitos, o diretor do matutino lamentou que não

<sup>228</sup> *O Estado de S. Paulo*, 03 de abril de 1916, p. 03.

<sup>229</sup> *Idem*, 25 de dezembro de 1916, p. 03. É interessante notar, nesse comentário, que a comparação da atitude de Wilson ao papel do governador romano Pôncio Pilatos na história cristã faz paralelo à leitura da França como vítima redentora da guerra, tal como Cristo. As cores religiosas dos comentários do diretor do matutino evidenciam-se, ainda mais, ao considerarmos a data de sua publicação: o Natal de 1916.

<sup>230</sup> *O Estado de S. Paulo*, 08 de janeiro de 1917, p. 03.

estivesse à frente do governo dos Estados Unidos “um estadista como Roosevelt”, e atribuiu aos alemães as raízes da defesa de uma Liga das Nações:

Provavelmente Wilson teima em não distinguir entre ofensores e ofendidos, e insiste no seu desejo de que a paz se firme já, sem vitória decisiva, o que é pisar sem piedade, com capricho cruel, nos calos mais dolorosos dos Aliados. (...) O homem realmente não prima pela precisão, nem nas palavras nem nas ações. Lembra-nos que, antes dele, já Bethmann-Hollweg, em novembro do ano passado, aludiu a uma liga dos povos que fosse um baluarte indestrutível de justiça internacional, (...). Ter-se-ia deixado seduzir o presidente dos Estados Unidos por esta cantiga da sereia alemã? Bethmann-Hollweg não tem nenhum feitio de sereia, e Wilson não nos parece tão ingênuo que acredite na sinceridade e na cordura humanitária dos que barbaramente invadiram a Bélgica, (...). Haverá, como muita gente afirma, um acordo secreto entre Wilson e o Kaiser? Talvez.<sup>231</sup>

Como é possível notar, os comentários desse período foram marcados pela reprovação da postura política do presidente reeleito, o que mudou a partir de fevereiro de 1917, quando do rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, seguido da declaração do estado de guerra, em abril do mesmo ano. Tal alteração, fruto da própria dinâmica da guerra, uma vez que a Alemanha retomou a guerra submarina treze dias após o seu discurso de posse, que ocorreu em 22 de janeiro.<sup>232</sup>

A nova postura foi saudada por Mesquita e no que tange aos *Boletins*, já no dia 05 de fevereiro, o diretor do *Estado* louvou a atitude de Wilson ao escrever que “os Estados Unidos, de todos quem recebeu maior ofensa, já se revoltaram, (...), armam-se para repelir, materialmente se for necessário, a arrogante e odiosa pressão que não toleram”, e completa: “(...), eles cuja tolerância parecia sem praias e sem fundo.”<sup>233</sup> Na semana seguinte, a posição do país ainda saiu em destaque:

Os Estados Unidos chamaram, e ninguém lhes respondeu; nenhum neutro se abalou à calorosa exortação de Wilson: todos se recusaram a romper com a Alemanha as relações diplomáticas. (...) Diz um telegrama da

<sup>231</sup> Idem, 29 de janeiro de 1917, p. 03.

<sup>232</sup> No dia 31 de janeiro de 1917 a Alemanha declarou os mares neutros zona de guerra, motivo pelo qual Washington rompeu as relações diplomáticas com Berlim em 03 de fevereiro. Nesse mesmo contexto, os ingleses interceptaram um telegrama enviado ao Ministro das Relações Exteriores do Império Alemão no México, Arthur Zimmermann, no qual a Alemanha propunha uma aliança militar entre os dois países. No final de fevereiro, o conteúdo do telegrama foi apresentado ao governo norte-americano, com o objetivo de convencê-lo a ingressar no conflito. Finalmente, no dia 06 de abril de 1917, o Congresso americano votou pela declaração de guerra contra Guilherme II. Sobre o período que antecedeu a declaração de guerra dos Estados Unidos à Alemanha, ver as obras já citadas de Lawrence Sondhaus, Olivier Compagnon e Stéphane Audoin-Rouzeau. A notícia acerca do “telegrama Zimmermann”, por sua vez, foi publicada na mesma página do *Boletim* no dia 05 de março de 1917.

<sup>233</sup> *O Estado de S. Paulo*, 05 de fevereiro de 1917, p. 03.

semana que em Washington causou pesar que nenhum neutro tivesse acudido ao brado de revolta dos Estados Unidos, (...).<sup>234</sup>

Em março, após a divulgação do conteúdo do telegrama interceptado pela Grã-Bretanha, escreveu que o interesse dos Estados Unidos no conflito tinha também como objetivo acabar com “as veleidades belicosas do México, de há muito traiçoeiramente açuladas pela diplomacia germânica”.<sup>235</sup>

Evidencia-se, então, mudança no discurso relativo aos Estados Unidos e à atuação de Wilson, reeleito presidente em 1916. O mês de abril, nessa mesma direção, consolidou a nova maneira de abordar as notícias acerca da República norte-americana: após tratar das dificuldades internas da Alemanha, o *Boletim* do dia 09 de abril, o primeiro publicado após a declaração de guerra dos Estados Unidos, articulou elogios à diplomacia de Wilson:

A Alemanha prosseguirá na resistência. Mas a intervenção dos Estados Unidos corta-lhe todas as saídas, apaga-lhe todas as luzes e tapa-lhe o futuro. (...) O valor moral da viril decisão norte-americana dispensa esclarecimentos, ou simples referências, para o notem, tão patente está e com tanto brilho se impõe à atenção universal. Não há exemplo na História de tão apurada correção em transe tão solene. Os Estados Unidos não pegam em armas por quaisquer sentimentos de ambição ou de cobiça: os conselhos e as instigações do egoísmo eram para que a opulenta República cada vez mais se retraísse na paz em que medrada. Os nossos irmãos do Norte arriscam o seu sossego interior, expõem a desfeitas do México agitado a inviolabilidade das suas fronteiras, e atiram a sua fortuna à arena incendiada por amor do Direito e da Justiça.<sup>236</sup>

A partir desse mês o discurso acerca dos Estados Unidos sofreu profunda alteração, o que justifica a subdivisão no conjunto dos *Boletins* que tratam do tema. Depois de abril de 1917, inclusive, Mesquita reconsiderou algumas posições assumidas nos textos anteriores, ao considerar “justa e cristã” a Sociedade das Nações proposta por Wilson, já em 13 de agosto do mesmo ano e explicar o atraso do ingresso Estados Unidos como conflito “o traço característico do eminente cidadão que dirige uma democracia poderosíssima, mas pouco belicosa, como verdadeira democracia que é”,<sup>237</sup> em desacordo com o que foi afirmado nos *Boletins* da primeira subfase.

<sup>234</sup> Idem, 12 de fevereiro de 1917, p. 03.

<sup>235</sup> Idem, 12 de março de 1917, p. 03.

<sup>236</sup> Idem, 09 de abril de 1917, p. 03.

<sup>237</sup> Idem, 18 de fevereiro de 1918, p. 03.

Vale destacar, ainda, que os comentários acerca da guerra movida por Wilson contra a Alemanha foram acompanhados das notícias acerca do início da revolução na Rússia, que a levaria a deixar a guerra. No entanto, o exame atento desse primeiro conjunto dos artigos publicados já evidenciou alguns elementos do discurso apresentado por Júlio Mesquita. Sua visão acerca dos Estados Unidos não recaiu sobre a opinião pública ou sobre a imprensa daquele país, mas exclusivamente sobre a atuação do seu presidente. Diante disso, Wilson foi apelidado de “o contemporizador” e comparado com personagens tipicamente associados à omissão, como Pôncio Pilatos e Hamlet, ao passo que após o rompimento das relações com a Alemanha e a declaração de guerra, foi descrito como “eminente cidadão”, o qual arriscava “o sossego interior” do seu país em prol da causa dos Aliados.

No entanto, vale destacar a tendência geral do diretor d’*O Estado de S. Paulo* em fornecer aos seus leitores explicações em caso de mudanças no discurso apresentado nos *Boletins*.<sup>238</sup> Dessa maneira, colocou-se a questão do por que tal mudança ocorrida no discurso acerca de Wilson foi publicada sem maiores explicações. No entanto, no conjunto dos *Boletins* analisados não foi encontrada qualquer nota ou explicação para o tema, o que motiva a formular a hipótese de que talvez o fato tenha sido comentado em outra seção do jornal, que não o *Boletim Semanal da Guerra*.

Entre o segundo semestre de 1916 e o primeiro de 1917, a atenção de Júlio Mesquita também se voltou à frente oriental, em particular à Rússia, devido aos acontecimentos político-sociais que começaram a movimentar o Império de Nicolau II (1868-1918).

Tal como visto em relação aos comentários acerca dos Estados Unidos, Mesquita escreveu sobre o esforço de guerra russo desde agosto de 1914, apresentando-o sempre em segundo plano face às operações militares dos exércitos francês e inglês. No texto, fica clara a dificuldade oferecida pela aliança franco-russa para a leitura da guerra proposta pelo jornal: “(...) seria absurdo que acordos de um momento desviassem ao único desfecho razoável um conflito de tantos anos, como

---

<sup>238</sup> No dia 16 de agosto de 1915, por exemplo, Mesquita publicou o seguinte comentário acerca das notícias divulgadas nos Boletins anteriores sobre mudanças ocorridas no Estado-Maior alemão: “Corrigimo-lo hoje, antes de mais nada, guiados ainda pelo próprio jornal que primeiro o cometera. Esse jornal, cuja boa fé é indiscutível, retifica sempre os enganos que não pode evitar, e nós queremos seguir a mesma regra.” (*O Estado de S. Paulo*, 16 de agosto de 1915, p. 03).



o que, por cima de todas as divergências de doutrina política, atirou a autocracia russa para os braços da democracia francesa”.<sup>239</sup> A realidade do governo do Czar era pouco favorável à leitura compartilhada pelas fontes francesas e pelo jornal, segundo a qual o conflito resumia-se no binômio democracia *versus* militarismo, como fica evidente no trecho acima citado.

Dessa forma, os comentários de Mesquita acerca da Rússia limitavam-se ao seu esforço de guerra, com pouca quantidade de textos que tratassem do governo russo ou das relações diplomáticas entre os membros da Entente,<sup>240</sup> o que também evidencia dificuldades do diretor do matutino ao inserir o apoio russo no interior da visão sobre o conflito compartilhada pelo jornal. Entretanto, foi próximo ao final de 1916 que a situação russa começou a chamar a atenção e para além do seu esforço de guerra. Assim, já em 09 de outubro daquele ano, Mesquita escreveu que

A situação na Rússia não nos inspira inteira confiança e ainda não vimos bem explicadas a demissão do liberal Sasonov e a sua substituição por um homem da extrema direita, estadista todo inclinado para a ferrenha intransigência da camarilha da corte, que à viva força quer deslocar o eixo da política externa do czar de Paris e Londres para Berlim e Viena, dois altos e poderosos diques contra a passagem da onda sempre ameaçadora da democracia ocidental.<sup>241</sup>

E em janeiro de 1917, ao comentar sobre a possível ofensiva dos alemães no Oriente:

É por isso que pomos todas as cautelas em aceitar a mais recente versão explicativa dos acontecimentos, que se desenrolam por trás de uma espessa cortina, que o nosso olhar não fura. No Oriente, tudo depende dos russos, e estes russos cada vez nos inspiram mais cuidados e maiores receios com a crônica e incurável instabilidade dos seus governos.<sup>242</sup>

Durante esse período, portanto, os *Boletins* trataram do governo russo e das primeiras notícias acerca de protestos contra a participação na guerra sem, contudo, abrir mão dos comentários relativos às operações militares. Assim, no comentário

<sup>239</sup> *O Estado de S. Paulo*, 09 de outubro de 1916, p. 03.

<sup>240</sup> Sobre os comentários acerca do exército russo e seu esforço de guerra, podem ser citados os seguintes *Boletins*: 31 de agosto e 12 de outubro de 1914; 25 de janeiro, 08 de março, 05 de julho, 30 de agosto, 20 de setembro, 18 de outubro e 27 de dezembro de 1915; 31 de janeiro, 10 de julho de 1916 e de setembro de 1916. Os *Boletins* após essa data voltaram-se, conforme foi dito, para a situação interna do Império.

<sup>241</sup> *O Estado de S. Paulo*, 09 de outubro de 1916, p. 03. Vale destacar que durante esse período ocorriam intensos debates na Duma que colocavam em causa a participação russa no conflito mundial (ver SONDHHAUS, *op. cit.*, p. 276).

<sup>242</sup> *Idem*, 22 de janeiro de 1917, p. 03.

publicado no dia 20 de novembro, Mesquita também afirmou que os boatos da imprensa acerca de suposto acordo de paz firmado pelo então Império do Czar com o Imperador da Alemanha não concordavam com a realidade dos fatos, uma vez que o governo russo garantiu a permanência do país ao lado dos Aliados “até a vitória final”,<sup>243</sup> o que demonstra que o interesse do proprietário do jornal acerca do que se passava na Rússia estava relacionado ao esforço de guerra dos Aliados.

A partir de março de 1917, contudo, os comentários restringiram-se à situação política do país. Aqui se estabelece um recorte possível para análise: março/1917-março/1918, período no qual os comentários publicados nos *Boletins* compreendem unicamente a situação *internado* país, apesar da constante preocupação quanto à sua relação para com a continuidade do conflito. Essa preocupação condiz com a situação da Rússia naquele momento, pois no início de março de 1917 ocorreu ampla manifestação entre os trabalhadores de Petrogrado, os quais exigiam o fim do czarismo e a saída da guerra. Diante da situação, a Duma declarou a formação do governo provisório, seguida da abdicação do Czar.<sup>244</sup>

No *Boletim* de 05 março, Mesquita julgou a situação era semelhante à de 1905 para, duas semanas mais tarde (a 19 de março) afirmar que a situação parecia conduzir o país para uma monarquia constitucional:

Os confusos telegramas da Havas não nos definem com nitidez a ordem nova, nem é de todo em todo fora de incerteza que já a desordem da transformação tenha terminado. O império caiu? Ergueu-se a república em seu lugar? É imperador o grão-duque Miguel, com anuência às exigências parlamentaristas da Duma? Vai reunir-se uma Constituinte, que escolherá a definitiva forma de governo? O exército em combate aderiu? Quem o sabe?... Sabe-se que o czar, sem dedicações em grupo algum, abdicou por si e por seu filho e que o gabinete inspirado por Protopopoff foi, por algumas horas, substituído por um governo provisório, (...). Confessamos que o presente não é inteiramente tranquilizador. Preferiríamos que a revolução se contentasse com a solução moderada de uma monarquia constitucional e representativa, abrigo amplo, em fases de transição, para opiniões divergentes.<sup>245</sup>

Mesquita julgou que a queda do czarismo aproximaria o país da política ocidental, calcada na democracia representativa. Na sua perspectiva, a revolução traria vantagens para os Aliados, uma vez que a França e a Inglaterra, representavam a mesma liberdade, defendida pela revolução. A situação foi

---

<sup>243</sup> Idem, 20 de novembro de 1916, p. 03. Igualmente no *Boletim* da semana seguinte, 27 de novembro.

<sup>244</sup> SONDHAUS, *op. cit.*, p. 275-277.

<sup>245</sup> *O Estado de S. Paulo*, 19 de março de 1917, p. 03.

acompanhada nos meses seguintes e até março de 1918, quando da sua saída do conflito, os *Boletins* trataram, entre outros temas, do que ocorria no antigo Império czarista.

Portanto, ao contrário dos meses anteriores, nos quais Júlio Mesquita voltava a atenção dos leitores para a Rússia com o objetivo de esclarecer qualquer ponto de avanço ou recuo dos exércitos na frente oriental, durante esses doze meses a abordagem sobre o país recaiu na sua realidade interna, durante o qual as autoridades russas enfrentavam a questão de dar ou não continuidade ao esforço de guerra. Os debates envolveram três opções diante da guerra em curso: 1) continuar no conflito; 2) sustentar uma guerra meramente defensiva, com o objetivo de assinar uma paz sem anexações e 3) deixar a “guerra imperialista” para garantir a vitória da revolução bolchevique na Rússia.<sup>246</sup>

Ao menos na seção do jornal objeto dessa pesquisa, o andamento da Revolução na Rússia não se apresentou como central na visão de Júlio Mesquita. Ao contrário, o interesse demonstrado pelo que se passava durante os meses de 1917 dizia respeito exclusivamente às consequências possíveis sobre o andamento da Primeira Guerra Mundial. Tal receio era justificado pelas fortes consequências da retirada do contingente russo da frente oriental:

O maior medo, comum em todas as capitais Aliadas, era de que o governo provisório tirasse a Rússia da guerra. Isso mandaria ondas de choque de Flandres ao Golfo Pérsico, libertando a Alemanha para se concentrar na frente ocidental na França, o Império Austro-Húngaro para acumular suas forças contra a Itália e o Império Otomano para concentrar seu esforço de guerra contra as tropas britânicas e imperiais na Mesopotâmia (...). Assim, desde o início, o governo provisório sofreu grande pressão de Londres, Paris e Roma (logo acompanhadas por Washington) para permanecer na guerra.<sup>247</sup>

Tal fato torna-se evidente com o avanço dos socialistas, no qual a ideia de uma monarquia constitucional perdeu espaço em prol das diretrizes dos bolcheviques, liderados por Vladimir Ulianov/Lênin (1870-1924), os quais desejavam a saída do conflito.<sup>248</sup> Tal receio parecia se confirmar nos *Boletins* em julho de 1917, frente ao insucesso da ofensiva russa, então atribuída pelo diretor do *Estado* à

<sup>246</sup> WERTH, Nicolas. Enjeux de la guerre et de la paix dans les révolutions russes de 1917. In : AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane; BECKER, Jean-Jacques. *Op.cit.*, p. 893-906. A última opção, vitoriosa, foi a base para a assinatura do Tratado de Brest-Litovski, em março de 1918.

<sup>247</sup> SONDHAUS, *op. cit.*, p. 279.

<sup>248</sup> Idem, 25 de junho de 1917, p. 03.

estagnação dos exércitos e aos “soldados que não querem combater”.<sup>249</sup> A partir do desse mês, Mesquita abordou o tema da propaganda dos bolcheviques e das suas possíveis consequências para a continuidade do país na guerra.<sup>250</sup>

Na Rússia, a torrente revolucionária ainda não se canalizou: continua a desarmonia entre os elementos moderados e as facções de intransigentes, que a provocaram e desencadearam, (...); sabe-se, porém, **e é só isto o que no momento atual nos preocupa**, que, graças à influência salutar e à energia de Kerenski e Plekhanov, socialistas ordeiros, a propaganda tumultuária de Lênin e Skobelev não produziu o efeito de abandono e deserção com que a Alemanha contava; o exército pouco a pouco se dispõe no cumprimento do dever patriótico de levar a guerra até ao seu fim natural (...).<sup>251</sup>

Em setembro do mesmo ano:

Procede-se na Rússia a uma experiência que nos interessa a todos e que devemos seguir com atenção. Vamos ver se Kerenski triunfa. Se não triunfar será, em todos os sentidos, um desastre, porque a Rússia, não lhe sendo possível reinstalar-se na ordem monárquica, cairá em tremenda anarquia, com o predomínio da facção maximista do socialismo democrata. Esta, no seu intransigente internacionalismo, até à guerra simplesmente defensiva se opõe: é pacífica a todo o transe, (...).<sup>252</sup>

Os comentários acerca da Rússia e da Revolução de 1917, portanto, foram publicados em função da guerra. Confirmada a vitória de Lênin em novembro de 1917,<sup>253</sup> a atenção do jornalista voltou-se para a questão da paz separada com a Alemanha, tema que continuou em voga até a consumação do fato, em março de 1918. A estratégia narrativa utilizada durante o período baseava-se em afirmar que as pretensões de Lênin, então visto como instrumento da Alemanha, iriam de encontro com os próprios interesses e o governo do imperador Guilherme II. Assim, escreveu Mesquita no início de novembro:

O problema é complexo. O programa “maximalista” promete uma paz imediata e democrática. Contra uma paz imediata, com certeza a Alemanha não se indignará. (...) Cumpre-nos indagar somente que significação se deve dar ao adjetivo “democrática” na promessa “maximalista”. (...) Trata-se, pois, de uma exigência, de uma condição básica diretamente endereçada às outras nações da guerra. Dir-se-á que, sendo Lênin um instrumento da Alemanha, a Alemanha virtualmente escapa à intimação de Petrogrado. (...) Mas, se esse agitador a soldo do inimigo de repente se emancipa e se nos

<sup>249</sup> Idem, 23 de julho de 1917, p. 03.

<sup>250</sup> Idem, 17 de setembro de 1917, p. 03.

<sup>251</sup> *O Estado de S. Paulo*, 02 de julho de 1917, p. 03. Grifo do autor.

<sup>252</sup> Idem, 17 de setembro de 1917, p. 03.

<sup>253</sup> “A mais radical revolução da História”, segundo o *Boletim* do dia 31 de dezembro de 1917.

revela um sincero, impulsionado por uma paixão alta e nobre? Nessa hipótese, que não é nenhum sonho, o leitor facilmente percebe que, de todas as nações da guerra, a Alemanha há de ser a primeira vítima da arma de dois fumes que imprudentemente manejou.<sup>254</sup>

Evidencia-se, assim, a estratégia de fazer com que o leitor seja convencido de que as ideias defendidas pelos bolcheviques resultarão, em última instância, em prejuízo para os inimigos da França. Durante os meses seguintes, Mesquita enfatizou o caráter imprevisível do governo bolchevique face à continuação do conflito e acompanhou os acordos realizados em Brest-Litovski.<sup>255</sup> Tais notas continuaram até março de 1918, quando da assinatura do tratado de Brest-Litovski, o qual colocou a Rússia fora do conflito.<sup>256</sup>

A partir de então, sua atenção, concentrada na frente oriental e na Rússia desde o final de 1916, voltou-se, quase que exclusivamente, para o Ocidente no decorrer da segunda metade de 1918, ano marcado pela ofensiva alemã e posterior contraofensiva dos Aliados

A análise desse período permitiu identificar o papel do conjunto dos comentários sobre o país na lógica estabelecida por Júlio Mesquita. Apesar da desvantagem trazida para os Aliados, a saída dos russos da conflagração ofereceu ao diretor do matutino a oportunidade reafirmar sua interpretação maniqueísta, pois a partir de então era possível reunir as democracias ocidentais em contraposição aos Impérios do leste, como evidenciaram os comentários acerca das ideias defendidas pelo socialismo, as quais ofereceriam mais riscos à estabilidade do Império alemão do que às democracias ocidentais. Assim, explica-se por que o papel da Revolução Russa na dinâmica da guerra tal como narrada nos *Boletins*, recebeu tratamento menos detalhista do que o consagrado aos Estados Unidos: no registro de Mesquita, tratava-se da retirada de um regime autoritário, ainda que aliado às forças francesas e inglesas, o que não dava margens a grandes lamentos. Após a retirada dos soldados russos Mesquita tratou de diminuir a importância do fato e reafirmar que a guerra seria de fato decidida na frente ocidental:

Há de lembrar-se quem há quase quatro anos nos lê, que uma vez afirmamos, e depois nunca cessamos de repetir, que a guerra se decidiria

<sup>254</sup> *O Estado de S. Paulo*, 12 de novembro, 24 e 31 de dezembro de 1917; 07 de janeiro e 11 de fevereiro de 1918.

<sup>255</sup> *Idem*, 03 de dezembro de 1917, p. 03.

<sup>256</sup> WERTH, Nicolas. Enjeux de la guerre et de la paix dans les révolutions russes de 1917. In : AUDOIN-AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane ; BECKER, Jean-Jacques. *Op.cit.*, p. 904.

na frente ocidental. Firmes nesta crença, jamais nos impressionou a fundo o gradual desmoronamento, hoje completo, da frente russa. Além do mais, esse desastre não nos surpreendeu.

E recorreu aos fatos que compensariam tal “desastre”:

O formidável exército desorganizou-se, debandou, dissolveu-se, desapareceu. Entretanto, as vantagens que deste lamentável fato a Alemanha colheu não mudaram as condições da imensa peleja. Somente se retardou a inevitável vitória dos Aliados. Os elementos, que por ela respondem, esses, (...), não tardaram a acudir. Recresceu nos Estados Unidos o entusiasmo da resistência, (...).<sup>257</sup>

Portanto, com base nos comentários acerca da situação russa reunidos no período de doze meses acima citado, podemos concluir que a atenção de Júlio Mesquita frente ao que se passava na Rússia respondia à questão sobre a sua continuidade no conflito, de modo que a Revolução bolchevique foi lida, nos *Boletins* do jornal, em função da dinâmica da guerra. Resta, contudo, investigar quais comentários eram publicados em outras seções do matutino paulista. Por essa razão, antes desse período Júlio Mesquita voltava-se para a Rússia com o objetivo de comentar a situação dos exércitos, e após a retirada do país procurou diminuir a importância dos acontecimentos político-sociais ali ocorridos para concentrar-se unicamente na frente ocidental, para a qual eram enviados os soldados norte-americanos. Durante aqueles meses, no entanto, o diretor do jornal apresentar os seus leitores um panorama do que se passava no antigo Império de Nicolau II. Os comentários, igualmente, parecem ser divididos em dois momentos: até meados de maio, debatia-se qual o futuro político daquele território, ao passo que a partir desse momento, com o avanço dos bolcheviques, o debate se circunscreveu sobre a possível retirada dos combatentes russos do conflito.

O período encerrado nesses doze meses compreendem igualmente a repercussão daquelas notícias no Brasil e o estabelecimento das greves em São Paulo. Insuflados pela imprensa operária, a qual noticiava o que se passava na Rússia,<sup>258</sup> inúmeros setores se levantaram contra a situação operária no país. Ao mesmo tempo, em outubro de 1917 o presidente Wenceslau Brás, eleito em 1914, declarou guerra contra a Alemanha, o que permitiu o decreto de estado de sítio em

<sup>257</sup> *O Estado de S. Paulo*, 08 de abril de 1918, p. 03.

<sup>258</sup> “A vitória dos trabalhadores russos, mais a situação econômica calamitosa das camadas mais pobres no Brasil, foram decisivas para desencadear a onda de protestos das classes trabalhadoras” (FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988., p.80).

novembro daquele ano, cuja censura imposta pelo governo também atingiu o jornal de Júlio Mesquita. Por essa razão, a análise dos comentários acerca da Revolução Russa nos *Boletins*, apesar de circunscritos ao cenário da guerra, não pôde perder de vista a realidade nacional, com a qual dialogava o texto de Mesquita.

No que respeita ao Brasil, constatou-se que Júlio Mesquita pouco se referiu ao país em seus escritos sobre a guerra. No período pré-1917, o tema praticamente não foi contemplado, mesmo no que tange a uma possível declaração de guerra contra algum dos beligerantes, apesar dos constantes torpedeamentos dos navios brasileiros. Tais fatos eram interpretados como um atentado ao “direito dos neutros”, o que evitava considerações acerca do destino do próprio país.

Apesar da posição declaradamente pró-Aliada de Júlio Mesquita, a afirmação de que o Brasil deveria declarar guerra ao Império Alemão foi feita apenas no *Boletim* publicado a 09 de abril de 1917, após a declaração de guerra dos Estados Unidos. Vale destacar, no entanto, que desde as ausências de julho-setembro de 1916 foi possível notar a posição favorável à intervenção brasileira por parte d’*O Estado de S. Paulo*, uma vez que, enquanto os *Boletins* não eram publicados, saíam na mesma página os discursos proferidos por Rui Barbosa na Argentina em favor da intervenção do Brasil na guerra.<sup>259</sup> Igualmente, a forma de organização da página do jornal desempenhou papel importante pois os telegramas que antecediam o *Boletim* passaram a noticiar manifestações em São Paulo e em outros locais no Brasil contra a Alemanha.<sup>260</sup>

Em outubro de 1917, por sua vez, com a efetiva declaração de guerra, o jornal publicou um *Boletim* quase todo dedicado ao tema, no qual afirmou que

(...) se o Brasil é fraco e tem de perecer, qual o motivo da preferência? Entre servidão e servidão, por que havemos de preferir a alemã à norte-americana? (...) A Alemanha é temível. Os Estados Unidos de Wilson são a antítese da Alemanha do Kaiser, (...).<sup>261</sup>

Os telegramas das semanas seguintes continuaram a tratar da repercussão da declaração de guerra no país. *O Estado de S. Paulo* dos dias 12 e 26 de

<sup>259</sup> Ver, por exemplo, os telegramas publicados no dia 24 de julho e no dia 07 de agosto de 1916.

<sup>260</sup> Tal campanha também foi inflada pelo afastamento do então Ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller (1863-1926), o qual era acusado de apoiar a causa alemã, no mês seguinte à declaração das hostilidades entre os Estados Unidos e a Alemanha. “Felizmente temos novo piloto ao leme da nossa diplomacia”, escreveu Júlio Mesquita em 28 de maio de 1917.

<sup>261</sup> *O Estado de S. Paulo*, 29 de outubro de 1917, p. 03.

novembro também publicou, na mesma página do *Boletim Semanal da Guerra*, seções a respeito do estado de sítio decretado em todo o território nacional e das críticas de Rui Barbosa contra o decreto. Outras seções, como “O Brasil na guerra”,<sup>262</sup> também eram alocadas na mesma página, ainda que esporadicamente.

No entanto, apesar da comemoração pelo alinhamento do país à postura dos Aliados, Mesquita dedicou pouco espaço ao Brasil. Ainda assim, a insistência sobre a Itália e as ausências da coluna nos meses de 1915, quando das dissidências no Partido Republicano Paulista, bem como o processo movido pelo jornal contra o *Diário Alemão* em 1916, deixam claro que as questões da política nacional sempre estiveram no horizonte de Mesquita e desempenhavam importante papel na dinâmica dos seus escritos. Considera-se, assim, que o não dito apresenta maiores possibilidades de compreender o momento nacional durante aquele período do que as próprias declarações de Mesquita acerca do país, e que por esse motivo o exame do lugar reservado à realidade nacional deve percorrer a análise de todos os *Boletins*, como tem sido feito até o momento.

---

<sup>262</sup> Idem, 28 de janeiro de 1918, p. 03.



## **CONCLUSÃO**

A pesquisa objetivou, em primeiro lugar, dar conta do conteúdo publicado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* nos seus Boletins Semanais de Guerra para, em seguida, tentar identificar a chave de leitura que orientou as interpretações sobre o conflito fornecidas aos leitores do jornal. Tendo por inspiração a noção de *cultura de guerra*, tratou-se de identificar as apropriações realizadas por Julio Mesquita, cujas interpretações se ancoravam numa dada forma de apropriação das fontes que mobilizava para produzir seus textos.

O estudo dos Boletins colocou alguns desafios. Em primeiro lugar, a organização sistemática de todo o conteúdo publicado já foi, em si mesmo, uma tarefa complexa. Mais do que simplesmente ordená-lo, tratou-se de identificar as alterações no discurso produzido, bem como os elementos utilizados na sua produção. Somente a partir dessa visão do todo foi possível ensaiar periodizações no interior do material, que respondiam às oscilações entre o otimismo e o pessimismo em relação ao desfecho do conflito. Pela própria natureza da fonte, que abarca ampla temporalidade, foi necessário optar por dar conta de alguns temas, uma vez que seria inviável abordar todas as minúcias que marcaram a guerra.

A preocupação em relação às fontes utilizadas por Mesquita levou a perguntar sobre os periódicos franceses, amplamente utilizados na escritura dos artigos. Identificados os títulos predominantes, pareceu essencial inquirir sobre a linha editorial dos mesmos, seus responsáveis e trajetória no campo jornalístico francês. Igualmente relevante foi a compreensão das condições de produção e de circulação dos impressos na França entre 1914-1918, uma vez que a ação da censura se fazia presente. Evidenciaram-se os esforços empreendidos pelo governo na produção de um discurso homogêneo sobre a guerra, difundido pela grande imprensa. As notícias de que dispunha Mesquita provinham da imprensa e telegramas franceses – Agência Havas e periódicos como *Le Temps*, *Le Figaro* e *Le Matin*, sob forte censura. Os sucessivos fracassos do Estado-Maior francês levaram os governos a aumentar o controle sobre a palavra impressa, com a divulgação das operações que obtinham bons resultados, ao passo que se silenciava sobre movimento dos exércitos que implicassem derrota ou recuo, o que contribuía para a visão otimista do conflito durante aqueles meses.

Entretanto, a análise deixou patente que o diretor e proprietário d'*O Estado de S. Paulo* elaborou leitura própria em relação às suas fontes, o que alerta para interpretações que se valem das noções de cópia ou mera transposição do que

vinha do Hexágono.. O exemplo utilizado foi o da batalha de Verdun. ponto alto do nacionalismo gaulês durante o conflito.<sup>263</sup>

O trabalho também evidenciou a persistência dos argumentos utilizados desde os primeiros meses do conflito, ou seja, a demonização do inimigo e a insistência em acentuar supostos comportamentos selvagens, diapasão sempre repetido e que configurava a barbárie daqueles que eram combatidos. O leitor assíduo do matutino talvez acabasse por se convencer, tal como parecia comprovar a primeira Batalha do Marne, a invasão alemã na Bélgica, ou as vagas referências às batalhas que deram a vitória ao exército alemão sobre os soldados franco-ingleses. Se os eventos variavam, a estratégia narrativa seguia padrões muito semelhantes, reafirmando a superioridade moral dos franceses e seus aliados, ainda que nem sempre a questão tenha sido fácil de ser contida no molde, como bem atesta o caso da Rússia após 1917.

Júlio Mesquita foi, antes de tudo, um *leitor* da guerra, com todo o peso semântico deste conceito: Distante do *front*, o diretor do *Estado* elaborou seus artigos tendo por fundamento unicamente as informações recebidas pelas agências de notícias e pela imprensa dos países beligerantes. Foi possível verificar o papel ativo do jornalista no processo de construção de sua própria interpretação sobre os fatos. É certo que sua liberdade enquanto leitor da guerra não era ilimitada, uma vez que dependia das notícias recebidas dos países europeus. No entanto, foi possível identificar distanciamentos, ainda que discretos, em relação aos grandes jornais publicados na França. Da mesma maneira, as críticas às agências de notícias, identificadas ao longo do período, apontaram para a mesma direção.<sup>264</sup>

Nos muitos estudos sobre a Grande Guerra em âmbito internacional, é patente a ausência das opiniões de jornalistas latino-americanos. Explorar esse tipo de fonte pode colocar nossas questões, se não sobre o conflito em si, pelo menos a respeito do impacto do mesmo no continente, como bem apontou Olivier Compagnon.<sup>265</sup>

---

<sup>263</sup> Olivier Forcade classificou a batalha, do ponto de vista da imprensa nacional, como "*impérieuse urgence patriotique*", ver FORCADE, Olivier. Voir et dire la guerre à l'heure de la censure France, 1914-1918. *Le Temps des médias*, 2005/1 (n° 4), p. 50-62. Online : <http://www.cairn.info/revue-le-temps-des-medias-2005-1-page-50.htm>. Acesso: 02-08-2017.

<sup>264</sup> Tais conclusões nos conduzem, assim, às considerações de Roger Chartier e Robert Darnton a respeito do papel ativo do leitor e da liberdade, ainda que limitada, da leitura.

<sup>265</sup> COMPAGNON, O. *Op. cit.*, 2014.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Fontes

*O Estado de S. Paulo* - Acervo Online.

MESQUITA, J. *A Guerra*. São Paulo: Terceiro Nome, 2002, 4 v.

### Referências bibliográficas

ARTHUR, Max. *Vozes esquecidas da Primeira Guerra Mundial: uma nova história contada por homens e mulheres que vivenciaram o primeiro grande conflito do século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

AUDOIN-ROUZEAU, S. Audoin, S.; KRUMEICH, G. Les batailles de la Grande Guerre. In : AUDOIN-ROUZEAU, S. Audoin ; BECKER, Jean-Jacques. *Encyclopédie de la Grande Guerre (1914-1918)* : Edition du Centenaire. Paris : Bayard, 2013, p. 288-289.

BAHIA, Benedito Juarez. *História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira*. v. 1. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

\_\_\_\_\_. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa*. Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BECKER, Annette ; AUDOIN-ROUZEU, Stéphane. *14-18 Retrouver la guerre*. Paris : Gallimard, 2000.

BECKER, J. J, KRUMEICH, Gerd. *La Grande Guerre : Une histoire franco-allemande*. Paris: Tallandier, 2012.

\_\_\_\_\_. *La Grande Guerre*. Paris: PUF, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Tratado de Versalhes*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_., AUDOIN-ROUZEAU, S. (dir.). *Les sociétés européennes et la guerre de 1914-1918*. Paris: Université de Paris X-Nanterre, 1990.

\_\_\_\_\_., AUDOIN-ROUZEAU, S. *La France, la nation, la guerre (1850-1920)*. Paris: Sedes, 1995.

BELLANGER, Claude. *Histoire générale de la presse française*. Presses Universitaires de France – PUF : Paris, 1972, tome III : De 1871 à 1940.

BERTONHA, João Fábio. *A Primeira Guerra Mundial: o conflito que mudou o mundo (1914-1918)*. Maringá: Eduem, 2011.

CALDEIRA, Jorge. *Júlio Mesquita e seu tempo*. São Paulo: Mameluco, 2015, 4 v.

CANFORA, Luciano. *1914*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino*. Imprensa e ideologia: O Estado de S. Paulo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

\_\_\_\_\_. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASALECCHI, José Ênio. *O Partido Republicano Paulista: política e poder (1889-1926)*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHARLE, Christophe. *Le siècle de la presse : 1830-1939*. Paris : Seuil, 2004.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp; Imprensa Oficial do Estado, 1999.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

CLARK, Christopher. *Les somnambules - L'été 1914: comment l'Europe a marché vers la guerre*. Paris: Flammarion, 2013.

COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: A América Latina e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial. *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 652, jul./dez. 2014.

\_\_\_\_\_. *Políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal (1918-1933): Entre a experiência e o mito*. Dissertação de Doutorado em História Política e Institucional Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Julho de 2010.

COSTA, Alexandre Andrade da. *Caleidoscópio político: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo (1938-1945)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: EDUC: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2000.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

DARÓZ, Carlos. *O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia* (Contexto, 2016).

DUARTE, Paulo. Júlio Mesquita e o “Estado”, In: *Centenário de Júlio Mesquita*. São Paulo: Anhambi, 1964.

EKSTEINS, Modris. *A sagração da primavera: a Grande Guerra e o nascimento da Era Moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil (1880-1920)*. Petrópolis: Vozes, 1978.

FERRO, Marc. *La Gran Guerra*. Madrid: Alianza Editorial, 1970.

FILHO, Ruy Mesquita (Org.). *Cartas do exílio: a troca de correspondência entre Marina e Júlio de Mesquita Filho*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

FORCADE, O. Censure, opinion et secret en France, in *Matériaux pour l'histoire de notre temps*, nº8, avril-juin 2000.

\_\_\_\_\_. *La censure en France pendant la Grande Guerre*. Paris :Fayard, 2016.

\_\_\_\_\_. Voir et dire la guerre à l'heure de la censure (France, 1914-1918), *Le Temps des médias*, n.º 4, 2005.

GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GÓES, Marta. *Alfredo Mesquita: um grã-fino na contramão*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

GRANDER, Christophe. *À quoi pensent les historiens? Faire de l'histoire au XXIème siècle*, Paris : Autrement, 2013.

HASTINGS, Max. *Catástrofe, 1914: a Europa vai à guerra*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

HORNE, John (Dir.). *Vers la guerre totale. Le tournant de 1914-1915*. Paris: Tallandier, 2010.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004. p. 14-40.

LOPREATO, Christina Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

LUCA, Tania Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo : Editora Unesp, 2011.

MALATIAN, Teresa. A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os Boletins de Guerra do jornal O Estado de S. Paulo (1914-1918). *Patrimônio e Memória*, São Paulo, Unesp, v. 9, n. 2, p. 205-219, jul.-dez., 2013, p. 205-219.

MESQUITA, J. *A Guerra*. São Paulo: Terceiro Nome, 2002, 4 v.

MICELI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha: estudo clínico dos anatolianos*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MOLLIER, Jean-Yves. *Leitura e seu público no mundo contemporâneo: Ensaio sobre História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder :o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEVES, Lucia Maria Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. (orgs). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Faperj, 2006.

NOVAIS, Fernando A. (Coord. geral); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida privada no Brasil: república*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 513-619;

PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PINONOS, Aurore. *Censure et propagande du Progrès, du Nouvelliste et du Salut Public au commencement de la Première Guerre mondiale*. Diplôme national de master 1, ENSSIB. Lyon: 2014.

\_\_\_\_\_. *Censure et Propagande du Progrès et du Salut Public en 1916*. Diplôme national de máster 2, ENSSIB. Lyon: 2015.

RASMUSSEN, Anne, Sciences et techniques: l'escalade, 1914-1915, in HORNE, John. . *Vers la guerre totale*. Le tournant de 1914-1915. Paris: Tallandier, 2010.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord. geral); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida privada no Brasil: república*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 513-619.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial: história completa*. São Paulo: Contexto, 2013.

SOUZA, José Inácio de Melo. *O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2003.

TUCHMAN, Barbara W. *A Torre do Orgulho: um retrato do mundo antes da Grande Guerra, 1890-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

WERTH, Nicolas. Enjeux de la guerre et de la paix dans les révolutions russes de 1917. In : AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane; BECKER, Jean-Jacques. AUDOIN-ROUZEAU, S. Audoin ; BECKER, Jean-Jacques. *Encyclopédie de la Grande Guerre (1914-1918) : Edition du Centenaire Paris : Bayard, 2013, p. 893-906.*

ZIOLI, Miguel. *Paulo Duarte (1899-1984): um intelectual nas trincheiras da memória*. Tese (Doutorado em História) – FCL/Unesp, Assis, 2010.



## **ANEXOS**

## Anexo I

## Fichamento das fontes – Tabela Padrão em Microsoft Excel (recorte)

ANO	MÊS	DIA	BOLETIM - Conteúdo	BOLETIM - Versão impressa [2002]	BOLETIM - O Estado de S. Paulo	OBSERVAÇÕES
1917	Fevereiro	5	Mesquita comenta sobre a retomada da guerra submarina pela Alemanha e desacredita da empreitada, afirmando que a Alemanha não conseguirá sufocar os Aliados e que estes últimos, caso a primeira consiga, não estão em situação de escassez de alimentos, de modo que a nova estratégia alemã inevitavelmente falhará.	<i>A nova face da guerra submarina.</i> Destaques nos seguintes trechos: 1) consequências da guerra submarina para a própria Alemanha e 2) destruição e morte causadas pela guerra no mar. Iconografia: naufrágio do Gaulois.	P. 3 - BSG - Canto superior esquerdo. Na página: O Sac; Jornais do Rio e Planos Ingleses (publicidade). Telegramas: 31 de Janeiro: <b>declaração da retomada da guerra submarina irrestrita por parte da Alemanha, devido à recusa das propostas de paz.</b> Dia 3 de Fevereiro: <b>Rompimento das relações entre os EUA e a Alemanha.</b>	Mesquita, embora venha acompanhando o assunto há meses, não faz nenhum comentário sobre o rompimento das relações diplomáticas entre a Alemanha e os EUA.
134			O boletim trata do protesto dos EUA contra a Alemanha e a ausência do apoio dos neutros. Mesquita comenta que as intenções da Alemanha, de provocar a tra dos neutros contra os Aliados que a forçavam empregar a guerra submarina indiscriminada, todos eles voltaram-se contra a Alemanha. No final, desacredita nas ameaças alemãs.	<i>A reação dos neutros.</i>	P. 3 - BSG - Canto superior esquerdo. Na página: R. A. Sampaio Vidal - advogado (publicidade); Movimento Associativo; Nota para os assinantes; Oswaldo Cruz (retrato - destaque) e Cartas de Minas. Telegramas: 5 de Fevereiro: <b>reação da atitude dos EUA frente à Alemanha no Brasil.</b> Dias 6, 8 e 9: <b>nota do Brasil à Alemanha / navio Paraná.</b>	Neste boletim, Júlio Mesquita afirma que as repúblicas sul americanas temem entrar na guerra devido ao rompimento dos EUA com a Alemanha. Também comenta sobre a nota do governo brasileiro publicada dois dias atrás pelos OESP. <b>Os telegramas, desde a segunda-feira passada, voltaram a ser mais extensos. Os boletins, por sua vez, tratam mais da diplomacia do que das operações militares.</b>
135			Mesquita comenta sobre a falsidade das notícias de Berlim que anunciam a fraqueza da Inglaterra e afirma que se trata de uma medida desesperada da Alemanha. No final, faz uso da imprensa argentina para confirmar a suas afirmações.	<i>Destruição de navios ingleses.</i> Iconografia: 3 fotografias do naufrágio do Nantes e legenda comentando as atividades de minar os mares.	P. 3 - BSG - Canto superior esquerdo. Na página: R. A. Sampaio Vidal - advogado (publicidade); Jornais do Rio; Tolool (?) (publicidade); Notícias do interior e do litoral do Estado e Planos Ingleses (publicidade). Telegramas: 12 de Fevereiro: <b>proposta de negociação entre a Alemanha e os EUA, negada pelos EUA.</b> Dia 14: <b>nota do Brasil à Áustria e à</b>	Mesquita reconhece a sua atenção exclusiva às operações no mar e diplomacia, mas se justifica dizendo que, neste estágio da guerra, a solução para o conflito pode surgir do mar, motivo de sua atenção, portanto. <b>Os telegramas passaram a ser publicados em letras menores.</b>
136	1917	Fevereiro	19			

## Anexo II

## Ficha-resumo anual (recorte)

<b>Título</b>	Relatório – <i>Boletins Semanais da Guerra</i>
<b>Ano</b>	Volume I (1914-1915)
<b>Data*</b>	06/08/1914 – 05/07/1915
<b>Qtde. (OESP)</b>	48
<b>Qtde. (2002)</b>	47
<b>Descrição</b>	Localização: 3ª página do OESP, raras exceções. Na página: <i>Notícias do Rio, Notícias Diversas, Notícias de Minas</i> e, algumas vezes, o editorial <i>Notas e Informações</i> . Iconografia: fotografias referentes ao tema tratado pelo Boletim ou pelas demais seções presentes na página. Dimensão: 2 colunas, alcançando 4 neste primeiro ano.
<b>Notas gerais</b>	a) Posição pró-aliada: destaque para a invasão da Bélgica para provar a violência alemã; em dezembro de 1914, diante do ataque iniciado pelo <i>Diário Alemão</i> , Mesquita argumenta contra aqueles que denunciam sua posição pró-aliada. b) Característica textual: passagem de um caráter principalmente informativo dos primeiros (até fins de 1914) para um caráter mais opinativo, no qual as ironias e os rótulos de “selvagem” dirigidos aos alemães são mais frequentes; c) EUA: A possível intervenção norte-americana começa a surgir no início de 1915 com a crise instaurada pelo naufrágio do <i>Lusitânia</i> ; d) Brasil: O envolvimento do Brasil no conflito é mencionado apenas uma vez: em 1º de Março de 1915.
<b>Conteúdo</b>	Júlio Mesquita encara a Guerra como uma cruzada contra o militarismo alemão que pretende devorar a Europa e, quiçá, o mundo. Sua confiança na vitória Aliada permanece durante todo o primeiro ano do conflito, na medida em que se esforçou para enquadrar seus recuos e perdas numa moldura segundo a qual são insignificantes ou apenas estratégicos. A estratégia narrativa de Mesquita é colocar as derrotas dos Aliados em um panorama mais amplo, seja espacial – visualizando todas as frentes de batalhas da Guerra –, seja temporal – visualizando a história recente da Europa, da qual pôde retirar exemplos de aparentes derrotas que se converteram em vitórias. Nesse sentido, durante este ano a guerra de 1870 retorna ao texto frequentemente, com a finalidade de convencer o leitor de que na presente Guerra os reveses do exército aliado, vistos num quadro mais amplo, ou são de pouca importância ou converter-se-ão em vitórias. Mesquita destaca três fatos essenciais que, ao seu entender, garantem a vitória certa dos Aliados: a intervenção inglesa, a batalha do Marne e a declaração de guerra da Itália às Potências Centrais.

\*A data toma como referência o recorte temporal da edição de 2002.

## Anexo III

Tabela: divisão tripartite do conjunto dos *Boletins* Semanais

C Sem.	Otimismo			Pessimismo			Otimismo								
	1914			1915			1916			1917		1918			
1º	X			Lusitânia Itália Dardanelos			Verdun			E.U.A Rússia	→ →	A favor de Wilson Gov. Prov.	Rússia E.U.A	→	Saída
2º	Combate ao militarismo Alemanha bárbara	→ →	Causas Bélgica Marne Reims	Insucesso das ofensivas			Verdun Somme E.U.A	→	Contra Wilson	Brasil Rússia	→	Bolcheviques	Vitória		

### Anexo IV

Adjetivos utilizados entre agosto e novembro de 1914

Mês	Dia	Adjetivos
Ago	06	Incêndio / Assombroso drama de sangue
	17	Doloroso instante da história da humanidade / Tremendo conflito
	24	Conflagração que já apanhou grande parte do mundo e que a outra parte contempla com assombro e terror / Imensa calamidade / Tempestade / Inaudita violência / Terrível sinfonia de destruição e de morte
	31	Trágico conflito em que arde quase toda a Europa
Set	07	Conflito eternamente memorável
	14	Sangrenta confusão / Batalha sem precedentes na história da humanidade / Tremendo e decisivo duelo [Alemanha x França]
	21	Conflito armado que convulsiona quase todo o continente europeu / Guerra há tantos anos prevista / conflagração
	28	Tremendo conflito europeu / Guerra sem igual em todos os tempos
Out	05	Hedionda carnificina / Momentos de excepcional e trágica solenidade
	12	Grandiosa peleja
	19	Imenso embate
	26	Vastíssimo teatro da guerra europeia
Nov	02	Tumultuoso e ensangüentado trimestre / Tremenda conflagração / Imenso círculo do colossal embate / Guerra sem exemplo, entre todas bárbara e cruel / Ciclone / Hedionda combustão / Monstro / Tempestade terrestre / Calamidade composta de todas as calamidades
	16	Interminável batalha / Grande luta / Conflagração
	23	Transformação completa do mundo / Vastíssimo incêndio / Tão extenso e tão profundo abalo / Conflagração
	30	Tremendo conflito europeu / Tragédia



# Anexo VI

## Iconografia da frente ocidental - 17/08/1914

### A situação europeia

#### A repercussão no Brasil

A situação da Europa, desde o começo da guerra, tem sido acompanhada com interesse e curiosidade por todos os brasileiros. A repercussão da guerra no Brasil é, portanto, um assunto de grande importância para a população brasileira.

Em 1914, o Brasil estava vivendo um período de relativa estabilidade política e econômica. No entanto, a guerra na Europa trouxe mudanças significativas para o país.

Uma das primeiras consequências da guerra foi o aumento da demanda por produtos europeus, especialmente tecidos e alimentos. Isso levou a um aumento dos preços e a dificuldades para a população brasileira.

Além disso, a guerra afetou o comércio internacional, o que também impactou o Brasil. Muitas empresas brasileiras que dependiam de produtos europeus sofreram com a interrupção das importações.

No entanto, a guerra também trouxe oportunidades para o Brasil. Com o aumento da demanda por produtos brasileiros, muitas empresas locais cresceram e se fortaleceram.

Além disso, a guerra estimulou o desenvolvimento da indústria nacional, especialmente no setor de têxtil e alimentício.

Em resumo, a guerra na Europa teve uma repercussão significativa no Brasil, afetando a economia, a sociedade e a política do país.

### BOLETIM SEMANAL DA GUERRA

(DE ACORDO COM OS NOSSOS TELEGRAMAS)



As fronteiras de zona de guerra com as suas principais classes process de guerra.

Em 17 de agosto de 1914, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa. As tropas alemãs haviam avançado rapidamente para o oeste, ocupando a Bélgica e a França. As tropas aliadas estavam se movendo para o leste, tentando conter o avanço alemão.

Em Paris, a situação era de grande preocupação. O governo francês estava tomando medidas para fortalecer a defesa da cidade. As tropas alemãs estavam a poucos dias de distância de Paris.

Em Londres, o governo britânico estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército britânico estava sendo mobilizado para a frente.

Em Berlim, o governo alemão estava comemorando o sucesso das operações militares. O exército alemão estava sendo fortalecido para a próxima etapa da guerra.

Em Moscou, o governo russo estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército russo estava sendo mobilizado para a frente.

Em Washington, o governo americano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército americano estava sendo mobilizado para a frente.

Em geral, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa e imprevisível. O resultado da guerra ainda não estava claro.

### NOTÍCIAS DA ITALIA

Em 17 de agosto de 1914, a situação na Itália era extremamente tensa. O exército italiano estava sendo mobilizado para a frente. O governo italiano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país.

Em Roma, a situação era de grande preocupação. O governo italiano estava tomando medidas para fortalecer a defesa da cidade. As tropas alemãs estavam a poucos dias de distância de Roma.

Em Turim, o governo italiano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército italiano estava sendo mobilizado para a frente.

Em Nápoles, o governo italiano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército italiano estava sendo mobilizado para a frente.

Em Palermo, o governo italiano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército italiano estava sendo mobilizado para a frente.

Em geral, a situação na Itália era extremamente tensa e imprevisível. O resultado da guerra ainda não estava claro.

### NOTÍCIAS DA ALBANIA

Em 17 de agosto de 1914, a situação na Albânia era extremamente tensa. O exército albanês estava sendo mobilizado para a frente. O governo albanês estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país.

Em Tirana, a situação era de grande preocupação. O governo albanês estava tomando medidas para fortalecer a defesa da cidade. As tropas alemãs estavam a poucos dias de distância de Tirana.

Em Vlorë, o governo albanês estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército albanês estava sendo mobilizado para a frente.

Em Durrës, o governo albanês estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército albanês estava sendo mobilizado para a frente.

Em geral, a situação na Albânia era extremamente tensa e imprevisível. O resultado da guerra ainda não estava claro.

### MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Em 17 de agosto de 1914, o movimento associativo no Brasil estava em plena atividade. Muitas associações estavam sendo criadas para fortalecer a defesa do país.

Em São Paulo, o movimento associativo estava especialmente ativo. Muitas associações estavam sendo criadas para fortalecer a defesa da cidade.

Em Rio de Janeiro, o movimento associativo estava especialmente ativo. Muitas associações estavam sendo criadas para fortalecer a defesa da cidade.

Em Belo Horizonte, o movimento associativo estava especialmente ativo. Muitas associações estavam sendo criadas para fortalecer a defesa da cidade.

Em geral, o movimento associativo no Brasil estava em plena atividade e contribuindo para a defesa do país.

### PARALELISMOS

Em 17 de agosto de 1914, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa. As tropas alemãs haviam avançado rapidamente para o oeste, ocupando a Bélgica e a França. As tropas aliadas estavam se movendo para o leste, tentando conter o avanço alemão.

Em Paris, a situação era de grande preocupação. O governo francês estava tomando medidas para fortalecer a defesa da cidade. As tropas alemãs estavam a poucos dias de distância de Paris.

Em Londres, o governo britânico estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército britânico estava sendo mobilizado para a frente.

Em Berlim, o governo alemão estava comemorando o sucesso das operações militares. O exército alemão estava sendo fortalecido para a próxima etapa da guerra.

Em Moscou, o governo russo estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército russo estava sendo mobilizado para a frente.

Em Washington, o governo americano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército americano estava sendo mobilizado para a frente.

Em geral, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa e imprevisível. O resultado da guerra ainda não estava claro.

### Jornais do Rio

Em 17 de agosto de 1914, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa. As tropas alemãs haviam avançado rapidamente para o oeste, ocupando a Bélgica e a França. As tropas aliadas estavam se movendo para o leste, tentando conter o avanço alemão.

Em Paris, a situação era de grande preocupação. O governo francês estava tomando medidas para fortalecer a defesa da cidade. As tropas alemãs estavam a poucos dias de distância de Paris.

Em Londres, o governo britânico estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército britânico estava sendo mobilizado para a frente.

Em Berlim, o governo alemão estava comemorando o sucesso das operações militares. O exército alemão estava sendo fortalecido para a próxima etapa da guerra.

Em Moscou, o governo russo estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército russo estava sendo mobilizado para a frente.

Em Washington, o governo americano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército americano estava sendo mobilizado para a frente.

Em geral, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa e imprevisível. O resultado da guerra ainda não estava claro.

### CARNET DO 'ESTADO'

Em 17 de agosto de 1914, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa. As tropas alemãs haviam avançado rapidamente para o oeste, ocupando a Bélgica e a França. As tropas aliadas estavam se movendo para o leste, tentando conter o avanço alemão.

Em Paris, a situação era de grande preocupação. O governo francês estava tomando medidas para fortalecer a defesa da cidade. As tropas alemãs estavam a poucos dias de distância de Paris.

Em Londres, o governo britânico estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército britânico estava sendo mobilizado para a frente.

Em Berlim, o governo alemão estava comemorando o sucesso das operações militares. O exército alemão estava sendo fortalecido para a próxima etapa da guerra.

Em Moscou, o governo russo estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército russo estava sendo mobilizado para a frente.

Em Washington, o governo americano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército americano estava sendo mobilizado para a frente.

Em geral, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa e imprevisível. O resultado da guerra ainda não estava claro.

### ATTENTADO DE BERAJVO E A OPINIÃO DA IMPRENSA

Em 17 de agosto de 1914, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa. As tropas alemãs haviam avançado rapidamente para o oeste, ocupando a Bélgica e a França. As tropas aliadas estavam se movendo para o leste, tentando conter o avanço alemão.

Em Paris, a situação era de grande preocupação. O governo francês estava tomando medidas para fortalecer a defesa da cidade. As tropas alemãs estavam a poucos dias de distância de Paris.

Em Londres, o governo britânico estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército britânico estava sendo mobilizado para a frente.

Em Berlim, o governo alemão estava comemorando o sucesso das operações militares. O exército alemão estava sendo fortalecido para a próxima etapa da guerra.

Em Moscou, o governo russo estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército russo estava sendo mobilizado para a frente.

Em Washington, o governo americano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército americano estava sendo mobilizado para a frente.

Em geral, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa e imprevisível. O resultado da guerra ainda não estava claro.

### ATTENTADO DE BERAJVO E A OPINIÃO DA IMPRENSA

Em 17 de agosto de 1914, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa. As tropas alemãs haviam avançado rapidamente para o oeste, ocupando a Bélgica e a França. As tropas aliadas estavam se movendo para o leste, tentando conter o avanço alemão.

Em Paris, a situação era de grande preocupação. O governo francês estava tomando medidas para fortalecer a defesa da cidade. As tropas alemãs estavam a poucos dias de distância de Paris.

Em Londres, o governo britânico estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército britânico estava sendo mobilizado para a frente.

Em Berlim, o governo alemão estava comemorando o sucesso das operações militares. O exército alemão estava sendo fortalecido para a próxima etapa da guerra.

Em Moscou, o governo russo estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército russo estava sendo mobilizado para a frente.

Em Washington, o governo americano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército americano estava sendo mobilizado para a frente.

Em geral, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa e imprevisível. O resultado da guerra ainda não estava claro.

### ATTENTADO DE BERAJVO E A OPINIÃO DA IMPRENSA

Em 17 de agosto de 1914, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa. As tropas alemãs haviam avançado rapidamente para o oeste, ocupando a Bélgica e a França. As tropas aliadas estavam se movendo para o leste, tentando conter o avanço alemão.

Em Paris, a situação era de grande preocupação. O governo francês estava tomando medidas para fortalecer a defesa da cidade. As tropas alemãs estavam a poucos dias de distância de Paris.

Em Londres, o governo britânico estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército britânico estava sendo mobilizado para a frente.

Em Berlim, o governo alemão estava comemorando o sucesso das operações militares. O exército alemão estava sendo fortalecido para a próxima etapa da guerra.

Em Moscou, o governo russo estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército russo estava sendo mobilizado para a frente.

Em Washington, o governo americano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército americano estava sendo mobilizado para a frente.

Em geral, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa e imprevisível. O resultado da guerra ainda não estava claro.

### ATTENTADO DE BERAJVO E A OPINIÃO DA IMPRENSA

Em 17 de agosto de 1914, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa. As tropas alemãs haviam avançado rapidamente para o oeste, ocupando a Bélgica e a França. As tropas aliadas estavam se movendo para o leste, tentando conter o avanço alemão.

Em Paris, a situação era de grande preocupação. O governo francês estava tomando medidas para fortalecer a defesa da cidade. As tropas alemãs estavam a poucos dias de distância de Paris.

Em Londres, o governo britânico estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército britânico estava sendo mobilizado para a frente.

Em Berlim, o governo alemão estava comemorando o sucesso das operações militares. O exército alemão estava sendo fortalecido para a próxima etapa da guerra.

Em Moscou, o governo russo estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército russo estava sendo mobilizado para a frente.

Em Washington, o governo americano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército americano estava sendo mobilizado para a frente.

Em geral, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa e imprevisível. O resultado da guerra ainda não estava claro.

### ATTENTADO DE BERAJVO E A OPINIÃO DA IMPRENSA

Em 17 de agosto de 1914, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa. As tropas alemãs haviam avançado rapidamente para o oeste, ocupando a Bélgica e a França. As tropas aliadas estavam se movendo para o leste, tentando conter o avanço alemão.

Em Paris, a situação era de grande preocupação. O governo francês estava tomando medidas para fortalecer a defesa da cidade. As tropas alemãs estavam a poucos dias de distância de Paris.

Em Londres, o governo britânico estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército britânico estava sendo mobilizado para a frente.

Em Berlim, o governo alemão estava comemorando o sucesso das operações militares. O exército alemão estava sendo fortalecido para a próxima etapa da guerra.

Em Moscou, o governo russo estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército russo estava sendo mobilizado para a frente.

Em Washington, o governo americano estava tomando medidas para fortalecer a defesa do país. O exército americano estava sendo mobilizado para a frente.

Em geral, a situação na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial era extremamente tensa e imprevisível. O resultado da guerra ainda não estava claro.